

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

VOLUME 122.º



COIMBRA
1960

INSTITUTO DE COIMBRA

DIRECÇÃO

DIOGO PACHECO DE AMORIM	<i>Presidente</i>
JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS	<i>Vice-Presidente</i>
FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIRÓS . . .	<i>Secretário</i>
ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO.	»
ALBERTO MOREIRA DA ROCHA BRITO . .	»
TORQUATO BROCHADO DE SOUSA SOARES	»
LUÍS REIS SANTOS	»
FRANCISCO DE SOUSA NAZARÉ	»
JOSÉ CAMPOS DE FIGUEIREDO	<i>Tesoureiro</i>
Coronel BELISÁRIO PIMENTA	<i>Director da Biblio- teca</i>

O INSTITUTO

VOLUME 122.º

Composto e impresso nas oficinas da «Coimbra Editora, L.^{da}»

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

VOLUME 122.º



COIMBRA
1960

COMISSÃO DE REDACÇÃO

DIOGO PACHECO DE AMORIM
TORQUATO BROCHADO DE SOUSA SOARES
JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Ilha n.º 1

COIMBRA

REFFORMAÇÃO, VNIAÕ, E PRINCIPIO DO
MOSTEIRO DE SAÕ SIMAÕ DA JUNQUEIRA,
E TODOS SEUS PRIORES. ~ .

Hvma legoa distante de Villa de Conde, e Vairaõ: no Iulgado de Faria, na Aldea de Freande, termo da Villa de Barcellos, entre os Rios Ave, e Deste, Arcebispado de Braga: está situado o nosso mosteiro de Saõ Simaõ da Junqueira, o qual he tam antigo que se lhe naõ sabe principio, e he tradiçaõ que fora edifficado antes da perda de Espanha.

¶ Paresse o reedifficou Dom Arias, Arcediago da seé de Braga, na Era de, M.c.x. que he Anno, 1072 = sendo Arcebispo Dom Pedro = por que na Era de, M.c.xx. se acha memoria certa estar já reedifficado, e o mesmo Arcediago Dom Arias, era nelle Prellado com titulo de Abbade, com seis Conegos que viviaõ em comum segundo a regra do Patriarca santo Agostinho = como consta de hum Prazo antigo feito nesta Era, que he Anno de christo = 1082 =

¶ Na Era de, M.c.xx.ij = que he Anno = 1084 = hum fidalgo que se chamava = Pedro Rauco, rico homem, com seus filhos, Mendo Suares, e Aldora Suares: fizeraõ doaçaõ de huma sua herdade a o mosteiro de saõ Simaõ da junqueira, e a o seu Abbade o Arcediago Dom Arias, consta da mesma doaçaõ —

¶ Na Era de, M.c.xxxx.ij = he Anno de, 1104 = Payo Suares, fas doaçaõ ao mosteiro de saõ Simaõ, e ao seu Abbade o Arcediago Dom Arias, da Herdade de Villa Cham: e na doaçaõ dis estas palavras = que está o mosteiro fundado, in villa Freandi subtus mons ciuitatis

Bogunti, et castro Argifonsi, territorio Braccarensi dis-currentibus rivis Ave, et Aleste . ettag.

¶ Na Era de, M. c. l. viij = he Anno = 1120 = em, 23, de janeiro, Arias Cesaz, e sua mulher Dona Aragonta, fazem doaçaõ de sertas herdades ao Abbade de saõ simaõ, o Arcediago Dom Arias —

¶ Payo Gutterres fidalgo que veio de Gasconha com o Conde Dom Henrique acressentou este mosteiro em edificios, e rendas que lhe doou, com que ficou Padroeiro seu, foro que conseruaraõ por muitos annos seus descendentes, como consta de huma carta de liberdade, e doaçaõ que elles fizeraõ ao dito mosteiro, e ao seu Prior môr Dom Payo Garcia, em os, 12, de Dezembro, Era de, M. cc. x. viij = que he Anno = 1180 =

Muitas outras doaçoens se fizeraõ a este mosteiro em differentes tempos, que he escuzado refferillas todas = ElRey Dom Affonso Henriques lhe mandou demarcar, e confirmou o Couto no Anno de, 1181 = ao Prior Dom Payo Garcia =

O Prior môr deste mosteiro por concessaõ dos serenissimos Reys de Portugal tinhaõ Iurisdicaõ Secular Civel, no seu couto, ellegia todos os Annos Juis Pedaneo, e delle se appellava pera o mesmo Prior môr = durou isto até o tempo, e reynado do serenissimo rey Dom Manoel, o qual por sentença quebrou este privilegio sendo Prior môr hum Dom joaõ Gonsalves

¶ PRIORES MORES PERPETUOS DO MOS = D TEIRO DE SAÕ SÍMAÕ DA JUNQUEIRA

¶ .I. Dom Arias, Arcediago da seê de Braga: reedificador deste mosteiro, Anno, 1072 = Foy o Primeiro Prelado com titulo de Abbade. Chegaõ suas memorias até o Anno de, 1146 =

¶ Dom Joaõ: com titulo de Prior môr, Anno, de 1147 = renunciou no Anno de, 1154 =

¶ Dom Garcia = alias Dom Pedro Garcia Prior môr sua memoria des o Anno de, 1154; até 1156 =

¶ Dom Arias; Arcediago. Prior môr Anno = 1157 = deve ser outro, porque saõ muitos Annos = Ate, 1159 =

¶ Dom Payo Ooris = Prior môr deste mosteiro, sua: memoria Anno, 1162 =

¶ Dom Arias, Prior môr = parece ser outro, ou os Annos astaõ errados = pellos Annos, 1165 = e 1167 =

¶ Dom Payo Paes = Prior môr de saõ símaõ sua memoria pellos Annos de, 1175 = e 1177 =

¶ Dom Payo Garcia Prior môr deste mosteiro, pellos Annos de, 1180 = era irmaõ de Dom Pedro Garcia Prior môr de Nandim, e sobrinhos de Dom Gudinho Arcebispo de Braga geraçaõ Santa: Faleceo o Prior Dom Payo Garcia em, 20, de Agosto, do Anno de, 1192 = está sepultado na parede da igreja iuto ao Altar collateral da parte do Euan-gelho = dis assi o seu Epitafio = = Xij = Kalend. Septem-bris obiit feliciter in Domino venerabilis Pater Domus Pelagius Garcia Prior hujus monasterij = Era = M. cc. xxx. = Por toda a terra de Faria era chamado o Prior santo de saõ símaõ.

¶ Dom Juliaõ Conego do mosteiro de Santa Crus eleito Prior môr, Anno = 1192 = sua memoria ate o Anno, 1229 — 25. Dezebro

¶ Dom Affonso = Prior môr do mosteiro de saõ Símaõ pellos Annos de, 1239 = e 1255 = — 1233 = C. S. ✕ 25. de Nouembro —

¶ Dom Gonçallo Dominges = Prior môr deste mos-teiro, pellos Annos de, 1256 = e 1270 =

¶ Dom Domingos Paes = Prior môr do mosteiro de saõ símaõ da junqueira, pellos Annos de, 1283 —

¶ Dom Domingos Gomes = Prior môr deste mosteiro, pellos Annos de, 1294 = ate o de, 1314 =

¶ Dom Joaõ Esteves = Prior môr deste mosteiro sua memoria dos Annos de, 1314 = ate, 1319 =

¶ Dom Domingos Pires = Prior môr de saõ símaõ sua memoria Do Anno de, 1319 = até, 1325 =

☞ Dom Aparicio = Prior môr deste mosteiro sua memoria do Anno de, 1326 = ate, 1330 =

☞ Dom Affonso, 2º, do nome Prior môr deste mosteiro pellos Annos de, 1342 = e, 1348 =

☞ Dom Domingos Domingues Tenorio = Prior môr sua memoria pellos Annos de, 1365 =

☞ Dom Estevão Annes = Prior môr deste mosteiro sua memoria pellos Annos de, 1377 =

☞ Dom Estevão Domingues = Prior môr deste mosteiro pellos Annos de, 1393 = ate, 1404 =

☞ Dom João do Casal, — Prior môr deste mosteiro sua memoria pellos Annos de, 1409 =

☞ Dom Gonçallo Fernandes, — Prior môr deste mosteiro, sua memoria pellos Annos de, 1414 =

☞ Dom Domingos Pires = Prior môr do mosteiro de saõ Sîmaõ sua memoria pellos Annos de, 1415 —

☞ Dom Estevão Ferreira = Prior môr deste mosteiro sua memoria, Faleceo em Roma no Anno de, 1455 =

☞ Dom Rodrigo Alvares = Prior môr provido no mesmo Anno de 1455 — pello Papa Calixto 3º =

☞ Dom João Gonsalves = Prior môr deste mosteiro sua memoria pellos Annos de 1476 — Faleceo Anno = 1486 —

☞ Dom Pedro Alvares = Prior môr foy o vltimo eleito pello Convento, faleceo no Anno de, 1516 =

☞ Dom Diogo Pínheiro; Bispo do Funchal Priôr môr comendatario por merce delRey Dom Manoel, no Anno de, 1516 =

☞ Dom Miguel da Silva, comendatario deste mosteiro, tambêm o foy de Nandim. Depois Bispo de Vizeu, e cardeal em Roma, lá faleceo. Supra = Pag = 159 = verso =

☞ O Doutor Rodrigo Gomes Pinheiro = Prior môr comendatario deste mosteiro —

☞ Pedro Gomes Pinheiro = que se íntitulava Dom Prior, e fidalgo da caza delRey.

☞ Dom Rodrigo Pinheiro Prior môr Comendatario, que foy Bispo do Porto = renunciou no Anno de, 1573.

☞ Martinho Pinheiro seu sobrinho = Comendatario,

tomou posse pella renuncia no Anno de, 1573 = Foy o vltimo comendatario, Faleceo no Anno de, 1590 =

¶ Por falecimento de Martinho Pinheiro, vltimo comendatario, no Anno de = 1590 = o Padre Prior geral Dom Acurcio de Santo Agostinho mandou tomar posse deste mosteiro pella dezistencia do Padroado real que elRey Dom Felipe o Prudente tinha iã feita = e pos neste mosteiro Prezidente — ao Padre

¶ Dom Andre dos Anjos = que da qui sahio pera collega no capitulo geral do Anno de, 1593 =

¶ Dom Joaõ das Neves, Prezidente, Anno, 1593 = em cujo tempo chegaraõ as letras da Vniaõ.

¶ No Anno de — 1594. em 23 — de Mayo, o Papa Clemente 8.^o passou as letras da Vniam, e refformaçam dos — 10 — mosteiros. Chegaram no Anno seguinte = por virtude dellas o Padre Doutor Dom Christouã de Christo Prior geral com seus colegas, tomou posse deste mosteiro de sam Símam em o .1.^o. dia de Mayo, Anno = 1595. e neste dia em que comessou sua refformaçam, fes eleiçam canonica do seu primeiro Prior triennial = o seguinte.

¶ PRIORES TRIENNAES DO MOSTEIRO DE SAM SÍMAM DA JUNQUEIRA

¶ .1. O Padre Dom Manoel de Sam Ioam: acabou a Prezidêcia de Caramos: eleito Prior deste mosteiro em o .1.^o. dia de Mayo = Anno 1595. Confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Christouam, e seus colegas, D. Andre dos Anjos, e D. Rafael da Piedade.

¶ .2. Dom Mauricio da Esperança = eleito Prior deste mosteiro = Anno = 1598 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro = collegas. D. Manoel do Salvador, e D. Lourenço dos Martyres.

¶ 3. Dom Fernando de S^{to} Antonio = eleito Prior deste mosteiro . Anno = 1601 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Acurcio = collegas = D. Andre dos Anjos = e D. Miguel dos Reys.

¶ No Capitulo geral do Anno = 1602 = se ordenou q̄ os mosteiros píquenos nam sejam Priorados . tenham Prezidentes.

¶ Dom Gregorio da Paixam = eleito Prior no capitulo geral do Anno = 1605 = nullo = confirmado pello Padre Dom Bernardo Asserto geral, e seus chamados colegas. Foy reprovado por votos do conuento, Anno = 1607 = Prior geral Apostolico Dom Antonio das chagas; e seus colegas . D. Nicolao dos santos . e D. Gaspar dos Reys.

¶ Dom Sebastiam da Graça = eleito Prior deste mosteiro, Anno = 1607 = Confirmado pello Padre Prior geral Apostolico Dom Antonio das chagas: e Seus Colegas nomeados, D. Nicolao = e D. Gaspar.

Declarou o Diffinitorio, que nam era Prior, se naõ Prezidente. Foy a capitulo geral — Anno = 1609 = pella açcam .1^a. de Prior.

¶ No Capitulo geral do Anno = 1612 = Vniram este mosteiro de sam Síam, ao mosteiro de Moreira pera as obras . é os Piores de Moreira que fossem Prezidentes deste da junqueira.

¶ Dom Antonio de Sto Agost.^o Prior de Moreira = Presidente de sam síam da junqueira . Anno = 1612 = ate = 1615 =

¶ Dom Bernardo da Piedade . Prior de Moreira = Prezidente de sam síam = Anno = 1615 = ate — 1618 —

¶ Dom Constantino dos Anjos = Prior de Moreira: Prezidente de sam síam — Anno = 1618 = ate — 1621 —

¶ Dom Luis dos Anjos = Prior de Moreira — Prezidente de sam síam — Anno = 1621 = até — 1624 —

¶ No capitulo geral do Anno = 1624 = Acabou esta uniam = mas ficou logo unido este mosteiro da junqueira com suas rendas para o mosteiro que se mandou fazer a santo Theotónio = é sempre teus Presidentes.

No Capp.^o G.^{al} q̄ se celebrou neste Real Mostr.^o de s^{ta} Cruz aos 15 de Abril do Anno de 1687 em q̄ sahio eleito G.^{al} o R.^m P.^o D. Innoçençio da Resurreiçãõ, se tomou acento por todo o Capp.^o q̄ no Mostr.^o de S. Simão da Junq.^{ra} se fizesse eleição de Prior, p.^a o q̄ ficaraõ ja no Diffinitorio antecedente nomeados plos Diffinidores cinco vogaes, a respeito da clauzula, cõ q̄ se nos deixou a Igreja de saõ Christouãõ, junto aõ mesmo Mos.^{tro}, q̄ he de bom rendim.^{to}, e em q̄ consiste a major parte da renda da quelle Mostr.^o. hera a clauzula: que no dito Mos.^{tro} houvesse mais religiosos, q̄ os dous PP.^{es} Presidente, e seu compah.^{ro}, p.^a poderem pregar, confessar, e celebrar os cffiçios Divinos com mais deçençia, e major consolacãõ dos freguezes. E porq̄ no tempo em q̄ foi Arçebispo Primãs o s.^{to} D. Luis dessorza vagou a dita Igreja de S. Christouãõ, havendosse faltado as condiçoens referidas, por naõ ascistirem no Mos.^{tro}, mais q̄ os dous religiosos Prezid.^o, e seu companh.^{ro} Intentou o Ill.^m S.^{to} Arçebispo prouer, e por aõ concurso a dita Igreja, por assim estar assentado na doaçãõ. Com tudo deixou de o fazer por ter respeito a religiaõ, e aõs PP.^{es} Geraes della, por ter com algum p.^{ar} amizade, e tambem por lhe constar do acento q̄ no Capp.^o G.^{al}, aõ cerca da eleição de Prior se tinha tomado, p.^a assim se dar satisfacãõ a clauzula da Doaçãõ, como logo se satisfes elegendo no mes de Julho do Anno de 1687 ao P.^o

4 D. Christouãõ da Cruz foi o 4.^o Prior Trienal do Mos.^{tro} de S. Simão da Junq.^{ra} e Comfirmado plo R.^m P.^o D. Innoçençio da Resurreiçãõ, e por seus collegas D. Antonio do Desterro, e D. Constantino de S. Bernardo. o P.^o D. Christouãõ era m.^{cr} do Mos.^{tro} de s^{ta} Cruz, e filho do Mos.^{tro} de Grijo, natural de Agueda f.^o legitimo de Joaõ

Cerveira da Cunha e sua m.^{er} Brites de Almeida Queimada, da mais principal gente da quella terra.

5.^o D. Paulino da Purificação foi eleito Prior do Mos.^{tro} de S. Simão da Junq.^{ra}, e foi o 5.^o Trienal deste Mostr.^o foi confirmado plo R.^{mo} P.^o o D.^{cr} Pedro da Gloria, e seus collegas D. Silvestre dos Anjos, e D. P.^{am} da Natiuid.^o no mes de Julho do anno de 1690. o P.^o Prior era m.^{er} no Mos.^{tro} de Landim, e f.^o do Mos.^{tro} de s^{ta} Cruz n.^{al} da Cid.^e do Porto.

6.^o Dom Mauricio de S. Domingos conego Professo do mos.^{tro} de S.^{ta} Crus e m.^{er} no de Landim foi eleito em Prior do mostr.^o de saõ Simão e confirmado pello R.^{mo} P.^o Geral Dom M.^{el} de saõ Jozeph e seus collegas O D.^{cr} Dom Alexandre de S. Jozeph e Dom Theot.^o da Conceição

7.^o Dom Simão do Nascim.^{to} conigo Professo do Real mostr.^o de S.^{ta} Crus, e m.^{er} no de Saõ Simão foi eleito em Prior do mesmo mostr.^o, e confirmado pello R.^{mo} P.^o Geral Dom Ieronimo de Saõ Joseph, e seus collegas, D. Christouaõ da crus e Dom Jgnacio dos Anjos. —

8.^o Dom Gabriel da Anunciaçã conigo Professo do mostr.^o de Moreira, foi eleito Prior do mostr.^o de S. Simão da Iunq.^{ra} a donde era morador e confirmado pello R.^{mo} P.^o Geral Dom Pedro da Gloria e seus collegas Dom Alexandre de S^{ta} M.^a e Dom Verissimo de S. Gomsallo.

9.^o Dom Fran.^{co} de S. Jeronimo Conigo Professo do mostr.^o da Serra foi eleito em Prior do mostr.^o de S. Simã sendo morador do mostr.^o de Moreira, e confirmado pello R.^{mo} P.^o Geral Dom Joaõ do Paraiso e seus collegas Dom Alvaro da Conceiçã e D. Jeronimo de S. Joaõ

10 Dom Dionisio de S^{to} An.^{to} Conigo Professo do mostr.^o de S^{to} Agostinho da Serra da cidade do Porto, foi

eleito em Prior deste mostr.^o, e confirmado pello Rm^o P.^o Geral Dom Gaspar de Incarnação e seus collegas Dom Ambrosio da Conceição e Dom Miguel do Sacram.^{to}

11 Dom Jozeph da Conceição conigo Professo do mostr.^o de S. Vicente foi eleito Prior do mos.^{tro} de Cramos, e confirmado pello Rm.^o Padre Geral Dom Jozeph de S. Joaõ e seus collegas Dom Joaõ de S.^{ta} Moniça, e Dom fran.^{co} de S. caetano —

12 Dom caetano de S. fran.^{co} conigo Professo do Real mos.^{tro} de S^{ta} Crus foi eleito Prior do mos.^{tro} de Saõ Simaõ da junq.^{ra} e confirmado pello Rm^o P.^o geral Dom Joaõ de Christo e seus collegas Dom Manoel dos S.^{tos}, e Dom Thomas da Incarnação

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE VILLAGUA=BOA=SEU PRINCIPIO, VNIAO, REFFORMA=CAO, E TODOS SEUS PRIORES ~.

O Mosteiro de Santa Maria de Valboa, alias Villaboa, q̃ se chama, do Bispo, Situado sobre o Rio Tamega, no Conselho de Bemviver, bispado do Porto, teve seu principio, e fundação na Era de Cezar, M. xx. viij = he Anno de Christo de 990 = pello Capitam Dom Moninho Viegas, chamado, o Gasco = e seu irmão Dom Sesnando Viegas, que foy depois Bispo do Porto, fidalgos Portuguezes bem conhecidos, que vieraõ de Gasconha com huma poderosa Armada tér a Cidade do Porto, os quais a reedificaraõ, e alcansaraõ dos Mouros gloriozas victorias, conquistando as terras que caem de huma, e outra ribeira do Rio Douro, até os Conselhos de Rezende, e Bemviver, a onde o capitam se vio em hum grande perigo da vida dando huma batalha a os Mouros iunto ao lugar de Valboa, que oje dizemos, Villaboa, cheo de feê confiando em Deos nosso Senhor, chamou pella Virgem Maria nossa Senhora lhe valesse, fes votto, se lhe desse victoria contra aquelles inimigos do nome christaõ, lhe fundaria na quelle lugar caza de Oraçaõ.

¶ Alcansada esta Victoria, mandou o Capitão Dom Moninho viegas fundar a Igreja, e mosteiro no proprio lugar de Valboa, a onde foy a Batalha, no mesmo Anno a síma dito = 990 = Acabada a Igreja a sagrou Dom Nonego, Bispo de Vandoma em França, que tinha vindo na Armada dos Gascoens com o Capitam Dom Moninho: e dizem o fizeraõ Bispo do Porto, isto não consta do catalogo dos Bispos desta cidade.

¶ Acabado o mosteiro pôs nelle clérigos de boa vida, e pera seu Abbade, a Dom Rozardo, varaõ apostolico de santa vida que tambem viera das partes de França na mesma Armada dos Gascoens = o qual como era conego Regrante, ordenou aquelles Clerigos vivessem em comum segundo a Regra do Patriarca santo Agostinho, fazendoos Conegos Regrantes, cujo instituto tanto florescia por aquelles tempos nas partes de França, donde tinha vindo = Foy isto pellas Eras de Cezar = M. xxx. viij = que saõ Annos de christo, de, 1000 = o que confirmou o Papa. Silvestre, 2º =

¶ O fundador Dom Moninho Viegas dotou com larga maõ a este seu mosteiro, como consta do seu testamento feito no Anuo de 1012 = huma eõ verba do qual, dis desta maneira = Jtem confirmo nostro iam dicto monasterio Sanctæ Mariæ vallis bonæ omnes cassales, et hæreditates quas dedi Domino Rozardo Abbati, et socijs éjus, Presbyteris, et clericis, dum ibi Deo servierint, et in vita sancta perseveraverint, secundum Regulam Beati Angustini — Facta charta testamenti mense Julio Era, M. l = Em romance = Confirmo tambem a o nosso mosteiro todos os Cazaes, e herdades que deí ao Abbade Dom Rozardo, e a seus companheiros Presbyteros e clérigos, em quanto servirem a Deos no dito mosteiro de Santa Maria de Valboa, e perseverarem em vida religioza segundo a Regra do Padre Santo Agostinho. — . foy feita esta carta de testamento no mes de julho da Era de, mil e síncoenta — he Anno a síma dito — 1012 =

¶ Feito seu testamento, considerandosse velho, e cansado de batalhar com os Mouros, deixando sua caza, e estado a seu filho Egas Muniz, se recolheo a este seu mosteiro, e nelle tomou santo habito canonico, e perseverou no servisso de Deos nosso Senhor o restante de sua vida, que os conegos o elegeraõ seu Abbade por falecímto de Dom Rozardo, mas elle a inda que asseitou o governo naõ quis por sua humildade o titulo de Abbade, mas se chamava, Prior; governou alguns annos ainda que poucos, santamente, até sua morte que foy no Anno de, 1022 =

como consta do Epitafio da sua sepultura que está na Clastra deste mosteiro, e dis assim = Era, M.lx = obiit Domnus Moninho Viegas — Prioli, qui dicitur, Gascus, et filij ejus Egas Muniz, et Gomes Muniz; Requiescant in pace; Amen. em romance = Na Era de mil e sessenta = isto he Anno de, 1022 = faleceo o Prior Dom Moninho viegas que se chamava, Gasco, e iazem a qui com elle seus filhos Egas Muniz, e Gomes Muniz: descansem em pês, Amen.

¶ A este mosteiro de Villaboa com o fundador Dom Moninho viegas, se recolheo o Santo Bispo Dom Sesnando seu irmão, depois que renunciou o bispado do Porto; e nelle tomou o habito de conego Regrante, e gastou o vltimo quartel de sua vida em oração, e contemplação das couzas do Ceo, e padeceo Martyrio pellos Mouros estando dizendo Missa em huma Ermida dedicada ao Salvador, perto do mcsteiro, a onde os Conegos Regrantes sepultaraõ seu santo corpo, e lhe puzeraõ o Epitafio seguinte = ¶ .iij. Kalen . Febrar . obiit in Dño Dñus Sesnandus Episcop . Portugalens . a Mauris tellis confossus, dum sacrã faceret . E. M.l.xx.iij. ¶ Que vem a dizer = Em, 30, de janeiro faleceo no Senhor Dom Sesnando Bispo do Porto ferido, é morto às lançadas dos Mouros, estando celebrando Missa: no Anno de, 1035 =

¶ Nesta Ermida do Salvador esteve o Santo Bispo sepultado cento e sete annos, até que o Bispo do Porto Dom Pedro Rabaldes nosso Conego o fes tresladar pera a a igreja do mosteiro, e entaõ o achou inteiro, e incorrupto = na parede sobre a sepultura lhe mandou pintar a fresco o martyrio com o Epitafio seguinte.

¶ Martyr, et Antistes iacet hic rite sepultus,
V. jdus Octobris, in Era, M.c.l.xxx.
Sesnandus nomine, quem Christus ad ætera sumpsit,
iij. Kalend. Februar. in Era, M.l.xx.iij.

Querem dizer = O Martyr, e Bispo Dom Sesnando, a quem Christo leuou ao Ceo em, 30, de janeiro, do Anno de, 1035 = foy aqui tresladado com solemne rito, em os onze de Outubro, do Anno de, 1142 =

¶ O serenissimo, ê grande Rey Dom Affonso Henriques, fes Couto a este mosteiro, sendo Prior môr delle Dom Egas, como consta da sua carta que lhe passou em os, 12, de Fevereiro, Era, M.c.lxx.ix. que he Anno de, 1141 = Este mosteiro ainda oje conserva este seu couto confirmado pellos Reys deste Reyno.

¶ CATALOGO DOS PRIORES MORES ¶
DO MOSTEIRO DE VILLABOA ~.

.I. ¶ Dom Rozardo = foy o primeiro com titulo de Abbade, no Anno do senhor = 990 = Era de Cezar, M.xx.viiij —

¶ Dom Moninho Viegas o Gasco, fundador, e dotador: não quis o nome de Abbade, Faleceo Prior no Anno de, 1022 =

¶ Dom Egas = Prior môr de villa boa, pellos Annos de, 1141 = Faleceo em os, 10, de Fevereiro. conego do R. M. de s^{ta} crus ~ — †

¶ Dom Muninho = Prior môr, pellos Annos de, 1182 =

¶ Dom Rodrigo Fernandes; Prior môr de villaboa = sua memoria pellos Annos de, 1209 = faleceo em, 20, de Dezembro —

¶ Dom Pedro Martins — Prior môr de villa boa = sua memoria pellos Annos de, 1222 =

¶ Dom Domingos Martins — Prior môr de villaboa = sua memoria pellos Annos de, 1231 =

¶ Dom Pedro Martins outro = Prior môr de villa boa — sua memoria pellos Annos de, 1259 = faleceo em, 16, de Março =

¶ Dom Domingos Pires = Prior môr de villaboa = sua memoria pellos Annos de, 1290 =

☐ Dom Payo Cardiga = Prior môr de villaboa = sua memoria pellos Annos de, 1323 = faleceo em 10, de Mayo —

☐ Dom Nicolao Martins = Prior môr de villaboa = Faleceo em 25, de Novembro = do Anno de, 1392 =

☐ Dom Salvado Pires Prior môr de villaboa = Eleito pello convento Anno, 1392 =

☐ Dom Duarte Gonsalves Barboza = Prior môr de villa boa — pellos Annos de, 1404 =

☐ Dom Alvaro vasques = Prior môr de Villa boa = Sua memoria pellos Annos de, 1428 —

☐ Dom Martinho Gonsalves = Prior môr de villaboa sua memoria pellos Annos de, 1436 =

☐ Dom Rodrigo Gonsalves Barboza, vltimo Prior môr eleito pello convento = sua memoria = Anno = 1449 =

☐ Dom Joaõ de Castro = comendatario, por merce delRey Dom Joaõ 2º = pellos Annos de, 1475 =

☐ Dom Joaõ de Azevedo, Bispo do Porto = comendatario, pellos Annos de, 1480 = Faleceo no Anno de, 1493 =

☐ Dom Pedro Homem = Prior môr de villa boa, eleito no Anno de, 1493 = Foy comendatario cerca de, 13, annos =

☐ Dom Manoel da Silua = comendatario deste mosteiro, pellos Annos de, 1506 = por merce delRey Dom Mancel —

☐ Dom Manoel de Azevedo = comendatario deste mosteiro, pellos Annos de, 1516 = renunciou com troca —

☐ Dom Luis de Almeida = Sobrinho do Prior môr de villarinho — entrou aser comendatario do mosteiro de villa boa, pella troca. Faleceo em, 23, de Abril. Anno de, 1565 —

☐ Miguel de Almeida = Conego, e Prior crasteiro deste Mosteiro = Entrou a ser Dom Prior Comendatario, no Anno de, 1565 = Foy o vltimo Prelado deste mosteiro de Villaboa = Faleceo em os onze de Setembro do, Anno de, 1605 =

☐ No Anno de, 1594 = em 23, de Mayo, o Papa Clemente 8º, passou as letras da Vniaõ, e refformaçã dos Dês Mosteiros. O Padre Doutor Dõ Christouaõ de Xpo Prior geral com seus Collegas D. Andre dos Anjos, e

D. Rafael da Piedade, tomou posse deste mosteiro em, 10, de Feuereiro do Anno de 1595 = em vida e de consentimento do sobredito Dom Abbade vltimo comendatario Miguel de Almeida.

¶ No Anno de, 1605 = por falecimento do Padre Dom Abbade Miguel de Almeida, em, 12, de Setembro, tomou posse deste mosteiro o Padre Dom Gaspar dos Reys, por comissaõ que tinha do Padre Prior Geral Dom Lourenço do Espirito Santo Soares, e seus collegas D. Clemente

da Assumpsaõ, e D. Joaõ das Neves: vnindoo à Congregaçaõ com posse real, e actual, e neste dia em que comessou a sua refformaçãõ, meteu de posse ao seguinte Prezidente.

¶ PREZIDENTES DO MOSTEIRO DE D VILLABOA DO BISPO

¶ Dom Mauricio da Esperança = foy confirmado em Prezidente deste mosteiro em, 12, de Setembro: Anno = 1605 = por Dom Gaspar dos Reys, pella comissaõ que tinha a síma dita.

¶ Dom Raffael da Conceiçaõ = confirmado em Prezidente, no Anno de, 1607 = pello Padre Mestre Dom Antõnio das Chagas Prior geral Apostolico = e collegas D. Nicolao dos s^{tos}: e D. Gaspar dos Reys.

O Padre Prezidente foy a Capitulo no Anno, 1609: cõ os mais Prezidentes ~.

¶ Dom Gregorio da Paixaõ = Confirmado em Prezidente, no Anno de, 1610 = pello Padre Prior geral Dom Miguel Pessanha; e seus collegas, D. Jeronimo da Crus, e D. Constantino dos Anjos.

¶ Dom Raffael da Conceiçaõ = eleito 2^a, ves no Diffinitorio . confirmado em, 8, de Dezembro, Anno, 1612 =

pello Padre Prior geral Dom Dionyzio da Mizericordia .
Collegas, D. Antonio da Crus, e D. Gaspar dos Reys.

O Padre Prezidente Faleceo, no Anno = 1613 =

¶ Dom Nicolao da Conceição = confirmado em, 27,
de Feuereiro . Anno — 1613 = pello mesmo Padre Prior
geral Dom Dionyzio . e os mesmos seus collegas ia nomeados.

¶ Antonio do Saluador = Confirmado em, 14, de
Setembro, Anno, 1615 = pello Padre Prior geral Dom Jero-
nimo da Crus: e collegas, D. Manoel de Christo, e D. Sebas-
tiaõ da Graça —

¶ Dom Sebastiaõ das Chagas = Confirmado em, 5,
de Nouẽbro, Anno — 1618 = pello Padre Prior geral Dom
Miguel Pessanha . e seus colegas, D. Andre da Conceição, e
D. Luis da Silueira.

¶ Dom Agostinho dos Anjos = Confirmado em, 5,
de Nouẽbro, Anno, 1621 = pello Padre Prior geral Dom
Antonio da Crus . e seus collegas, D. Christouaõ de saõ
Joaõ = e D. Bertolomeu da Vizitação.

¶ No Capitulo geral do Anno de, 1624 = se ordenou
fosse este mosteiro Priorado = Cujos Piores saõ os
seguintes.

¶ .I. Dom Antonio dos Martyres = eleito Prior em
onze de Setembro, Anno, 1624 = Confirmado em, 13, pello
Padre Prior geral Dom Sebastiaõ da Graça = Collegas,
D. Marcos da Crus, e D. Diogo Aranha.

¶ Dom Theotonio dos Anjos = Prezidente ex causa,
confirmado em, 27, de Nouembro Anno, 1627 = pello Padre
Prior da Serra por comissaõ do Padre Prior geral Dom
Miguel Pessanha; e seus collegas, D. Francisco das Neues.
e D. Simaõ das Chagas.

¶ .2. Dom Theotónio dos Anjos = q̄ era Presidente, eleito em Prior em, 12, de Setembro Anno, 1628 = pello mesmo Padre Prior geral e seus collegas a sima nomeados =

¶ .3. Dom Constantino da Cruz = eleito, e confirmado Prior em, 17. de Agosto, Anno, 1630 = pello Padre Prior geral Dom Jeronimo da Cruz = e collegas, D. Jozeph de Christo Bretian. e D. Gabriel da Ressurreiçãõ.

¶ .4. Dom Paulo de Christo = eleito Prior em onze de Agosto, cõfirmado em, 15 = Anno, 1633 = pello Padre Prior geral Dom Luis da Silveira. e collegas, D. Luis da Paixaõ, e D. Theodozio da Assumpçãõ.

¶ .5. Dom Bazilio da Conceiçãõ = eleito, e Confir- mado Prior em, 24, de Setembro, Anno, 1636 = pello Padre Prior geral Dom Paulo Barretto = e collegas, D. Damiaõ da crus, e D. Christovaõ da Cruz.

Foy Prior. 8. annos. e hũ mes por cauza —

¶ 6. Dom Balthazar dos Reys = eleito Prior e, 20, de Outubro. confirmado em, 3, de Nouẽbro, Anno = 1644 — pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo: Collegas, D. Jnnocencio das chagas, D. Nicolao de s^{ta} Maria.

O Padre Prior faleceo no capitulo geral, Anno, 1647 =

¶ .7. Dom Gabriel dos Anjos = eleito Prior em, 23, de Agosto, e confirmado em, 25, Anno, 1647 = pello Padre Prior geral Dom Luis Silveira = collegas, D. Luis da Res- surreiçãõ, e D. Agostinho do Rozario —

¶ 8. Dom Bernardo da Cruz = eleito Prior em, 16, de Setẽbro, confirmado em, 18, Anno, 1650 = pello Padre Prior geral Dom Jeronimo de Noronha = collegas, D. Simaõ da Paixaõ, D. Ioseph da Annunciaçãõ.

¶ 9. Dom Bazilio de Santa Maria = eleito Prior ã, 24, de Setãbro, confirmado em, 30, Anno, 1653 = pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo = collegas, Doutor D. Antonio dos S.^{tos} = D. Matteos da Crus.

¶ 10. Dom Mauricio de Christo = eleito Prior ã, 13, de Setembro, cõfirmado em, 15, Anno, 1656 = pello Padre Prior geral Dom Luis da Silueira = collegas, D. Agostinho da Encarnaçaõ, D. Andre da Conceiçaõ.

¶ .11. Dom Jorge de S^{to} Antonio = eleito Prior ã, 27, de Agosto Anno, 1659 = confirmado ã o, 1^o, de Setãbro, pello Padre Prior geral Dom Miguel Perestrello = ã seus Collegas, D. Sebastiaõ do Rozario, e D. Manoel da Ascençaõ -- Foy Prior, 4, annos --

¶ .12. Dom Fernando das Chagas = eleito, ê confirmado Prior em Novãbro, Anno, 1663 = pello P. Prior vigairo geral Dom Henrique do Desterro = Collegas = D. Paulo de Saõ Domingos, D. Fulgencio dos Martyres --

¶ 13. Dom Jeronimo de s^{to} Antonio; eleito, ê confirmado Prior em Setembro, Anno, 1666 = pello Padre Prior geral Dom Lionardo da Purificaçaõ = collegas, D. clemente do Paraizo = D. Antonio da Ascençaõ --

¶ 14 -- Dom Jnnocencio da Ressurreiçaõ = eleito Prior, 15, de Agosto, Anno, 1669 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Joaõ dos Anjos; e seu collega secretario D. Rodrigo de christo. --

¶ .15. Dom Henrique de Santo Agostinho, conego do mosteiro de S^{ta} Crus = Era procurador geral no mosteiro da serra, e foi eleito Prior do mosteiro de Villaboa, em, 13, de setembro do Anno de, 1672 = veio chamado, ê foy confirmado em, 15, do presente pello Padre Prior geral Dom

Henrique do Desterro, e seus collegas D. Joaõ do Paraizo, e D. Jeronimo da Conceiçãõ —

¶ .16. Dom Jozeph de s^{to} Ant^o — conego do real mosteiro de S^{ta} Crus, acabou de vigairo da serra = foy eleito Prior deste de Villaboa, em — — de Setembro de — 1675 = Veyo chamado, e foy confirmado pelo Padre Prior Vigairo geral Dom Fulgencio dos Martyres, e seus collegas. Mestre Doutor Dom Luís = e D. Jeronimo de Saã —

¶ No Anno de. 1678: veyo o Padre geral Dom Jeronimo da Conceiçãõ com os collegas para elegerem Prior, e não podendo eleger por estarem os moradores votantes iguaes em duas partes nomearaõ, e confirmaraõ Prezidente a Dom Manoel da Esperança = Barrô, conego de Reffoyos = Prezidente deste mosteiro ex causa, Anno — 1688 —

¶ .17. Dom Manoel da Esperança ~: que era Prezidente, foy eleito, prior no mes de Agosto. do Anno de — 1679 = e logo confirmado pello Padre geral a síma nomeado, e seus colegas, D. Pedro do Espirito s^{to}, e D. Bazilio de S^{ta} Maria —

¶ 18 Dom Faustino da Esperança, natural de Aueiro, conego professo do mosteiro Real de s^{ta} Crus, estaua neste mosteiro de villa boa, vigairo do Pouo da freguezia collado, foy aqui eleito Prior no mes de Setembro Anno — 1681 — e logo confirmado pello Padre Prior geral Mestre Doutor Dom Gabriel de s^{to} Agostinho — e seus Colegas. D. Accurcio da Esperança, e D. Virissimo de s^{to} Antonio —

O Padre Prior foy eleito no capitulo. Diffinidor 2^o —

¶ .19. Dom Andre da Conceiçãõ natural de Meijaõ frio — conego de S^{ta} crus, foy eleito Prior de villaboa no mes de Setembro, do Anno de — 1684 — era ahi morador, foy logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Manoel

de sam Lionardo, é seus collegas D. jozeph. de s^{to} Antonio, é D. Raymundo de s^{ta} Maria —

20 D. Raimundo de s^{ta} M.^a conego professo do Mos.^{tro} de Grijo, e m.^{cr} no Mos.^{tro} d V.^a boa aonde foi depois do Diffinitorio eleito Prior do d.^o Mos.^{tro} no Anno de 1688, e Comfirmado plo P.^o Substituto D. An.^{to} de .S. Joaõ, e os PP.^{es} collegas D. An.^{to} do Desterro, e D. Constantino d .S. Bernd^o.

21 D. Jozeph de Saõ Joaõ conego professo do Mostr.^o de .S. V.^{to} e m.^{cr} no de villaboa aonde foi eleito Prior, e Comfirmado plo Rm.^o P.^o G.^{al} o D.^{or} D. Pedro da Gloria, e seus collegas D. Silvestre dos Anjos e D. P.^{am} da Natividade.

22 Dom Luis da lux conego Professo do mostr.^o de Landim foi eleito em Prior do mostr.^o de villa boa donde era m.^{or} e comfirmado pello Rm.^o P.^o Geral Dom M.^{el} de de S. Iozeph e seus collegas o D.^{or} Dom Alexandre de S. Iozeph, e Dom Theotonio da Conceiçaõ —

23 Dom Baup^tista da Trindade conigo Professo do Real mostr.^o de S.^{ta} Crus foi eleito Prior do mostr.^o de Villa boa donde era morador no anno de 697 e comfirmado pello Rm.^o P.^o Geral e Seus collegas Dom Christouaõ da Crus e Dom Ignaçio dos Anjos =

24 Dom Jacinto do Desterro conigo Professo do mostr.^o de S.^{ta} Crus, foi eleito Prior do mostr.^o de Villa boa donde era morador, e comfirmado pello Rm.^o P.^o Geral Dom Pedro da Gloria e seus collegas Dom Alexandre de S^{ta} Maria, e Dom Verissimo de Saõ Gomsallo. —

25 Dom Thomas da Rainha S.^{ta} conigo Professo do Real mostr.^o de s.^{ta} Crus e m.^{or} no mostr.^o da Serra, foi eleito em Prior do mostr.^o de Villa boa e comfirmado pello

Rm^o P.^o Geral Dom João do Paraiso, e seus collegas, Dom Aluaro da Conceição e Dom Jeronimo de S. João

26. Dom Luis de S^{ta} Roza conigo Professo do Real mostr.^o de S.^{ta} Crus, foi eleito em Prior do mostr.^o de Villa boa donde era morador e confirmado plo. Rm^o P.^o Geral e Seus collegas

27 Dom João da Gloria conigo Professo do mos.^{tro} de S. V.^{te} foi eleito Prior do mostr.^o de Villa boa, e confirmado pello Rm.^o P.^o geral Dom Jozeph de S. João e seus collegas Dom João de S.^{ta} Monica, e D fran.^{co} de S. Caetano

28 Dom Luis da Conceição conigo Professo do Real mos.^{tro} de S. V.^{te} foi eleito Prior do mos.^{tro} de Villa boa e confirmado pello Rm^o P.^o geral Dom João de xpo e seus collegas Dom Manoel dos S.^{tos} e Dom Thomas da Incarnação —

SAM MIGUEL DE VILLARINHO MOSTEIRO=
SUA VNIAM, REFFORMACAM,
ET ALGUNS ABBADES —

Antre o nosso mosteiro de Nandim, é a Villa de Guimaraens, no seu Iulgado, perto da Ponte de Negrellos, no Arcebispado de Braga, está o nosso mosteiro de São Miguel de Villarinho. O qual he tam antigo que se lhe não sabe principio, nem quem o fundasse. Era Abbadia secular muito rica, Padroado, é enterro de huns fidalgos da geração das Faffis = Hum Gonçallo Annes Faffis, sendo Abbade desta Igreja tomando conselho com Dom Pedro Arcebispo de Braga, é avendo licença do Padroeiro Dom Diogo Faffis seu primo, fundou iunto á Igreja hum mosteiro de Clerigos que vivessem em comum debaixo da Regra do Patriarca Santo Agostinho, foy isto na Era de, M. c. viij = que he Anno de, 1070 = E applicou as rendas desta sua Abbadia pera sustento dos Clerigos, ou Conegos Regrantes com seu Prelado: Confirmou tudo o Papa Alexandre 2º, no Anno de, 1072 =

¶ No Anno de, 1074 = no mes de Julho, o Padroeiro Dom Diogo Faffis, fes doação de todas suas rendas, e propriedades, a o sobre dito Abbade Gonçallo Annes Faffis, e a seus conegos que ia eraõ, Dés: o que confirmou, é aprovou o Papa Gregorio, 7º = E porque Dom Diogo Faffis era viuvo, e não tinha filhos, se recolheo a viver com os religiosos conegos deste mosteiro, a onde recebeo o santo habito Canonico do Patriarca Santo Agostinho, e faleceo Abbade, como se dirâ abaixo. O seu Prelado a principio se chamava,

Abbade = depois disso, Dom Prior = e vltimamente, Dom Prior Comendatario.

¶ Os que se poderaõ descobrir, saõ os seguintes, ¶

¶ = I = Gonçallo Annes Faffis = Primeiro Abbade da Igreja, e mosteiro de saõ Miguel de Villarinho = Achasse sua memoria des do Anno = 1070 = a te o Anno de, 1096 =

¶ = 2 = Dom Diogo Faffis = Padroeiro, e dotador, foy o, 2º, Abbade deste mosteiro, por morte de seu primo Gonçallo Annes Faffis =

¶ Dom Garcia Eris = Abbade do mosteiro de saõ Miguel de Villarinho = Faleceo no Anno de, 1168 = Tem sua sepultura no alto da capella môr = é na face da pedra este Epitafio = ¶ Era, M. ccvj = obiit Domnus Garcia Eris, Abbas de villarinho = ¶ naõ consta o dia deste obito = he Anno de, 1168 =

¶ Dom Martinho Annes = Dom Prior de Villarinho Faleceo em, 21, de Julho = naõ consta o Anno =

¶ Dom Joaõ Gonsalves da Camara = Dom Prior Comendatario de Villarinho = sua memoria no Anno de, 1405 =

¶ Dom Vasco de Souza = Dom Prior Comendatario de Villarinho = succedeo a Dom Joaõ Gonsalves da Camara, mas naõ consta em que Anno, nem quando falecesse.

¶ Dom Joaõ Fernandes de Almeida = dos condes de Abrantes = Dom Prior comendatario de Villarinho = Renunciou por troca com villa boa =

¶ Dom Luis de Azevedo = sobrinho do Prior môr de villaboa = entrou a ser Dom Prior de Villarinho, pella renuncia, e troca = foy o vltimo comendatario deste mosteiro = Faleceo em, 24, de julho, do Anno de, 1610 =

¶ Em vida de Dom Luis de Azevedo, e de seu consentimento, e pellas letras da Vniaõ do Papa Clemente, 8º, e pella dezistencia do Padroado real, o Padre Prior geral Doutor Dom Christovaõ de Christo, e seus collegas D. Andre dos Anjos, e D. Raffael da Piedade, tomaraõ posse deste

mosteiro de villarinho em os, 16, de Fevereiro, do Anno, de, 1595 =

¶ E por morte do mesmo Dom Prior Comendatario que foy no Anno de, 1610 = o Padre Prior geral Dom Miguel de santo Agostinho Passanha . com seus collegas, no principio do mes de Agosto, tomou, 2^a, posse real, e actual deste mosteiro, e de todas suas rendas, e o vnio â Congregaçã, e Refformaçã do real mosteiro de santa Crus, e nelle elegeo Prezidente, o seguinte =

¶ PREZIDENTES DO MOSTEIRO D
DE VILLARINHO.

¶ — 1 — Dom Estevaõ dos Martyres Conego de Santa crus = Foy eleito Prezidente deste mosteiro de saõ Miguel de Villarinho no principio do mes de Agosto, do Anno de, 1610 = e confirmado logo pello Padre Prior geral Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha, e seus Collegas, D. Jeronimo da crus, e D. Constantino dos Anjos = e sem embargo que entã o confirmaraõ, entrou a tomar posse da Prezidencia em, 28, de Outubro, do mesmo Anno, 1610 —

¶ Este mosteiro de saõ Miguel de Villarinho, teve sempre Prezidentes, e está vnido in perpetuum por bullas — Apostolicas ao nosso mosteiro de santa Maria de Nandim = e a sua igreja he sagrada, de cuja dedicaçã se reza em os, 7, do mes de julho.

VNIAÕ, E REFFORMAÇÃO DO MOSTEIRO DE SAM MARTINHO DE CRASTO.

O Mosteiro de Sam Martinho; situado no lugar de Crasto, pouco afastado do Castello de Anobrega, mea legoa distante do nosso mosteiro de Mohia, no Arcebispado de Braga, se fundou pera clerigos seculares, como se dirâ.

¶ Dom Onerico Sueiro de Crasto, rico homem, morgado, e Senhor do lugar Crasto, deuoto particular do bemaventurado Sam Martinho Bispo Taronense, lhe fundou esta Igreja, e mosteiro no seu Solar, e morgado, e pôs nelle alguns clerigos seculares pera ahi seruirem a Deos, e ao Santo, e nella administrarem os sacramentos aos seus vassallos, e pera Cura, e seu Prezidente lhe nomeou hum clerigo autorizado, e letrado, que se chamaua Domingos Rodrigues, homem santo, e virtuozo, e exemplar, tudo isto com aprouação, e licença que tinha do Senhor Arcebispo de Braga Dom Payo Mendes . ~ . Paresse teue principio esta Igreja, no Anno do Senhor, 1136 = o que se collige de humas letras que estão no seu Portico, que dizem assim =
¶ Era M. c. l. xx. iiij = xvj = Kalend. Maij, cepta est opera ista . ¶ que vem a dizer = No Anno de, 1136 = em os, 16, de Abril, comessou esta obra.

¶ Acabada a Igreja, e mosteiro, o fundador Dom Onerico Sueiro de Crasto, lhe fes doação de todos seus bens, e rendas, na Era de M. c. l. xxx. he Anno de, 1142 = Foy esta doação feita em prezença do senhor Arcebispo de Braga Dom Joaõ Peculiar nosso conego, que a confirmou, e a assinou com o fundador dotador. Entaõ o Senhor Arcebispo reduzio aquelles clerigos do estado secular, a

regular, e pera esta refformação nomeou pera primeiro Prior, e Refformador, ao Padre Dom Domingos Paes, Conego do real mosteiro de Santa crus, que o mandou pedir ao Padre santo Theotonio. Comessou entã este mosteiro a ser de Conegos Regrantes do Patriarca s^{to} Agostinho, e viuerem em comum. o que tudo aprouou, e confirmou o Papa Innocencio, 2^o, por suas Bullas apostolicas. E neste mesmo Anno, 1142; elRey Dom Affonso Henriques coutou este mosteiro.

¶ O Beato Padre Dom Gudinho, Conego Regrante. Abbade do mosteiro do Banho, sendo Arcebispo de Braga, na Era de, M.cc.x.viiij = he Anno, 1180 = tomou este mosteiro à sua conta, dotouho de nouo, e foy seu Padroeiro, e bem feitor. vltimamente faleceo em Braga, em, 30, de Julho, Anno de, 1188 —

¶ Na Era de, M.cc.xx.viiij = he Anno de, 1190 = se vniraõ, e ajuntaraõ quatro clerigos graues, varoens piissimos, Abbades ricos, descẽdentes da geraçaõ de Dom Onerico Sueiro de Crasto; a saber = Onerico viegas = Rodrigo Fernandes = Gutterres Suares = Pedro Suares = e outros dous clerigos com elles = e auendo prímeiro licensa do Arcebispo de Braga Dom Martinho Pires, fizeraõ seu testamento, e doaraõ a esta Igreja, e mosteiro de Saõ Martinho de Crasto todos seus bens, e rendas, e os Padroados das Igrejas que possuhiaõ, aneixandoas a esta Igreja, e mosteiro, e receberaõ o santo habito do Patriarca Santo Agostinho da maõ do Prior môr, fazendosse conegos Regrantes com proffissaõ solemne — Esta doaçaõ, e testamento foy feita em os, 12, de Abril do sobredito Anno, 1190 = a qual despois confirmou o Papa Celestino, 3^o, no Anno de, 1192 =

¶ Falta a noticia dos Priores mores ¶

¶ Dom Domingos Paes = Conego do R. mosteiro de s^{ta} Crus: primeiro Prior môr Refformador = Anno -- 1142 =

¶ Dom Lourenço = conego do R. mosteiro de s^{ta} Cruz, Prior môr = Faleceo em, 31, de Janeiro.

¶ Dom Joaõ Munhos = conego do R. most.^o de s^{ta} crus. Prior môr = Faleceo em os, 4, de Setembro.

¶ Dom Joaõ Martins = conego do mostr.^o de Ecclesiola Prior môr = Faleceo em 24, de Abril.

¶ Dom Gomes da Rocha = Prior môr Comendatario de tres mosteiros = Reffoyos = Mohia = e Crasto = por merce delRey Dom Affonso 5^o = no Anno de, 1468 = Faleceo no de = 1472 = succedeulhe nos Priorados --

¶ Dom Rodrigo de Mello = filho do Visconde de Ponte de Lima - Prior môr comendatário dos ditos tres mosteiros, por merce delRey Dom Affonso 5^o, Anno = 1472 = Renunciou no Anno de 1497 = Succedeulhe =

¶ Dom Pedro de Mello = seu filho espurio despendado = Prior môr comendatario dos ditos tres mosteiros - por merce delRey Dom Manoel, Anno = 1497 = Foy sincoenta annos comendatario dissipador = Faleceo no Anno de, 1547 -

¶ O Infante Cardeal Dom Henrique, succedeo nos Priorados dos tres mosteiros = Reffoyos; Mohia; e Crasto; no Anno de, 1547 = por nomeaçõ delRey Dom Joaõ, 3^o, irmão seu = Renúciou =

¶ O Doutor António Martins - Prior môr comendat. do Mosteiro de Mohia, e deste de saõ Martinho. O qual renunciou com pensã pellos Annos de, 1562 =

¶ Sebastiaõ Rodrigues de Affonseca = Natural de Braga, secular de capa, e espada cõ ordens menores = foy o vltimo comendatario deste mosteiro de que pagana pensã =

¶ Em vida do qual, e de seu consentimento pello Breue da Vniaõ do Papa. Clemente 8^{uo} = e dezistencia do Padroado real delRey Felippe o Prudente, o Padre Doutor Dom Christouã de Christo Prior geral cõ seus Collegas, tomou posse deste mosteiro no Anno de, 1595 =

¶ Quando no Anno de, 1615 = faleceo este comendatorio, neste mosteiro naõ avia mais que dous Conegos = O Padre Prior geral Dom Jeronimo da Crus, com seus

collegas tomou êntão a, 2^a, posse real, e auctual, e por ser pouco rendozo, o vnio â Prezidencia do mosteiro de Santa Maria de Mohia.

¶ No capitulo geral do Anno de, 1624 = vniraõ este mosteiro com sua pouca renda in perpetuum, por letras apostolicas, ao mosteiro que se mandava fundar ao Padre Santo Theotonio que despois se fes na villa de viana do Lima; no Anno de, 1630 =



D. O. . M . S.
ET. D. THEOT.º
. D.

VRBANO. viii. P. M.
PHIL. iii. PORT. REGE
D. D. RODER. ACVNHA
ARCH. AC. D. BRAC. PRÍ.
HISP. HVC. LAP. POSVIT
D. HIERº. GENERALI. C.
R. CONGR. S. ✠. COLIB.
A. DNI. 1630 : AVG. S.


PRÍNCIPIO, E FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO
DO PADRE SANTO THEOTONIO
DA VILLA DE VIANA —

No Capitulo geral que se celebrou no Anno de 1624. Ordenaraõ os Padres nelle congregados, se fundasse hum mosteiro a o Padre Santo Theotonio, ou na villa de Aveiro, ou aonde se achasse melhor comodo, pera o qual applicaraõ logo os rēdimentos de tres mosteiros, a saber = o de Saõ Símão da Junqueira: o de Santa Maria de Mohia = e o de Saõ Martinho de Crasto. Passou todo aquelle triennio na escolha do sitio, sem se por em effeito couza alguma.

¶ Chegou o seguinte capitulo que se celebrou no Anno de, 1627 = no qual foy eleito Prior geral a 3^a ves o Padre Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha, que fazendo melhor diligencia achou o sitio acomodado na notavel villa de Viana da fós do Rio Líma no Arcebispado de Braga, comprou este sitio com provizaõ de Sua Magestade, e de consentimento do governo da villa, e mandou pera ella a dous Padres do mosteiro de Santa Crus, a saber = Dom Pedro da Assumpsaõ, e Dom Paulo do Espirito santo, pera que correndo com os rendimentos dos tres mosteiros, fossem ajuntando, e comprando os materiaes, mandassem cortar e lavrar pedra, e madeira, e preparar o necessario pera se aver de fundar = mas naõ pode o Padre Prior geral neste seu triennio lansar a primeira pedra, como dezejava.

¶ Sucedeo no generalado o Padre Dom Jeronimo da crus no Anno de, 1630 = O qual com grande solemnidade, e aparato lansou a primeira pedra fundamental em huma quinta feira, 8, de Agosto deste sobredito Anno de, 1630 =

fazendo o officio da benção em Pontifical o illustríssimo senhor Arcebispo Primâs Dom Rodrigo da Cunha, como consta, e se lê em huma pedra que se pôs por memoria em hum cunhal da Igreja da parte de fora com a seguinte inscripção =

D. O. M. S. et D. Theot^o: D. Vrbano. Viiij. P. M: Phil. iij. Port. Rege: D. D. Roder. a Cunha. Arch. ac D. Brac. Pri Hisp. Hunc Lap. posuit. D. Hiero. Generali . C. R. Cong . S.  Colíb. A. Dni. 1630. Aug. 8. = Que vem a dizer = Deos bom, e grande . Santo. e Divino Theotonio = Sendo summo Pontifice o Senhor Vrbano 8^o, e rey de Portugal Felippe 3^o; o Senhor Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo, e Senhor de Braga Primâs de Hespanha pôs esta pedra em os 8, de Agosto do Anno do Senhor, 1630: sendo Dom Jeronimo da Crus Conego Regular, geral da Congregação de Santa Crus de Coímbra.

¶ No capitulo geral deste Anno, 1630 = se ordenou, que em quanto este mosteiro não fosse Priorado, se governasse por Presidentes eleitos nos Capitulos geraes: o que tudo se fes por Breve da Santidade do Papa Vrbano, 8^o.

¶ PREZIDENTES DO MOSTEIRO ¶
DE SANTO THEOTONIO DA
VILLA DE VIANA. ~ ~

¶ .I. O Padre Dom Paulo de Santo Agostinho Barreto, Conego professo do mosteiro de Santa Crus = natural da Villa da Barca, filho de Jeronimo Barretto de Menezes, e de sua mulher Dona Lionor da Silva, neta do primeiro Conde de Portalegre. Acabou o Priorado de saõ jorge, foy eleito Prezidente deste novo mosteiro, no capitulo geral do Anno de, 1630 = é confirmado pello Padre Prior geral Dom jeronimo da Crus: e seus collegas, D. jozeph de christo Bretiande, e D. Gabriel da Ressurreiçãõ.

¶ 2. Dom Pedro de Santo Agostinho Machado, natural da Villa de Guimaraens, Conego do mosteiro de Grijô = eleito Prezidente no capitulo geral do Anno, 1633 = e confirmado pello Padre Prior geral Dom Luis da Silveira: e seus collegas, D. Luis da Paixaõ, e D. Theodozio da Assumpçaõ.

¶ 3. Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha: que iã tinha sido, 3, vezes Geral. Foy eleito Prezidente no capitulo geral do Anno de, 1636 = e confirmado pello Padre Prior geral Dom Paulo de Santo Agostinho pello Padre Prior geral Dom Paulo de Santo Agostinho Barretto: e seus collegas, D. Damiam da Crus, e D. Christovaõ da Crus.

¶ Neste mosteiro estava o Padre Dom Miguel Passanha avia quatro Annos, quando no Anno de, 1640, o charaõ pera uigairo geral Apostolico da Congregaçaõ, nomeado pello Papa Urbano, 8º, e sendoo trouxe do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, pera este do Padre s^{to} Theotonio de Viana huma reliquia notável do mesmo santo Padre, q̄ aquelle real mosteyro lhe deu com licença do Capitulo geral: he hum osso grande, cana inteira de huma perna: está encastoadada em hum fermoço relicario de Prata, e dourado com seus Christaes, que custou 160000 = e com muitas festas, procissaõ, missas cantadas de canto de orgaõ, e tres dias sermaõ, a colocou neste seu mosteiro no Anno de, 1642 = como atras fica dito na Pagina = 19 =

¶ 4. Dom Pedro da Assumpçaõ = era companheiro do Padre Dom Miguel Passanha, e corria com as obras deste mosteiro, ficou nelle por Prezidente em quanto o Padre Dom Miguel foy vigairo geral Apostolico, que foraõ, 4, Annos = subordinado ao mesmo Padre uigairo geral.

¶ 5. Dom Faustino da Crus Ceabra, natural da cidade do Porto filho de Pantaliaõ de Ceabra, e Souza, e de sua mulher Dona Eufrazia = conego do mosteiro da Serra =

eleito Presidente no capitulo geral Anno, 1644, que se celebrou no mosteiro de saõ vicente de Lisboa = confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo Viegas: e seus collegas, D. Jnnocencio das Chagas, e D. Nicollao de Santa Maria.

¶ 6. Dom Faustino da Cruz Ceabra = Foy reeleito Presidente do mosteiro de Viana no capitulo geral do Anno de, 1647 = Sendo Prior geral o Padre Dom Luis da Silveira; e seus collegas, D. Luis da Ressurreiçaõ, e D. Agostinho do Rozario.

¶ 7. Dom Manoel da Esperança = Conego de s^{ta} Crus = filho natural de Gil Homem Cidadão de Coimbra = foy eleito Presidente no capitulo geral do Anno, 1650; Confirmado pello Padre Prior geral Dõ Jeronimo da Ressurreiçaõ Noronha: e seus Collegas, D. Simaõ da Paixaõ, e D. Iozeph da Annunciaçaõ

¶ 8. Dom Joaõ da Crus Toscano, da Barca, conego de S^{ta} Crus, acabou o Reytorado = eleito Presidente deste mosteiro, no capitulo geral do Anno de, 1653 = Confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo Viegas: e seus Collegas, Doutor D. Antonio dos Santos, e D. Matteos da Crus.

¶ 9. Dom Garcia dos Anjos, Tavora, Conego de Santa Crus eleito Presidente no capitulo geral do Anno de, 1656 = confirmado pello Padre Prior geral, Dom Luis da Silveira: e seus collegas, D. Agostinho da Encarnaçaõ, e D. Andre da Conceiçaõ.

¶ 10. Dom Ignacio da Crus = Conego de Santa crus = Filho de Pedro Loppes de Azevedo, Senhor de Azevedo no Arcebispado de Braga = e de sua mulher D. Maria de Menezes = eleito Presidente no capitulo geral do Anno de, 1659 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Miguel

Perestrello = Collegas, D. Sebastião, D. Manoel da Ascensão.

¶ .11. Dom Miguel dos Santos Salgado = Conego de s^{ta} Crus natural de Guimarães — eleito Presidente de viana, no diffinitorio que no mes de Março do Anno de, 1663, celebrou o Padre Prior Vigairo geral Dom Henrique do desterro; e confirmado por elle, e seus collegas, D. Paulo de São Domingos, e D. Fulgencio dos Martyres.

¶ 12. Dom Alvaro da Ascensão, conego de s^{ta} Crus, natural de coimbra = eleito Presidente no capitulo geral do Anno, 1666 confirmado pello Padre Prior geral Dom Lionardo da Purificação: e collegas, D. Clemente do Paraizo, e D. Antonio da Ascensão —

Da qui sahio pera Prior de são jorge em Outubro do mesmo Anno —

¶ .13. Dom Diogo de são jozeph, Machado Silveira de Guimarães: eleito Presidente no Diffinitorio do Anno de, 1666 = sendo Prior geral o Padre Dom Lionardo da Purificação e os mesmos collegas D. Clemente do Paraizo, e D. Antonio da Assensão q̃ o confirmaraõ.

¶ 14. Dom Fernando das Chagas = Conego de s^{ta} Crus, natural de Villaboa do Bispo = eleito Presidente deste mosteiro de viana, no Capitulo geral do Anno, 1669 = Foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Joam dos Anjos: e seus Colegas, D. Rodrigo de Christo, e D. Placido da Conceiçam.

¶ .15. Dom Fernando de Sam Miguel, Mello. Conego de S^{ta} Crus: foy eleito Presidente deste mosteiro no Capitulo geral do Anno de, 1672 = Foy Confirmado em Agosto do mesmo Anno pello Padre Prior geral Dom Henrique do Desterro, e seus Colegas, D. Joam do Paraizo: e D. jeronimo da Conceiçam.

¶ .16. ¶ Dom Lionardo do Espirito Santo : Conego de Reffoyos. eleito Prezidente no Capitulo geral em, 4, de Mayo, Anno de, 1675 = confirmado em Setembro por ordem do Padre Prior Vigairo geral, Dom Fulgencio dos Martyres; e seus Colegas, o Doutor D. Luis da Ascençam, e D. Jeronimo de sam Jozeph. Saâ =

¶. No Diffinitorio que se celebrou no mes de Dezẽbro deste Anno, 1675 = por decreto do Illustrissimo Nuncio Apostolico — Marcello Durazi, Se fes este mosteiro de Santo Theotonio de viana, Priorado, como se tinha ordenado no capitulo geral proxime passado, vbi supra, Pag. 86 =

¶ .I. Dom Lionardo do Espirito Santo que era Prezidente deste mosteiro, ficou da qui por diante confirmado Prior: e he o Primeiro Prior. Anno = 1675 — Foy a capitulo geral = Anno = 1678 =

¶ .2. Dom Antonio de s^{to} Agostinho natural do Porto, conego do mosteiro de s^{ta} Crus: filho do D^r Manoel homem Medico, e de su mulher . jzabel Bocarra: foy eleito Prior deste mostr^o Anno de — 1678 = veio chamado do de Santa Crus = é foy confirmado por Ordem do Padre Prior geral Dom Jeronimo da Conceiçam, é collegas D. Pedro do Espirito Santo, é D. Bazilio de S^{ta} Maria = Este Padre Prior foy pera s^{ta} crus pera ser mandado a Roma — ficou Prezidindo no mosteiro o seu vigairo .D. Luis dos sanctos = e o Prior Partio do de s^{ta} crus em Mayo pera ir pera Roma ~. é antes que partisse renunciou o Priorado —

¶ — 3 — Dom Jeronimo de Christo, de Sardoura, Foy eleito Prior deste mosteiro na renuncia do seu antecessor, no mes de Agosto do Anno de — 1679 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Jeronimo da Conceiçam, é colegas a sima apontados —

¶ Pella vizita do Nuncio Apostolico Marcello Durazio, mandou q̄ este mosteiro não seja Priorado, ficou em Prezi-
dencia —

¶ — 17 — Dom Bernardo de sam boaventura, foy mandado pera Presidente, pello Padre Mestre Doutor Dom Gabriel de s.^{to} Agostinho Prior geral, em o mes de Outubro do Anno de, 1681 =

Dom Carlos da Trindade foy mandado pera Presidente do mostr.^o de S.^{to} Theotonio de viana pello Rm.^o P.^o Dom Manoel de Saõ Leonardo, Prior do Real mostr.^o de S.^{ta} Crus e geral da sua congregaçã e seus Collegas. Dom Iozeph de s.^{to} An.^{to} e Dom Raymundo de S.^{ta} Maria no d.^o Anno de 1686

Dom Carlos da Trindade foy deixado outra ves Prezid.^o deste mostr.^o de S.^{to} Theotonio de viana pello Rm.^o P.^o M.^o o D.^{or} Dom P.^o da Gloria e seus collegas Dom Siluestre dos Anjos, e Dom P.^{am} da Natiuidade no d.^o anno de 1690

Dom Luis dos Anjos, conigo Professo do Real mostr.^o de S.^{ta} Crus, foi eleito em Presid.^o do mostr.^o de viana, pello cap.^o geral, em o qual sahyo eleito em Geral o Rm.^o P.^o Dom Manoel de S. Jozeph.

Dom Manoel dos Marteres, foi nomeado em Presid.^o do mostr.^o de viana, pello Rm.^o P.^o Dom Jeronimo de Saõ Jozeph Geral desta congregaçã e seus collegas Dom christouaõ da Crus e Dom M.^{oi} das chagas —

No cap.^o Geral que no mostr.^o de s.^{ta} Crus se selebrou no anno de 699. foi nomeado em Presid.^o do mostr.^o de vianna o P.^o Dom Raphael do Presepio, o qual foi pera o d.^o mostr.^o, e nelle durou pouco, e foi eleito em seu lugar na d.^a presidencia o P.^o D Theotonio de s.^{ta} M.^a

O P.^o Dom Raphael do Prezepio não acabou a sua prezidencia, e o leou Deus no prim.^o anno, e foi eleito em

Deffenitr.^o pera Presid.^o do d.^o mostr.^o pera acabar o trienio o P.^o Dom Theotónio de S^{ta} Maria

No cap.^o geral que no Real mostr.^o de s.^{ta} Cruz se celebrou em doze de Mayo de 702 . foi eleito em Presid.^o do mostr.^o de s.^{to} Theotónio de Vianna ao P.^o Dom Felix da Trindade, que ia o tinha sido —

No trienio em q̃ foj gal o R.^m P.^e Dom gp.^{ar} da JnCar-nacão foj presidente do mosteiro de Vianna Dom An.^{to} Bau-tista natural de Refojos do lima filho de P.^o de Araujo mendes

MOSTEIRO QUE O PADRE
SANTO THEOTONIO MÃDOU FUNDAR
EM COIMBRA ÀS DONAS,
OU CANONICAS RECLUZAS ~.

Na Era de Cezar = M. c. l. xx. j = que he Anno de Christo, 1133 = Algumas senhoras graves, irmans, sobrinhas, e parentas dos Discipulos, e fundadores do novo mosteiro de Santa Crus de Coímbra, intentando imitar as pizadas, e doutrina do Padre Santo Theotonio, e seus companheiros, se foraõ enclaustrando iunto do sobre dito mosteiro novo, as quais como faziaõ seus parentes, offerecendo a Deos todos seus bens, se faziaõ Conegas ou Canonicas recluzas, e enclaustradas: pera as quais que já eraõ nove, o Padre Santo Theotonio avendo primeiro suplemento do Papa Jnnocencio, 2º, lhe mandou fundar este mosteiro nas mesmas cazas em que habitavaõ, a o qual foy posto nome = Mosteiro de Saõ Joaõ das Donas enclaustradas, ou Canonicas recluzas de Santa Crus = faziaõ profissãõ solemne, traziaõ veo e guardavaõ os tres votos essenciaes da religiaõ: tinhaõ sua Prelada com titulo de Prioressa perpetua; elegiaõ cada tres annos suas discretas pera o comum governo, e eraõ sugeitas ao Prior môr do real mosteiro de santa Crus.

Dona Munia Martins = Senhora muito nobre, principal, fidalga, ê muito devota, ê virtuoza, foy a primeira que se enclaustrou no Anno a síma dito, 1133 = é fes profissãõ, é testamento no Anno seguinte: Cuja carta se guarda ainda no cartorio do real mosteiro de Santa Crus = dis assim = Ego Munia Martini filia, timens vltimum diem iudicij, trado me ipsam Deo, et Colimbriensi monasterio sanctæ Crucis, ac vobis quoque Domno Theotonio, eiusdem monas-

terij Priori, et cœteris Canonicis ibidem in perpetuum commorantibus; et offero ibi meam villam, nomine, Alman-sam, integram iuxta flumen Mondeci sitam ettag. Facta hujus testamenti, et professionis meæ carta, mense Martio, Era, M. c. l. xx. ij = he Anno, de, 1134 =

¶ Esta Senhora achou logo outras senhoras, ê mulhe-res devotas, ê santas companheiras, que a quizerão seguir, como a síma dissemos, ê foraõ suas, ê foy a primeira Prio-ressa que teve este mosteiro das Donas, ou Sorores de saõ joaõ, a qual governou cerca de quarenta annos com grande observancia, ê santidade. No fim de seus dias disse ás conegas o dia em que avia de falecer, que foy em os, 2, de Setembro, do Anno de 1170 = como consta do livro dos obitos do real mosteiro de Santa Crus = ibi = Quarto nonas Septembris obiit Domna Munia Martini, Priorissa sororum monasterij Sancti Joannis Canonica sanctæ Crucis: Era, M. cc. viij.

¶ A Madre Justa Rabaldes, irmam do Mestrescolla, é Arcebispo Dom joaõ Peculiar, foy das primeiras que se enclaustraraõ, é na sua profissão mudou o sobre nome, é se chamou, da Crus = cuja carta he a seguinte = Notum sit tam presentibus, quam futuris, quod ego Justa a Cruce, offerens trado me ipsam Deo, et monasterio s^{tae} Crucis, ac vobis Domno Theotonio ejusdem monasterij Priori, et successoribus vestris, atque cœteris fratribus ibi commoran-tibus, et promitto vobis obedientiam secundum regulam sancti Augustini, vt deinceps in monasterio vestro cum alijs sororibus caste vivam. Facta Carta professionis meæ mense Decembri = Era, M. c. lxxij = he Anno de 1134 = foy depois a primeira Prioressa que teve o mosteiro de Saõ Felix de Chellas iunto a Lisboa, como diremos em seu lugar, é lâ se tratara de sua morte, é sepultura. Pag = 233 = x =

¶ A Condessa Dona Elvira, se recolheo tambẽ a este mosteiro das Donas, a onde tomou o Santo habito, é fes

profissão, é viveo alguns annos em muita santidade. Esta Senhora não teve filhos, o Condado era seu, é o deu ao Padre santo Theotónio para o seu convento, é por ordem delRey Dom Affonso Henriques, foy trocado pello Castello de Santa Olaya. — Faleceo esta senhora em, 15, de Novembro do Anno de, 1165 = como consta do livro dos obitos do real mosteiro de Santa Crus = ibi = Decimo septimo Kalen. Decemb. obiit Domna Elvira Petri comitissa . canonica sanctæ Crucis, plena bonis operibus, et eleemosinis quas faciebat. Era, M. cc. iij = ¶ Prior môr Dom Joam Theotónio.

¶ Dona Sancha Rodrigues, filha de Dom Rodrigo Alcaide môr de Coimbra = foy tambem Conega das Donas deste mosteiro = Cuja Carta de profissão he a seguinte = Ego Sancia Roderici filia volens abrenuntiare sæculum, et ad vitam ingredi, at que in Sanctæ Crucis monasterio religiosorum, assumere habitum, et deinceps in monasterio vestro Sancti Joannis cum alijs vestris sororibus caste vivere: trado me ipsam Deo, et monasterio sanctæ Crucis, ac vobis Domno Theotónio ejusdem monasterij Priori. ettag. Facta hujus testamenti et professionis Carta mense januario, Era, M. C. lxx. v = he Anno de, 1137 = Faleceo esta religioza em os, 5, de Novembro, como consta do livro dos obitos do real mosteiro de Santa Crus, é não aponta o Anno.

¶ A Madre Feliciana = Foy esta Santa mulher Conega, ou Canonica das Donas de São João, em cujo mosteiro tomou o santo habito, é fes profissão em tempo do Padre Santo Theotónio. Era muito dada a Oração, é meditação dos mysterios da paixão de nosso senhor, diante de huma sua imagem crucificada, que estava no Oratorio deste seu mosteiro: é he tradição antiga, é constante que esta imagem lhe falou respondendo a certa petição q̄ devia ser injusta, é ella ouviu muito bem que a imagem lhe dizia = Nescitis quid petatis = Esta imagem do Crucifixo se guarda, venera, é conserva

na sacristia deste real mosteiro em capella particular: é os ossos desta Santa Conega devota madre Feliciano estão depositados em huma Caixa de Cedro dentro no Altar do mesmo Crucifixo = a qual faleceo, é deu sua alma a Deos nosso senhor em os, 4, de Fevereiro, da Era de, M. cc. xxx. que he Anno do senhor, 1192 = sendo Prior môr Dom Joaõ Froes. =

¶ Maria Paês, vivva que ficou de Dom Vermudo Guterres, natural de Santarem: Fes seu testamento, é doação a o Prior môr de Santa Crus Dom Joaõ Theotónio, de todos dos seus bens, é tomou o santo habito das Conegas do mosteiro de saõ joaõ, na Era de, M. cc. vij = que he Anno de, 1169 =

¶ Examena Cidis = vivva muito autorizada, e sãta, se fes religioza Conega sendo Prior môr Dom Joaõ Theotónio: cuja carta de profissão, dis assim = Jn Dei nomine Amen = Ego Examena Cidis, offerens trado me ipsam Deo, et monasterio S. Crucis de Colimbria, ac vobis quoque D. Ioanni ejusdem monasterij Priori, et successoribus vestris, at q̄ cœteris fratribus ibi commorantibus, et promitto vobis obedientiam secundum regulam, et professionẽ sãcti Augustini, vt deinceps in monasterio vestro cum alijs vestris sororibus caste vivam. Facta Carta professionis, et testamenti, Era — M. cc. xij = he Anno — 1175 =

¶ Dona Joanna Paês = Sobrínha do Bispo de Coímbra Dom Miguel nosso Conego = a qual, dandolhe elle grande ajuda, fundou o mosteiro de Santa Ana de funto á Ponte de Coimbra do Rio Mondego, e foy a sua primeira Prioressa, como abaixo diremos quando escrevermos a sua fundação — Pag = 234 =

¶ A Senhora Dona Constança Sanches: filha natural delRey Dom Sancho o, 1º, religioza muito devota do Padre sam Francisco, e do Padre Santo Antonio, a o

qual mandou fazer huma Capella na igreja do real mosteiro de santa Crus, e nella mandou fosse enterrado seu corpo quando morresse = A hora de sua morte lhe apparecerão estes dous tam grandes santos. que lhe [cauzaraõ grande consolação = Faleceo com opíniaõ de Santa em os, 8, de Agosto depois de ter governado este seu mosteiro muitos annos do qual era Prioressa = Foy sepultada na capella de Santo Antonio, como ella tinha ordenado. No livro dos obitos do real mosteiro de santa crus, anda sua memoria, dis assim = Sexto Jdus Augusti, obiit Domna Constancia Sancij, incliti Domni Santij illustris Regis Portugaliæ filiæ Era, M. ccc. vij = he Anno, 1269 = Em sua vida fes muitas obras pias; fes acabar o mosteiro de saõ Francisco da Ponte que estava imperfeito, do qual iá naõ há memoria alguma, Fes doaçaõ de toda sua fazenda ao real mosteiro de santa crus. ElRey Dom Manoel a mandou tresladar pera a sepultura que fes pera elRey Dom Sancho, 1º, seu paí della, e lhe acharaõ o corpo inteiro, e incorrupto, e o puzeraõ em ataude separado = Na sua sepultura antiga, em versos rudes da quelles primeiros tempos, estava aberto o seguinte Epitafio =. dis assim =

¶ Constans Sponsa Dei, iacet hic, Constantia, dicta,
 Quæ Spê non ficta, firmiter hæsit ei.
 Sancius hanc genuit primus, Rex Portugalensis,
 Laudibus immensis, Regia virgo aluit.
 Mundum vitavit ob veræ gaudia lucis,
 Et se claustravit hujus in æde Crucis.
 Divitijs tandem multis ditavit candem,
 Quod magis excedit se sibi morte dedit.
 Antonio socio, Sanctus Franciscus eisdem,
 Confirmat fidem, sic ait, ore pio:
 Te, scito, ne paveas, sedes Regina Polorum,
 Ducet in æthereas, virginum que chorum

¶ Em nosso vulgar, querem em suma dizer = Que Dona Constança espoza de Christo que o segio com firme

esperança, a qual foy filha delRey de Portugal Dom Sancho, 1º, e digna de grandes louvores, estava a li enterrada: e q̄ por alcançar os bens eternos deixara o mundo, e se fizera religioza na quella caza de santa Crus, a qual enriquezera com muitas esmollas, e com o maior thezouro que podia dar, que era o seu corpo, mandandosse enterrar nella; dis que lhe appareceraõ os gloriozos Saõ Francisco, e Santo Antonio, e a confirmaraõ na fêe, prometendo, que a may de Dæos nossa Senhora, acompanhada de muitas virgens santas, a avia de levar â gloria do Paraizo.

¶ A Senhora Dona Mayor Sanches, filha tambem natural delRey Dom Sancho, 1º, foy tambem religioza Conega deste mosteiro com sua irmam a Senhora Dona Constança, faleceo primeiro que ella em os 30, de Agosto, mas não consta em que Anno: No livro dos obitos do real mosteiro de s^{ta} crus dis assí a sua memoria = Tertio Kalle. Septemb. obiit Domna Mayor Sancij, Regis Portugalie Domni Sancij primi, filia, R. J. P. A.

¶ Dona Mayor Dias = Dama da Raynha Dona Brittes de Gusman, mulher delRey Dom Affonso 3º = recebeo o s^{to} habito das conegas deste mosteiro de saõ joaõ, da maõ do Prior môr Dom Joaõ Pires, com licença da mesma Raynha, no Anno de, 1264 = professou, e viveo neste mosteiro muitos annos = foy depois fundadora, e primeira Abbadeça do mosteiro de Santa Clara da Ponte de Coimbra, como a baixo se dirâ em seu lugar

¶ A Infante Dona Maria Affonso, filha delRey Dom Affonso, 3º, de Portugal, ê da Raynha Dona Beatris de Gusman; Depois q̄ falleceo elRey seu pay, da hi a alguns annos se recolheo neste mosteiro das Donas, ou Canonicas de saõ joaõ de Santa Crus, a onde tomou o santo habito, e fes profissãõ canonica solemne, ê viveo muitos annos com opíniaõ de grande virtude, ê santidade, até que faleceo em os, 6, de junho, como consta do livro dos obitos do real

mosteiro de Santa Crus; Dis assím = Octavo Jdus Junij, obiit Infans Domna Maria Alfonsi, illustrissimi Regis Portugaliæ Domni Alphonsi, et Reginae Domnæ Beatricis, filia, canonica s^{ta} Crucis monasterij Dominarum: Era, M.ccc. xl.ij = he Anno de, 1304 = Deraõlhe sepultura na capella de Santo Antonio, junto à Sepultura de sua tia a Senhora Dona Constança Sanches = deste lugar foy tirado o Seu corpo pera a Sepultura real delRey Dom Sancho, em tempo do serenissimo Rey Dom Manoel.

¶ Dona Estefania = tomou o habito neste mosteiro, quando seu marido Mendo Sanches rico homem, o tomou no de s^{ta} Crus = Dis assím a Carta da sua profissaõ = Notum sit tam presentibus, quam futuris, quod ego Mendus Sancij assumpsi habitum in monasterio s^{ta} Crucis et renunciavi propria cum vxore mea Domna Stephania, et mandamus ibi corpora nostra mortua, et viva = — Hæc manda facta fuit Era = M.cc.lx.ij. — quer dizer = saibam todos os presentes, ê futuros que eu Mendo Sanches tomei o habito no mosteiro de santa crus, ê renunciei minha fazêda propria querendo viver em comum, o que tambem fes minha mulher Dona Estevainha, ê ahi entregamos ao Prior nossos corpos vivos, ê mortos pera sermos sempre obedientes até a morte = foy feita esta Carta de manda, ê profissaõ, no Anno de, 1225 = Era Prior môr de Santa Crus, D. joaõ Cezar —

¶ Dona Mayor Martins de Bulhoens = tomou o santo habito das donas, ou canonicas de saõ joaõ no seu mosteiro, ê fes profissaõ em mãos do Prior môr de santa Crus Dom Pedro Sueiro, na Era de Cezar M.ccc.x.vj = he Anno de Christo, 1278 =

¶ E outras muitas senhoras, assím por geraçaõ, ê nobreza, como por virtude, ê santidade, a quem o tempo escondeu sua memoria, ê estas foraõ as que á boamente se puderaõ descobrir no cartorio do real mostrº de .S. †.

¶ Assim como de huma Arvore fermoza, e fertil, se cortaõ, e colhem muitos ramos, e garfos pera se plantarem em diversos iardins, e pomares; Assim tambem deste mosteiro das Donas, ou Canonicas recluzas de saõ joaõ de Santa Crus, Aruore fertil, e abundante de santidade, e virtude plantada pello Padre Santo Theotonio, sairaõ ramos, é plantas, e produziraõ outros mosteiros de religiozas santas servas de Deos, quais foraõ; o mosteiro de saõ Felix de Chellas iunto á Cidade de Lisboa; O de santa Ana de Coimbra iunto á Ponte do Mondego; e o de Santa Clara desta cidade a lem da mesma Ponte, como em seus lugares se dirâ = Pag = 233 = Pag = 234 = Pag = 235 =.

¶ CATALOGO DAS PRIORESSAS QUE SE PUDE-
 RAÕ DESCOBRIR, DAS QUE TEVE ESTE MOS-
 TEIRO DAS DONAS DE SAÕ JOAÕ —

.I = ¶ Dona Munia Martins, foy a primeira Prioressa em tẽpo do Padre Santo Theotonio: Faleceo em os, 2, de Setembro, Anno, 1170 = sendo iá Prior môr, Dom Joaõ Theotonio.

¶ A Senhora Dona Constança Sanches, filha natural delRey Dom Sancho, 1º, faleceo sendo Prioressa em os, 8, de Agosto, Anno, 1269 = sendo Prior môr de Santa Crus, Dom joaõ Pires.

¶ Dona Maria yannes = era Prioressa pellos Annos de, 1315 = sendo Prioras mores, Dom Estevaõ joaõ: ê Dom Domingos Pascoal.

¶ Sancha Martins = era Prioressa pellos Annos de, 1352 = sendo Prior môr de s^{ta} Crus = Dom Affonso Pires.

¶ Dona Jnes Pires: era Prioressa pellos Annos de, 1367 = ê, 1402 = em tempo dos Prioras mores de santa Crus, Dom Affonso Pires = Dom Vasco Martins Bayaõ = ê Dom Affonso Martins =

¶ Jnes Martins = era Prioressa pellos Annos de, 1431 = sendo Prior môr Dom Gonçallo de boa memoria.

¶ Maria Fernandes de Alvarenga = era Prioressa pellos Annos de, 1469 = em tempo do Bispo Dom João da Costa.

¶ Dona Brittes Alvares = era Prioressa pellos Annos de 1484 = sendo Prior môr Dom João Galvão =

¶ Maria Rodrigues = era Prioressa pellos Annos, 1511 = sendo Prior môr Dom Pedro Bispo da guarda —

¶ Dona Mecia Rodrigues de Saâ = Foy a vltima Prioressa das conegas deste mosteiro de São João de s^{ta} Crus, a quem elRey Dom João, 3^o, tresplantou com as suas companheiras pera o mosteiro das Conegas de Santa Anna do Campo de Coimbra, no Anno de, 1534 = sendo Prior môr Comendatario de santa crus, o Cardeal infante Dom Henrique = Ela faleceo no Anno de, 1543 = como a baixo diremos —

¶ Durou este mosteiro das Donas, ou Canonicas reclusas de são João, a tê o reinado do serenissimo Rey Dom João 3^o = em cujo tempo avia ainda neste mosteiro, que iá se hia extinguindo, nove destas conegas com sua Prioressa que se chamava = Dona Mecia Rodrigues de Saâ = as outras nove, avião nome = Jzabel Aranha = Caterina Alvares de Azaõbuja = Brittes Ferreira = Jzabel de Araujo = Maria Alvares de Mendoça = Ana de São Payo = Maria de Seixas = Luiza de Moraes = ê Amtonia de Saâ =

¶ Quando se mandou refformar o real mosteiro de s^{ta} Crus, ouve elRey Dom João 3^o, segundo Breve do Papa Clemête, 7^o, pera de todo se extinguir este mosteiro, ê passar as religiosas conegas com a sua Prioressa pera o mosteiro de Santa Ana do Campo que tambem era de Conegas Agostinhas, do mesmo habito, ê profissão, o qual tinha procedido deste das Donas de são João.

Com effeito se executou o Breve, fesse primeiro contrato com a Prioressa do mosteiro de Santa Ana sobre alguns pontos necessarios: nelle as mandou elRey recolher, pera onde se passaraõ no Anno de, 1534 = elRey lhe mandou dar por inteiro a sua reção de comer, vestir, ê calsar, á conta

das rendas da Meza Abbacial deste real mosteiro de s^{ta} Crus. Estavaõ â obediencia da sua Prelada, ê ella com ellas a obediencia da Prioressa de Santa Ana, a tê a morte de Dona Mecia de Saâ que faleceo no Anno de, 1543 = ê daqui em diante não tiveraõ mais Prioressa particular, se não estarem â obediencia da de Santa Ana como religiosas suas: com que de todo acabou, ê ficou extinto o mosteiro das Donas, ou canonicas regrantes recluzas de saõ Joaõ de Santa Crus, que durou cerca de, 400 = annos =.

MOSTEIRO DE SAÕ FELIX, DE CHELLAS,
IUNTO A LISBOA DE CONEGAS REGRANTES
DO PATRIARCA SANTO AGOSTINHO. ~ .

Djssemos a síma, que este mosteiro teve principio do mosteiro das Donas de saõ Joaõ de Santa Crus de Coímbra =

Pondo de parte a tradiçaõ antiga, que assina ser o mosteiro de Chellas antes da vinda de Christo ao mundo, de virgens vestais = e que a sua Igreja dedicada a saõ Felix Diacono, que padeceo martirio na cidade de Girona em Catalunha com doze companheiros, foy huma das primeiras que em Portugal se edificaraõ, ou converteraõ de Têplo profano em divino, quando em tempo do Catholico Rey Godo de Espanha Recensuinto, suas sagradas reliquias vieraõ ter a este lugar, na Era de D. cc. iiij = que he Anno de, 666 = e depoyz foy restaurada a primeira vês por el Rey de Espanha Dom Affonso o Catholico, quando na Era de, D. ccc. xl. ij = que he Anno de, 804 = tomou a cidade de Lisboa aos Mouros, e foy senhor della scõs outo annos, e a tornou a perder.

¶ He de saber que entrada a Cidade de Lisboa em 25, de Outubro da Era de, M. c. l. xxx. v = que he Anno, 1147 = pello valerozo Rey Dom Affonso Henriques, e lansados os Mouros fora, mandou logo purificar as igrejas que ainda avia em pê na cidade, e fora della pello nosso Arcebispo de Braga Dom Joaõ Peculiar, foy huma a Igreja de saõ Felix de Chellas. Tinha esta Igreja huma claustra, e cujas paredes avia algumas Cruzes semelhantes às que avia na Igreja, pello que mostrava fora sagrada. Por estas cruces, claustra, e officinas que a o redor della

estavaõ quazi arruinadas, entendeo o Arcebispo, que na quelle lugar ouvera antigamente mosteiro. Comunicando isto com elRey Dom Affonso Henriques, e com o novo Bispo Dom Gilberto, assentaraõ se restaurasse este mosteiro á honra dos santos Martyres que segundo a tradiçaõ antiga a lí estavaõ sepultados. Restaurado, e reedificado o antigo mosteiro de Chellas, escreveu o Arcebispo a Coimbra ao Padre santo Theotonio, e com licença sua vieraõ do mosteiro das Donas de Saõ Joaõ pera este de Chellas tres religiozas conegas, e pera Prioressa sua irmã Justa Rabaldes, que se chamava da Crus: conega tambem do mesmo mosteiro. Acompanharaõ a estas quatro religiozas alguns Conegos do mosteiro de Santa Crus pera ficarem com ellas neste mosteiro de Chellas, a ondo logo se lhe foraõ ajuntando outras senhoras, que ahi foraõ tomando o nosso santo habito Canonico. Tudo isto Consta de escrituras antigas dos nossos — Cartorios =

¶ A primeira Prioressa deste insigne mosteiro de saõ Felix de Chellas, foy a madre Justa Rabaldes da Crus, como a sima dissemos, e naõ consta os annos que governou, nem quando faleceo, que pairesse foy santamente. Na Era de, M.cc.l.v = que he Anno de 1217 = Dom Sueiro Viegas Bispo de Lisboa comessou a reedificar este mosteiro, acrescentando em edifficios, descubriu entam na claustra a sepultura desta Santa Prioressa, a qual tinha este épitafio:

¶ *Justa á Cruce dicta, Justa nomine, et vita
Jacet hic, a nece extincta:
Prima Fundatrix, et optima contemplatrix,
At nunc in Cœlo est, pro nobis auxiliatrix =*

Querem dizer = Aqui já, Justa da Crus, justa no nome, e na vida, a quem a morte levou apagando a lus de sua exemplar vida: foy a primeira fundadora deste mosteiro, e muy contemplativa, e agora naõ cessa de ser no Ceo nossa intercessora —

¶ O mesmo Bispo Dom Sueiro Viegas mandou passar seu sepulchro pera a igreja, e o meteo na parede á parte do Evangelho com a mesma Pedra do Epitafio, da qual o tresladou o Padre Dõ Theotonio de Mello conego do real mosteiro de santa crus, no Anno de, 1604 = e o deixou em suas memorias. Dahi a outo annos, no Anno de, 1612 = se cobriraõ as paredes desta Igreja de Azulejos, cobrindo com elles por inadvertencia huma memoria digna de grande resguardo, e veneraçãõ —

FVNDASE O MOSTEIRO DE SANTA ANA
DA CIDADE DE COIMBRA, IUNTO Á PONTE
SOBRE O RIO MONDEGO. ~.

Djssemos, que o mosteiro das Conegas de Santa Ana da Ponte de Coímbra sobre o Rio Mondego, procedera, e tivera seu principio das Conegas, ou Donas de saõ joaõ de Santa crus. He de saber vivia neste mosteiro das Donas Dona Joanna Paes sobrinha do Bispo de Coímbra Dom Miguel nosso Conego, religioza canonica de Santa vida, e muito devota da glorioza Santa Ana, que dezejando fazer-lhe algum servisso, tratou de fundar huma Igreja, e mosteiro em seu nome, em humas cazas, e vinha que seus pais lhe deixaraõ por legitima a lem do Rio Mondego iunto á Ponte de Coimbra, com outras propriedades em outras partes. E comunicando este seu dezejo com seu tio o Bispo Dom Miguel, elle lho aprovou, e louvou muito, e tomou á sua conta a fundaçãõ do mosteiro: e avendo licença de seu Prelado o Padre Dom Joaõ Theotonio Prior môr do real mosteiro de Santa Crus, o sobre dito Bispo revestido em Pontifical, benzeu, e lançou a primeira pedra a o edificio em os, 26, de Julho, dia da glorioza Santa Ana, da Era de, M. cc. xij = que he Anno de, 1174 =

¶ Faleceo o Bispo Dom Miguel da hí a seis annos, índo corrêdo a obra, e o deixou en comendado a hum sobrinho seu, que se chamava = o mestre Martinho, Conego de Santa Crus, o qual o acabou, e aperfeissoou: é avendo Breve do Papa Lucio, 3º, e licença do Padre Dom Joaõ de Tayde, Prior môr do real mosteiro de Santa Crus, levou do dito mosteiro de sam Joaõ das Donas pera este novo de

Santa Ana da Ponte tres conegas = a saber = Sua prima Dona Joanna Paes que era a fundadora, pera Prioressa Dona Maria Loppes, pera Vigaira = e Dona Joanna Martins, pera mestra = foy isto na Era de Cezar, M. cc. xx. ij = que he Anno de Christo, 1184 = e sugeitou este nouo mosteiro aos Bispos de Coimbra, pera que elles com suas esmollas sustentassem as religiozas Conegas, que eraõ muito pobres, e tinhaõ pouca renda; e pella grande virtude, exemplo, e estreita clauzura em que viviaõ, as favoreciaõ, e ajudavaõ sua sustentaçã as Infantes Raynhas Dona Sancha, é Dona Tareja filhas delRey Dom Sancho primeiro.

¶ Pelo discurso de tempos, o Rio Mondego veio a cauzar grandes danos a este mosteiro, pella mã vizinhança que lhe fazia, das quais, compadecido o Bispo de Coímbra, mudou as religiozas Conegas pera a vinha, que chamavaõ, da Varzea = a qual hum Deam da seê de Coimbra chamado, Mestre Estevaõ, tinha deixado a este mosteiro de Santa Ana. Nesta mudança tratando as religiozas Conegas de tresladar pera a Igreja da varzea os ossos das religiozas defuntas, acharaõ o corpo da sua primeira Prioressa Dona Joanna Paes, inteiro, incorruto, e cheirozo, deraõ conta ao Prior môr do real mosteiro de Santa Crus, o qual por quanto esta serva de Deos tinha sido sua religioza, como a sima fica dito, a mandou levar em hum ataude bem consertado, pera o real mosteiro de Santa Crus de Coimbra = não se sabe em que parte a depozitaraõ por se perderem as memorias, nem quem fosse aquelle Prior môr que a tresladou —

¶ Passados alguns annos, se mudaraõ as religiozas conegas do lugar, ou vinha da Varzea, pera a quinta dos Bispos de Coimbra, íunto ao campo, na Igreja, e lugar de Saõ Martinho, que se chama do Bispo, a onde perseveraraõ a té o tempo do Bispo Dom Affonso de Castello branco, que lhe mandou fundar, e dotou o mosteiro novo fora da Porta do Castello desta cidade, pera onde as trouxe no Anno de, 1610 = e nesta mudança por Breve do Papa Paulo, 5º, as veio refformar huma Dona Jeronima de Castello branco, irmã do Bispo Dom Affonso, freira do mos-

teiro de Santa Monica da cidade de Lisboa, a qual por forza, e constrangidas lhe trocou o seu habito antigo de Conegas, pello das freiras da Ordem dos Eremitas da Correea, chamados communmente de Santo Agostinho, E de todo se extinguiu o santo habito de Conegas, nas religiosas de Santa Ana, que, 428, annos o trouxeraõ.

¶ O Bispo Dom Affonso de Castello branco, fundador, e bemfeitor deste novo mosteiro, iãs na sua Capella môr sobre o Presbyterio â parte do Evangelho, em sepultura alta, grandioza, e bem lavrada, e dourada; e no tecto da Igreja se vë as suas Armas =

DASSE PRINCIPIO A O REAL MOSTEIRO DE
SANTA CLARA DA CIDADE DE COIMBRA
=ALEM DA PONTE DO RIO MONDEGO.

Avemos dito, como o real mosteiro de Santa Clara da Cidade de Coimbra, procedera do mosteiro das Donas, e Canonicas de saõ joaõ de Santa Crus: He de saber; Dona Mayor Dias, senhora muito grave de grande Calidade, dama da Raynha Dona Brittes de Gusman, mulher delRey Dom Affonso, 3º, dotada de raras virtudes, e muitas perfeicoens naturaes, estimada da Raynha, e pedida em casamento de muitos senhores; a o que ella sempre rezistio: e apertando a Raynha com ella escolhesse marido, e se cazasse, se declarou dizendo, tinha feito voto de Castidade, e pois chegara a este ponto, pera o cumprir lhe pedia licença = A Raynha como prudente, vendo esta rezoluçaõ, louvando muito seu santo propozito, lhe concedeo a licença que pedia.

¶ Florecia neste tempo em religiaõ, e observancia o mosteiro de Saõ Joaõ das Donas, ou Canonicas de Santa Crus de Coimbra, a onde entaõ rezidia a corte = este escolheo Dona Mayor Dias, pera se recolher, e servir a Deos. Recebeo o santo habito da maõ do Prior môr do real mosteiro de santa crus, Dom Joaõ Pires, na Era de, M. ccc. ij = he Anno de, 1264 = fez profissaõ, e viveo nelle muitos annos = e como nelle achasse a Senhora Dona Constança Sanches, filha natural delRey Dom Sancho, 1º, a quem procurou imitar na devoçaõ que esta Santa Prioressa tinha aos santos Padres saõ Francisco, e Santo Antonio, tanto se inflamou nesta devoçaõ que querendo imitar ao gloriozo

Padre Santo Antonio tratou de se mudar ao seu habito. Avia já alguns annos, que era falecida a senhora Dona Constança; communicou o seu pensamento com huma religioza conega da quelle seu mosteiro, que se chamava = Domingas Pires, aconselhando-se com ella no que detriminava fazer, que era fundar hum mosteiro de religiozas de Santa Clara, em humas cazas com vinha, e olival, e outras herdades que estavaõ a lem da Ponte de Coimbra, que eraõ do seu Património. A virtuosa Domingas Pires lhe aprou os boõs intentos, e se lhe offereceo pera companheira. Tratou logo Dona Mayor Dias de aver licença do Prior môr do real mosteiro de Santa crus Dom Bertolomeu Domingues, por meio da Raynha Dona Izabel, mulher delRey Dom Dinis, oje Raynha Santa canonizada. O Prior á principio se escuzava dizendo, não podia dar a tal licença, por que era em perjuizo do mosteiro alienar os bens que lhe pertencem; mas vencido com as rezoens da Santa Raynha, que se obrigava a aver Breve da Papa pera lhe tirar o escurpullo, concedeo a licença, com a qual se comessou a dar princípio ao novo mosteiro de Santa Clara, lançandosse com solemnidade a primeira Pedra, no dia da mesma santa virgẽ.

Acabada a Igreja, chegou o Breve do Papa Bonifacio, 8º, passado no Anno de, 1298 = com elle mudou Dona Mayor Dias, e sua companheira Domingas Pires, o Abito de Conegas de Santo Agostinho, pello de Santa Clara, que lho lousou o guardiaõ do mosteiro de saõ Francisco da Ponte, e a Sete mulheres nobres de Coimbra que logo se lhe ajuntaraõ.

¶ Dona Mayor Dias, foy a primeira Abbadeça deste convêto, o qual governou sete annos = ê faleceo em os, 5, de Junho, do Anno de, 1305 = foy sepultada na Igreja do mosteiro, com este Epitafio ¶ Nonis: Junij: obiit: Dña: Maior: Didaci: q̄: iacet: in: hoc: tumulo: q̄: fecit: istud: monasterij: cujus: Aia: requiescat: i: pace: Amen: E: M: ccc. xxx. iij. ¶ Deixou este seu mosteiro sugeito aos Bispos de Lisboa, cuja sugeiçaõ durou muitos annos. Dom Joaõ Martins Bispo de Lisboa, seu testamenteiro a tresladou da

Igreja para o capitulo do mesmo mosteiro, é na sepultura
 lhe pos este Epitafio = ¶ Jacet in hoc tumulo Domna
 Maior Didaci, hujus monasterij fundatrix : cujus anima
 requiescat in pace = E. M. ccc. xxxix. ix = ¶ he Anno, 1311 =

¶ A Raynha Santa Dona Izabel Consorte delRey Dom
 Dinis, tomou á sua conta este mosteiro, fello acabar de
 todo, o ennobreceo, é ampliou, é depois de viuva se recolheu
 nelle vestida no habito de Santa Clara sem fazer profissaõ,
 aonde Deos nosso senhor obrou por ella muitos milagres:
 nelle esta seu corpo inteiro, rozado, é incorrupto como todos
 sabemos = O Papa Urbano 8º, canonizou esta Santa Raynha,
 no Anno de, 1625 = da qual, reza a Igreja no seu dia, 4,
 de Julho com officios Duplex —

MOSTEIRO DE SAÕ MIGUEL DAS DONAS, DA CIDADE DE LISBOA. ~ .

A síma na página = 102-x = fizemos menção de hum mosteiro de Conegas, ou Canonicas reclusas, pertencentes ao real mosteiro de Saõ Vicente de fora da Cidade de Lisboa, que por outro nome se chamava = mosteiro das Donas.

¶ He de saber = Fundado iá o real mosteiro de saõ vicente, e entregue aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, algumas senhoras nobres, devotas; sobrinhas, é parentes de alguns dos Conegos que nelle iá avia, intentando imitar a doutrina, exemplo, religião, e Santidade, que na quelle recolhimento se guardava, se foraõ enclaustrando iunto ao sobre dito mosteiro, donde scõ sahiaõ pera a Igreja, a frequentar muitas vezes os sacramentos da penitencia, e communhaõ, e em oração contínua = O que vendo, e considerando o Padre Dom Gudinho Affonso, primeiro Prior deste mosteiro de saõ Vicente, homem Santo, e zeloso, á imitação do que em Coimbra o Padre Santo Theotonic tinha feito, avendo primeiro Breue, e suplemento do Papa Alexandre, 3º, mandou fundar hum mosteiro iunto a o de saõ vicente na rua direita, e o dedicou a o Arcanjo saõ Miguel, e nelle as fes recolher, é dar sua porsão cotidiana, a o qual foy posto nome = Mosteiro de Saõ Miguel das Donas enclaustradas, ou Canonicas reclusas de saõ vicente: as quais offeressendo primeiro a Deos todos seus bens, faziaõ profissão solemne nas mãos do Prior = traziaõ veo, é guardavam os tres votos essenciaes da religião, tinhaõ sua Prelada Prioressa, perpetua, elegiaõ cada tres annos as officiaes pera o comum governo de antre ellas, guardavaõ a Regra do nosso Patriarca santo Agostinho, é as leys dos conegos Regrantes do mosteiro de saõ Vicente, é erão sujeitas aos Priores delles.

¶ O Padre Prior Dom Gudinho, tendo principiado este mosteiro, escreveu a Coimbra ao Padre Dom João Theotónio, 2º, Prior do religioso convento de Santa Cruz, lhe mandasse huma religiosa Conega do seu mosteiro das Donas, pera mestra, e guã do seu novo recolhimento = elle lhe enviou duas devotas seruas de Deos, cujos nomes o tempo emcobrio, como fêz às mais suas companheiras, e outras Senhoras que pello discurso do tempo hiaõ nelle entrando, e professando.

¶ Neste religioso Convento de São Miguel das Donas, da hi a muitos annos, tomou o Santo habito, uma Irmaam do Padre Santo Antonio, chamavasse = Dona Maria Martins Taveira, a qual indo vizitar ao mosteiro de São Vicente a seu Irmaõ que tinha professado, tanto lhe soube dizer o santo dos bens da Gloria, e vaidades do mundo, que Dona Maria desprezando todas as couzas que nelle podia aver, se meteo religiosa Conega neste mosteiro de São Miguel, como fica dito, recebeu o santo habito, e fes profissã nas mãs do Prior de São Vicente, e perseverou em grande observancia, e religiaõ ate o Anno de, 1240 = como consta do livro dos obitos do mosteiro de São Vicente = dis elle assim = Duodecimo Kalendas Martij obiit Domna Maria Martini soror Sancti Antonij, Canonica Dominarum Sancti Vicentij. Era, M. cc. l. xx. viij =

¶ O Padre Dom Theotónio de Mello nas suas memorias manuscritas da Ordem, falando desta religiosa Conega, serva de Deos, dis della = Foy de tanta santidade, e virtude, que mereceo acharene em seu ditozo tranzito o Padre Santo Theotónio, primeiro Prior de Santa Cruz, de quem era muito devota, e o Padre Santo Antonio seu Irmaõ = e que vendoos disse pera as religiosas que lhe assistiaõ = Day lugar irmans que vem Santo Theotónio meu padre no dia de sua festa a vizitarme, e com elle meu Irmaõ Santo Antonio a acompanharme. Faleceo nesta menham 18, de Fevereiro em que se celebra a festa do Padre santo Theotónio.

¶ Neste mosteiro perseveravaõ estas Santas religiosas pellos Annos de, 1287 = em o mes de Dezembro, huma

Senhora que se chamava Dona Ana Martins Canonica deste mesmo mosteiro de saõ Miguel, lhe fes doaçã antes que professasse de humas vinhas que tinha no lugar da Charneca; cuja escritura de testamento, comessa assim = Jn Dei nomine, Amen: Notum sit omnibus quod ego Domna Anna Martini emparedonata, sive inclusa sancti Michaelis, soror Sancti vincentij de fora civitatis vlixbonensis ettag. Facta Charta testamenti mense Decembris Era = M. ccc. xx. v = he o Anno a síma.

¶ No Anno de, 1322 = era Prioressa do dito mosteiro de saõ Miguel das Donas, huma Senhora por nome = Dona Elvira Silvestre, a qual no mes de Janeiro da Era de, M. ccc. lx = he o Anno a síma = se lhe fes huma doaçã de humas cazas na rua da Crus de Lisboa = Que a dita Prioressa as tenha, e mantenha da sua maõ pera o sustento das outras sorores incluzas = Faleceo esta Senhora Prioressa em os, 7, de Agosto, do Anno de, 1332 = consta do livro dos obitos do real mosteiro de santa Crus nestas palauras = Septimo Jdus Augusti, obiit Domna Elvira Silvestri Priorissa Sororum Dominarum Sancti Vincentij = Era = M. ccc. lxx =

¶ Mais moderna se acha no mesmo livro dos obitos, outra Priorissa do mesmo mosteiro das Donas de Saõ Miguel, que se chamava = Dona Sancha Vicente, em tempo delRey Dom Joaõ o primeiro = dis assim a sua memoria = Kallendis Septembris obiit Domna Santia Vicentij, Canonica, et Priorissa sancti Vincentij monasterij Dominarum. Era, M. cccc. l. iij = he Anno de, 1415 = que vem a dizer, que no primeiro dia de Setembro deste Anno, faleceo esta Prioressa.

¶ Este mosteiro de saõ Miguel das Donas, se extinguiu em tempo delRey Dom Joaõ o, 2º, sendo Prior môr comendatario do mosteiro de Saõ vicente, o Bispo Dom Nuno de Aguiar e as conegas que nelle avia se passaraõ com a sua Prioressa pera o mosteiro de Saõ Felix de chellas, do mesmo instituto regular.

ADIÇÕES

Tomo I, pág. 45, linha 2:

¶ Neste tempo o Padre santo Theotónio corria com grande e santa amizade, de cartas, com o veneravel Padre Sam Bernardo, 1º, Abbade de Claraval, o qual sabendo que o Padre santo Theotónio era já muyto velho, lhe mandou de presente hum bordam, cujo engaste a modo de muleta, de bronze dourado com suas pedras finas de cores, e cristaes, se guarda, e conserua no santuario do Real mosteiro de santa crus.

Tomo I, pág. 67, linha 19:

¶ A villa de Arronches, na Prouincia de alem Tejo, ganhou a os Mouros, elRey Dom Sancho. o 2º = no fim da Era de = M. cc. lxx. iii = que he Anno = 1235. é logo no principio do Anno seguinte = 1236 = em os — 7 de Janeiro, fes doaçam della a o Prior mór do real mosteiro de santa crus, Mestre Dom Joam Paes = o qual mandou logo édificar nella huma Igreja à virgem Maria Nossa Senhora, que se nam pode acabar em seu tempo, por que faleceo em — 14 — de Setembro do mesmo Anno: Porem, o Prior mór Dom Martinho Pires que lhe succedeo no priorado, a mandou acabar sumptuozamente, e pos nella primeiro Prior a Dom Gudinho Pires seu irmâm, com des conegos, todos do seu dito real mosteiro, com que se deu principio á Collegiada de santa Maria de Arronches, que foy cabeça de seis igrejas Parroquiaes que tem o termo desta villa de Arron-

ches. Dahi a — 28 — annos na Era de — M. ccc. ij = he Anno — 1264 — Reynando em Portugal, Dom Affonso — 3º = considerando, que lhe importava a segurança do seu Reyno ter o senhorio da villa de Arronches por estar na fronteira, fes troca com o real mosteiro de santa Crus, sendo Prior môr Dom Joam Pires os Padroados das igrejas de santa Maria de Obidos: a de sãta Maria de Açumar: ê a Albergaria de Poyares; pello senhorio secular da dita villa de Arronches: ê sempre o real-mosteiro de santa Crus teue o ecclésiastico de Arronches, a té o tempo del Rey Dom Joam — 3º = que o tirou pera o bispado de Portalegre, que de nouo mandou fundar.

Tomo I, pág. 70, linha 23:

¶ Em os = 4 = de Julho = Era = M. ccc. l = xx. iiij he Anno — 1336 = Descansou em o senhor a Raynha santa Dona Jzabel, na villa de Estremôs = elRey Dom Affonso — 4º = seu filho mandou a Coímbra com cartas suas o seu santo corpo ao Prior môr do real mosteiro de Santa Crus Dom Francisco Pires: ê da qui foy leuado com grãdiosa pompa funeral, pera o mosteiro de Santa Clara da lem ponte, a onde foy metido em hum rico, ê bem dourado tumulo, que o mesmo Rey lhe mandou fazer.

Tomo I, pág. 111, linha 25:

¶ Foram os primeiros Inquizidores, q̄ o Infante cardinal nomeou pera Coímbra, é vieram pouzar a santa crus = O Padre frey Bernardo da Crus, religioso da Ordem dos Pregadores, que despois foy Bispo de santo Thome = ê Gomes Affonso, Prior môr que era de Guimaraéns = E no Janeiro seguinte de — 1542 = nomeou para 3º — Inquizidor a o Padre Mestre Dom Síman Pires, que tinha sido seu mestre, ê era conego professo deste real mosteiro.

Tomo I, pág. 152, linha 29:

¶ No Anno de — 1611 — O Padre Prior, ê geral Dom Miguel de Santo Agostinho Pessanha, Fes rijas festas autorizadas a santo Antonio nosso Portugues, q̄ duraram muitos dias, á competencia com os Franciscanos da Ponte, é com o Bispo de Coimbra Dom Affonso de Castello branco que os aúdaua, ê a cidade toda contra santa Crus, Festas de pé, ê de cauallo, Procissoens reaes de muitos carros ettag s^{ta} Crus leuou a Palma.

Tomo II, pág. 31, linha 19:

¶ Em os = 8 de Dezembro, Dia da Conceiçam de Nossa Senhora, do Anno de = 1653 = O Padre Prior geral neste seu real mosteiro de santa crus, cantou Missa em Pontifical com a solemnidade que o Auto pedia, ê nella bautizou hum nosso Mouro catiuo que se chamaua = Bujamâ = o qual se fes christão, e lhe foy posto nome = Leonardo = foy seu padrinho o Jnquizidor Mattheos Homem Leitam = o mestre das ceremonias, Dom Timotheo dos Martyres.

Tomo II, pág. 33, linha 10:

¶ No Anno de = 1656 = primeiro do generalado do Padre Dom Luis da Silueira = se comessou a cantar com solemnidade todos os sabbados despois das completas, as Ladayhas de Nossa senhora = o que tãbem se fas em todos os nossos mosteiros, que deste real de santa cruz tomaram exemplo.

Tomo II pág. 52, linha 22:

¶ O Padre Prior geral, como Juis eleito da irmandade de santo Antonio, lhe fes no seu primeiro Anno = 1669 = festas rijas que duraram tres dias, no terreiro de Samsam, ê no dia do santo = 13 = de Outubro pella menham, des-

pois da Missa, é Sermam, ouue procissam solemne pellas rúas publicas, com figuras de pé, é de cauallo, em que entraram dous carros triumphantes; no primeiro que era do sol hia a Fama com seu Clarím conuocando por todo o mundo, os seus noue Capitaens = No Trono do segundo Carro, hia o Santo vestido de Conego Regrante, sentado em huma Cadeira de veludo Carmezim de pregaria dourada, triunfando do mundo, é dos vicios: nos degraos deste trono hiam muzicos em trajo de Anjos cantando ao som de Arpa, motetes em Louuor do Santo.

Tomo II, pág. 63, linha 5:

¶ Assistiram a esta tresladaçam, outo Bispos = a saber, o desta cidade, conde de Arganil, Dom frey Alvaro de sam Boaventura, silua, Religiozo capucho, irmâm de Dom Joam de silua Marques de Gouueia, conde de Portalegre mordomo môr, do conselho de Estado = O Bispo do Porto, Dom Fernando Correa de la Cerda, irmâm do secretario de Estado Francisco correa de la cerda = O Bispo de Lamego, Dom frey Luis da Silua, religiozo da santissima Trindade = O Bispo de Vizeu, Dom Joam de Mello = O Bispo de Miranda, Dom frey Jozeph de Lencastro, religiozo Carmelita, irmâm do Arcebispo inquizidor geral = O Bispo de Pernambuco, Dom Esteuam Briozo de Figueiredo = O Bispo de Santo Thome, Dom Bernardo de santa Maria, Juzarte, Conego Regrante do real mosteiro de santa Crus = O Bispo de Targa de Anel de Euora, religiozo de sam Francisco. — Os — 10 = grandes, senhores titulares da corte = Henrique de souza, Tauares, é silua, Marquês de Arronches, conde de Miranda, gouernador da caza, é Dezembargo do Porto, do conselho de Estado = Dom Diogo de Líma, Britto, e Nogueira, Bisconde de villanoua de Cerueira, é Ponte de Líma, do conselho de Estado = Dom Antonio de souza, Marquês das Minas, conde do Prado, gouernador das Armas, é de todo Douro é Minho. Dom vasco Lobo da Silueira, conde de Oríola, Baram de Aluito = Dom Fernando Pereíra

Frójás, conde da Feira = Dom Jozeph Luis de Lencastre, vasconcellos, Silneira, castelo branco, valente, é Meneses, conde de Figueirô = Garcia de Melo, é Torres, conde da Ponte. Dom Julioannes da Costa, Conde de Soure = Dom Pedro Mascarenhas, conde de Santa Crus = Joam da silua, Conde de Aueiras = é António Rozendo de Souza, filho do Marqués de Arronches.

Tomo II, pág. 98, linha 15:

¶ No Anno de = 1453 = sendo Prior môr do real mosteiro de sam Vicente, Dom Joam Machado = Dom Joam Ortís Bispo de Vizeu, capellam môr delRey Dom Joam — 1º tresladou pera a igreja velha deste mosteiro, o corpo da may de santo António, é lhe pôs na sepultura a pedra de que se fas mensaõ na Pagina = 115 = linha = 30.

Tomo II, Pág. 120, linha 29:

¶ Em os = 2 = dias do mes de Março, do Anno de = 1669 = Na Capella Real, dos Passos, é corte da cidade de Lisboa, se celebrou com grande apparato, é solemne aplauzo, a real pompa, é religiozo officio do bautismo da soberana Infante Dona Jzabel Maria Jozepha, filha do serenissimo Príncipe de Portugal, é seu governador Dom Pedro = é da serenissima Príncipeza, é Raynha, Dona Maria Francisca Jzabel de Saboya = . Fes o officio do bautismo, o nosso Bispo de Targa, iá nomeado Arcebispo de Braga Prímaz, Dom Francisco de Sotto Mayor = Nasceo esta Infante em = 6 = de janeiro.

Tomo I, pág. 45, linha 2:

¶ Na Era de — M . c . lxx . vij = he Anno de Christo — 1139 = em — 25 — de Julho, o valerozo Rey Dom Affonso Henriques, ganhou a os Mouros aquella famoza batalha do Campo de Ourique, a onde foy acclamado, é tomou nome

de Rey: Ahi lhe appareceo Christo Senhor nosso crucificado lhe falou, é o esforsou pera o uencimento. Elle entam, pera memoria da quelle aparecimento gloriozo, mandou fazer aquella imagem crucificada, que se guarda na capella da sacristia deste real mosteiro. E como tinha tomado pera seu confessor, é conselheiro de sua Alma, ao Padre sancto Theotonio, lhe deu aquella santa imagem. Quando despois no Anno de — 1147 — quis ir sobre a villa de Santarem, é a tomou por entrepreza aos Mouros, o declarou em segredo ao Padre santo Theotonio seu Confessor, o qual com seus conegos vigiaram toda aquella noite em oraçam diante da quelle mesmo crucifixo: é despois disso, o santo Padre Theotonio o mandou pôr no Oratorio das suas Donas Canonicas, a onde esteue até a refformassam deste real mosteiro, as quais entam se extinguiram, é passaram pera o mosteiro das Conegas de Santa Ana íunto á Ponte, é a santa Imagem do Crucifixo a recolheram pera este real mosteiro, que a collocaram em capella particular da sacristia, aonde sempre foy muito venerada, é fes muytos milagres. Tudo isto consta de memorias constantes antiquissimas.

Tomo II, pág. 147, linha 22 e 151, linha 13:

¶ No Anno de — 1457 — Dom Luis Pires Bispo do Porto, teue alguns descontos com os do gouerno da quella Cidade: vieramse a compor pello Bispo de Silues Dom Alvaro Lobo, nosso Conego, legado de sua Santidade, o qual pera isto veyo ao mosteiro de Grijo sua caza, aonde tambem se achou o Bispo Dom Luis: Ordenou o Legado, que os culpados pedissem perdam ao seu Prelado, que amoroamente os recebeo em sua graça, com que se pôs tudo em paz: Foy esta sentença dada em — 20 — de Nouembro do sobre dito Anno, 1457: era Prior môr de Grijo, Dom Joam Aluares, o primeiro.

Tomo III, pág. 25, linha 22:

¶ No Anno de — 1496 — em 24 — de Agosto, Dom Diogo de Souza, Bispo do Porto, fes Sinodo; no qual se

achou Dom Joam do Porto Prior mór do nosso mosteiro de Moreira: nelle se rezolueo, que este mosteiro era o mais antigo que auia neste bispado, é como tal se auia de dar o primeiro lugar no Sinodo ao seu Prior, como deram, de que se passou certidam em publico.

Tomo III, pág. 43, linha 22:

¶ No Anno de — 1328 = em. 7. de Outubro, no Sinodo que fes o Arcebispo de Braga Dom Gonçallo Pereira: pregou o Sermam o Padre mestre Dom Martinho Domingues, Prior mór do nosso mosteiro de Nandim: é nelle lhe deram o primeiro lugar, por ser este mosteiro o mais antigo da quelle Arcebispado.

Tomo III, pág. 73, linha 22:

¶ Em — 16 = do mes de Junho, Domingo da santissima Trindade, do Anno de 1658 — o Padre Prior do mosteiro de Reffoyos de Lima, Dom Mattheos da Crus, Cantou Missa em Pontifical com grande apparato, é foy o Primeiro Pontifical que se celebrou neste nosso conuento despois da Refformassam. Foy lhe assistir o mestre das ceremonias de Santa Crus, Dom Timotheo dos Martyres. Lansoulhe Agoa as maons, Ruy Pinheiro de la Cerda.

Tomo III, pág. 86, linha 21:

¶ No Anno de — 1538 = sendo Prior do nosso mosteiro de sam Jorge do Mondego, Dom Nicolao de sam Miguel: vieram pera este mosteiro por ordem do capitulo geral, os Collegiaes estudar Filozophia: era seu vice Reytor, é mestre iuntamente o Padre Dom Acurcio de santo Agostinho. Assistiram neste mosteiro aquelle triennio, a té o capitulo geral seguinte, que os tornaram pera santa Crus.

Tomo III, pág. 161, linha 21:

¶ Os Priores mores do mosteiro de Villaboa do Bispo, dos nossos Conegos, vzavam de Mitra, é Baculo, é Anel, é de fazerem pontificaes : Concedeo esta graça ao Prior môr Dom Egas, e pera seus successores, o Papa Lucio — 2º — no Anno de — 1144 = é foy despois confirmada pello Papa Anastazio — 4º — no Anno de — 1153 — como consta de suas Bullas.

Tomo III, pág. 167, linha 9:

O Prior do nosso mosteiro de villa boa do Bispo, Dom Jozeph de Santo Antonio, que foy eleito no Anno de, 1675 — neste seu triennio fundou de nouo todo o mosteiro, excepto a Igreja, o qual estaua iá muyto velho, é danificado.

Tomo I, pág. 67, linha 25:

¶ Sendo Prior môr Dom Martinho Pires o primeiro. O Bispo de Coimbra Dom Tiburcio, quis renouar a demanda da Iurisdicam deste nosso Real Mosteiro de s^{ta} Crus alegando lezam innorme diante do sũmo Pontiffice Jnnocencio. 4 — Mandou o Papa fosse citado, é ouuido o Prior môr, o qual mandou logo a Roma com os papeis necessarios tocantes á dita iurisdicam, os quais vistos se deu sentença contra o sobre dito Bispo Dom Tiburcio, de que o Papa Jnnocencio. 4º — passoa Breue em — 26, de Junho, Anno — 1249 = é nelle poem silencio perpetuo á causa ~.

Tomo II, pág. 122, linha 2 (= *ibi* = *que sustenta o sacrario*):

¶ As letras do Epítaphio del Rey Dom Joam. 4º = sam de Bronze douradas, embutidas cada huma por si em

huma pedra iaspe negra, que tem de largo quatro palmos, é tres de alto: a qual pedra negra tambem está embutida no tumulo, ou Mauzoleo de jaspe branco. ~

¶ O Epitaphio he o seguinte ¶

Da parte do coro dis assim. ~.

¶ Siste hospes: Regum Virtutes quæris in vno?

Joannes quartus conditur hoc tumulo.

Hic Lysiam asseruit, seruauit, rexit, et auxit:

Jure, armis, nutu, limitibus que nouis.

¶ Fala o Epitaphio com a pessoa que alí chega, é lhe dis ~.

Hospede curiozo: pâra, detente: buscas as virtudes de muytos Reys em hum só Rey?. Aqui neste Mauzoleu está sepultado elRey Dom Joam o quarto, em quem se cifram todas ellas: porque este Rey confirmou o Reyno de Portugal, guardouô, regeô, é o acressentou, com suas Leys, com suas armas, com imperio, é mando, é finalmente com nouos lemites ~

Da parte do Altar, dis assim. ~.

¶ Impia sacrilegi peteret cum dextra Joannem;

In niueo custos adfuit orbe Deus:

Ergo, vel in tumulo Rex hanc se sistit ad Aram,

Custodem vt custos excubet ante suum.

¶ Quando hum sacrilego, é maluado assissino, querendo matar a este Rey Dom Joam o quarto, o Senhor sacramentado a quem hia acompanhando, o liurou milagrozamente pondo lhe diante dos olhos do sacrilego huma nuem, com que o perdeo de vista: logo com muyta rezam o corpo deste Rey, neste seu mauzoleo assiste iunto a este Altar: Aqui, elle ainda que morto, está guardando o mesmo senhor sacramentado, que na vida o guardou. ~

¶ Ao pé deste Mauzoleo está sepultado o Coraçam de Dom Antonio Luis de Menezes, Conde de Cantanhede, Marqués de Marialua.

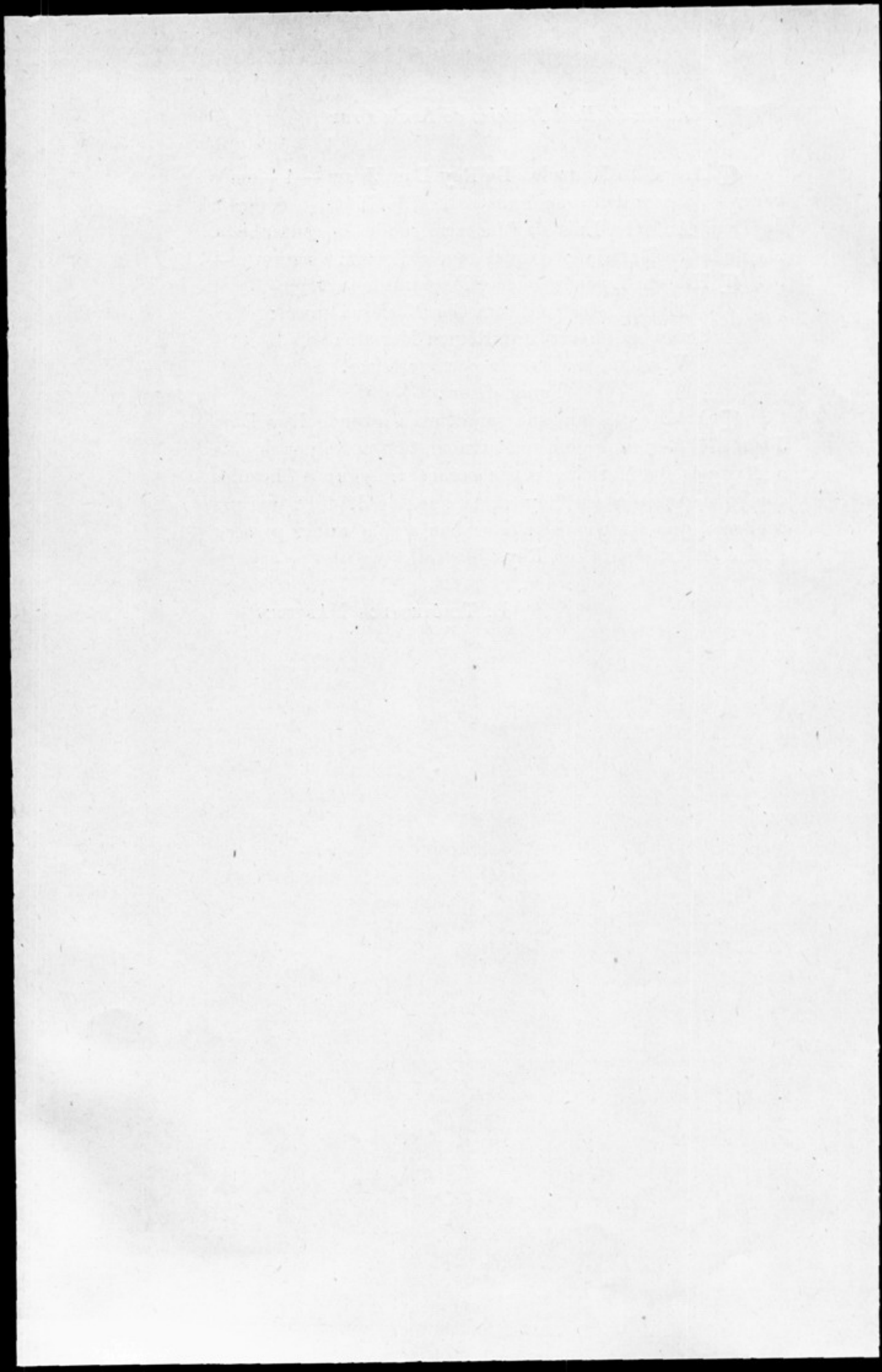
¶ Ao pé do Mauzoleo DelRey Dom Joam — 4 — em o banco esta sepultado em huma caixa de Prata, o coraçam de Dom Antonio Luis de Menezes, conde de cantanhede, Marqués de Marialua; o qual tem o Epitaffio seguinte —

¶ Hic vbi Lysiadum iacet instaurator in vrna,
Pignus habet positum Cor Marialua suum:
Corde, suum sequitur Regem Marialua sepultus,
Vt vitam credas non periisse fidem.

. quer dizer .

¶ Aqui onde tem sua sepultura o grande Rey Dom Joam o 4º — restaurador de Portugal, tem posto por prenda o Marqués de Marialua o seu coraçam: segue o Marqués com o coraçam a seu Rey ainda que sepultado, para que conheças, que ainda que nelle acabou a vida, nunca pereceo a fê, é lealdade para seu Rey.

D. TIMÓTEO DOS MÁRTIRES



PASCAL
PENSÉES CHOISIES

PAID
RECEIVED



PENSÉES

DE

M. PASCAL
SUR LA RELIGION,
ET SUR QUELQUES
AUTRES SUJETS.

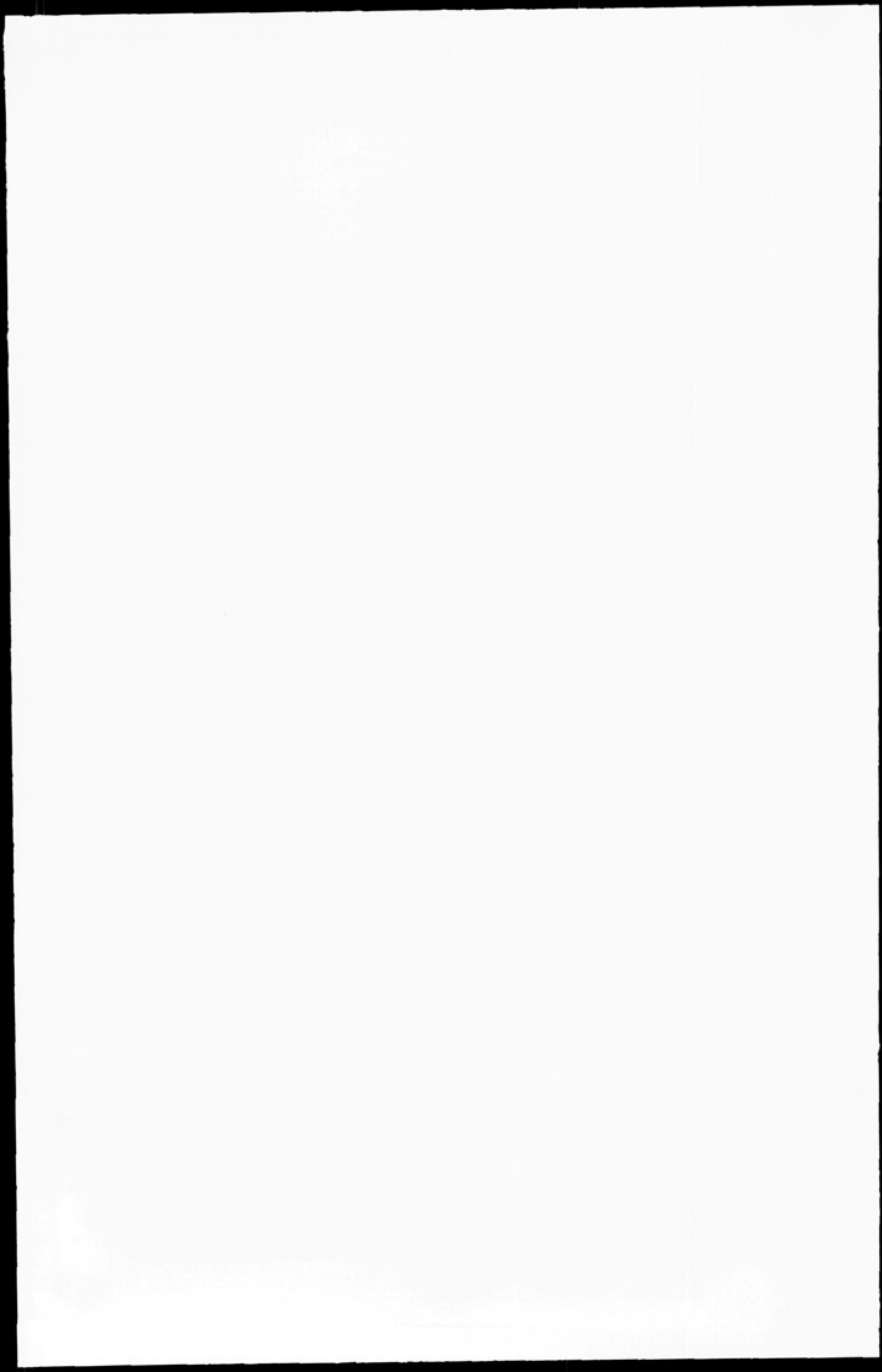
~~~~~

I.

*Contre l'Indifférence des Athées.*

**Q**UE ceux qui combattent  
la Religion apprennent au  
moins quelle elle est avant  
que de la combattre. Si  
cette Religion se vantoit d'avoir une

A





## AVANT-PROPOS

*Nous n'avons pas la prétention d'offrir à nos lecteurs quelque chose de nouveau dans cette petite anthologie de pensées pascaliennes. Néanmoins nous avons cherché celles qui, selon nous, représentent l'essence même de la position spirituelle de Pascal dans l'esquisse fragmentaire de l'Apologie de la Religion Chrétienne.*

*Le début des Pensées est formé par des éléments de définition d'une anthropologie. Cette peinture de l'homme a été jugée très chargée, négative, pessimiste, mais il faut observer que Pascal suivait un système apologétique: il avait son «art de convaincre» et son «art d'agrèer», et cette première façon de mettre en évidence la misère de l'homme a pour objectif de rendre plus merveilleuse l'intervention divine par l'ordre de la charité, c'est-à-dire dans le plan de la Rédemption.*

*D'ailleurs, Pascal n'est pas avare d'éloquence quand il exalte la grandeur de l'homme soit dans la force vivante de la pensée, image de l'être divin, soit dans l'insertion surnaturelle de la grâce à travers la structure de la nature déchue qui aspire à son bonheur.*

*Les thèses de Voltaire et de Condorcet, et plus près de nous, celles de Unamuno et de Chestov sur le pessimisme pascalien, sont indiscutablement dépassées. Pascal n'est pas non plus un existentialiste avant la lettre (la pensée de Heidegger et les positions métaphysiques ou anti-métaphysiques de Sartre sont bien loin de l'attitude anthropologique de Pascal, même s'il était possible de réduire la peinture de l'homme à la détresse de la corruption naturelle). Son jansénisme n'est pas ce qu'on a soutenu*

*pendant un siècle d'après une critique superficielle. Pascal est surtout, cela va sans dire, un type idéal de chrétien dont la foi se manifeste avec l'ardeur apostolique des premiers temps de la chrétienté naissante. Son Apologie, car il s'agit bien d'une apologie dans son état embryonnaire, en est la démonstration la plus évidente.*

*Nous avons choisi les fragments qui, à notre avis, expriment le mieux la synthèse christologique de Pensées: une esquisse d'anthropologie; des éléments de théologie naturelle et surnaturelle; le développement schématique d'une christologie rayonnante qui trouve son épanouissement dans la conscience même de la misère de l'homme illuminé par la certitude joyeuse de la foi, à travers la conquête de Dieu par Jésus-Christ.*

*Nous n'avons pas oublié quelques passages non essentiels qui ont le mérite d'être réalistes dans leur dynamisme normatif: cela démontre bien que Pascal était attentif à la morale et aux mœurs, et ne limitait pas son intérêt à l'expérience intérieure de la foi et de la charité.*

*Mais nous avons des limites rigoureuses qui bornaient notre travail. Donc, nous avons dû cueillir dans ce jardin si riche qu'est l'oeuvre apologétique de Pascal, des fleurs pour composer un bouquet, et le choix s'imposait. Nous espérons qu'il sera digne de l'attention du lecteur. Pascal le mérite mieux que personne...*

*Nous avons adopté l'ordre des Pensées d'après l'édition Lafuma, que nous considérons comme la meilleure. La nature de ce choix, dépourvu du caractère d'édition savante, ne nous a pas empêché de faire appel à la grande édition en trois volumes de 1951. Mais nous avons aussi utilisé l'édition plus récente, en deux volumes, du Club du Meilleur Livre, texte de Louis Lafuma, avec une étude de Jean Mesnard (Paris, 1958). Nous avons plutôt suivi ce dernier texte, qui est évidemment destiné à la lecture directe, libérée de toute préoccupation philologique et critique, spécialement en ce qui concerne les détails rayés par l'auteur dans le manuscrit original.*

*Le fragment que nous avons mis en tête de notre anthologie, en manière d'introduction, appartient au célèbre passage du *Pari*, qui aurait dû être classé au n° 115 bis. Une esquisse chronologique de la vie de Pascal et une liste des éditions les plus importantes des *Pensées* précèdent la leçon du texte. Nous avons ajouté une petite table de concordance qui aura peut-être son utilité, car elle permettra aisément de se reporter à la source, avec l'indication précise du numéro de chaque fragment.*

*Puisque nous avons suivi l'ordre progressif de l'édition Lafuma, nous avons aussi respecté le contexte du discours, sauf les cas où cela était absolument impossible, ce que nous avons indiqué dans les notes. Le lecteur s'apercevra que toutes les pensées choisies ont été rédigées de la main de Pascal. La numérotation suivie est celle du manuscrit, indiquée dans l'éditions du Club du Meilleur Livre. La grande édition de 1951 présente en tête de chaque fragment une numérotation double, celle du manuscrit et celle que Lafuma a adoptée à partir de son édition Delmas de 1952, plus maniable.*

*Dans la petite table de concordance nous nous sommes bornés à la première numérotation de 1951. Nous avons encore pensé pouvoir ajouter la numérotation de Zacharie Tourneur, soit celle de 1938 soit celle de l'édition paléographique de 1942. Mais cela nous obligerait aussi à recourir à l'ordre, assez personnel mais très répandu, de Brunschvicg, dont le succès a été énorme dans les générations d'avant-guerre. Mais, Tourneur admis, l'intérêt de Brunschvicg reconnu, pourquoi pas Michaut, dont l'édition avait une finalité scientifique et a respecté l'ordre du Recueil Original? Cela nous mènerait trop loin. Donc nous nous sommes plus modestement limités à la première numérotation de la grande édition Lafuma.*

*L'importance de la découverte de la copie, déjà pressentie par Z. Tourneur, est trop connue pour qu'on soit obligé à en faire ici le point. L'affaire des liasses, dans l'état où les avait laissées leur auteur, comme on peut*

déduire de la Copie, aurait été une surprise sensationnelle pour Brunschvicg, puisqu'il écrit dans la présentation de sa fameuse édition phototypique de 1905, que malheureusement il n'y avait pas de copie. On a prouvé qu'il n'avait pas raison, et nous avons désormais un texte dont l'ordre de classement est de la main de Pascal lui-même dans les 27 premières liasses, correspondantes à 27 chapitres, riches d'environ 380 fragments classés par leur auteur en vue de l'Apologie qu'il préparait. Le classement au delà est sans aucun ordre. Dans la Copie sont enregistrés papiers divers, intacts ou découpés, tous rédigés avant janvier 1659, c'est à-dire avant une maladie «qui consistait dans une espèce d'anéantissement et d'abattement général de toutes ses forces», comme le disait Carcavi à Huyghans dans une lettre du 14 août 1659. Cela explique la raison de l'existence, dans cette section, de fragments qui auraient dû être remis dans les premières liasses.

Le fragment 100 de notre choix est le dernier qui appartienne aux liasses pascaliennes. Les 75 suivants appartiennent à la Section II (jusqu'au 162°) et à la Section III (fragments non enregistrés par la Copie, d'après le Recueil Original). Nous savons bien que l'ordre de classement ne correspond pas à celui de Pascal, mais nous n'avons pas l'audace de leur donner un ordre logique, ce qui serait pourtant très facile à faire. Nous savons aussi que la solution présentée par Lafuma est la plus critique dans l'actuel état du problème, mais il est vraisemblable que les liasses qui nous donnent l'ordre des fragments selon Pascal auraient été modifiées si leur auteur n'était pas mort avant d'accomplir son dessein.

En ce qui concerne les illustrations, celle qui est imprimée sur les pages de garde, est extraite de l'édition princeps des Pensées (Paris, 1669). Pascal adolescent de Jean Domat et le masque mortuaire de Pascal sont trop connus pour qu'on doive en parler. Mais le portrait de Pascal homme du Monde était resté inconnu jusqu'à 1952. Ulisse Moussalli l'a découvert et il pense pouvoir

*l'attribuer sûrement à Philippe de Campagne, qui l'aurait exécuté en 1656-1657. Il a présenté ses conclusions dans un travail très intéressant et minutieux, Le vrai visage de Pascal, Paris, 1952, avec une étude physiognomonique fort précise. Ce portrait, nous l'avons déjà fait connaître au Portugal, à travers une remarquable copie par le peintre Martins da Costa, imprimée dans la plaquette Breve Reflexão sobre a chamada Conversão de Pascal, Braga, 1958.*

*Ce n'est pas ici le lieu de parler de la valeur de ces fragments, de la profondeur qui en définit la portée morale, philosophique et théologique, de la signification apologétique de ces propos, créés par l'«effrayant génie» de leur auteur, et qui représentent un des plus hauts sommets de l'intelligence humaine. Nous voulons seulement mettre en évidence que le premier fragment de notre choix contient essentiellement un dessein apologétique: «Misère de l'homme sans Dieu — Félicité de l'homme avec Dieu». Selon un jugement rigoureux, le critique doit accepter les données du problème. Si l'homme sans Dieu est misérable, il est heureux et racheté avec Dieu. Toute l'essence de l'Apologie de Pascal est là. Un esprit agnostique nous parlera peut-être de pessimisme anthropologique, s'il n'accepte pas l'alternative du salut établi par Pascal. Mais pour juger en critique un texte littéraire, il faut absolument respecter le document et l'authenticité de son contexte. Donc, Pascal est profondément optimiste dans l'économie générale de son oeuvre: Dieu est là, à travers le Christ, pour racheter le misérable. Et la misère devient grandeur. L'importante du Pari, à la lumière de ce renversement total du pour au contre, perd beaucoup de son intérêt, car il s'agit seulement d'un fragile argument dialectique pour convertir le libertin. Par conséquent, il ne peut pas être appliqué à la position personnelle de son auteur. Le point de départ est extérieur à la spiritualité pascalienne. Avec l'argument du Pari, l'apologiste de s'éloigne pas beaucoup de la méthode de*

*ses adversaires, les Jésuites, dont la morale descendait au niveau des gens du monde — et l'homme du monde est, en dernière analyse, l'honnête-homme du XVII<sup>e</sup> siècle — pour accomplir un renversement semblable. Cette morale est faite à la mesure de la nature déchue qui, au fond, est la même dont Pascal, dans la première partie des Pensées, nous présente la corruption comme susceptible d'être rachetée.*

*Nous remercions profondément l'Institut de Coimbre de nous avoir accordé sa confiance en acceptant de publier cette petite anthologie. Nous remercions aussi le grand Poète Campos de Figueiredo, dont la noble Parole est si pascalienne par son accent prophétique et vital, de l'intérêt qu'il a voulu porter à ce choix. Enfin, nous présentons nos excuses aux pascalisants français... Car notre audace est seulement dépassée par notre amour de Pascal et de son oeuvre.*

Rome, le 23 octobre 1959.

*JOSÉ DE PINA MARTINS*

---

(1) E. Jovy, *Pascal inédit*, I, Vitry-le-François, 1908, p. 554.



## CHRONOLOGIE PASCALIENNE

- 1616 — Mariage d'Etienne Pascal avec Antoinette Bégon.
- 1620 — Naissance de Gilberte Pascal.
- 1623 — Naissance de Blaise Pascal, à Clermont, le 19 juin.
- 1625 — Naissance de Jacqueline.
- 1626 — Mort d'Antoinette Pascal.
- 1631 — Etienne Pascal se fixe à Paris avec ses enfants. Il élève lui-même Gilberte, Blaise et Jacqueline selon la pédagogie de Montaigne. Il entre en 1635 à l'*Académie* du Père Mersenne.
- 1636 — Etienne Pascal critique le *Discours de la Méthode* de Descartes.
- 1640 — Premier travail imprimé de Blaise Pascal : *Essai pour les Coniques* (théorème de l'hexagramme mystique).
- 1641 — Mariage de Gilberte Pascal avec Florin Périer (le 13 juin).
- 1642 — Pascal cherche à construire la *machine arithmétique* pour aider son père dans sa tâche des calculs d'impôts.
- 1643 — Influence d'Arnault à Port-Royal, après la mort de Saint-Cyran.
- 1645 — *Lettre dédicatoire à Mgr. le Chancelier sur le sujet de la nouvelle machine inventée par le sieur Blaise Pascal* (il s'agit de la machine arithmétique).
- 1646 — Blaise Pascal et sa famille sont gagnés à la dévotion par les frères Deschamps, qui demeurent trois mois dans leur maison. Aux mois août-novembre, Pascal et son père répètent à



- Rouen l'expérience de Torricelli sur le vide (la colonne de mercure).
- 1647 — Deux entrevues de Pascal avec Descartes. Désaccord entre les deux savants au sujet du vide. Publication des *Expériences nouvelles touchant le vide*. Pascal compose la *Préface pour un traité du vide*. Discussion avec le Père Noël, S. I. Répétition à Paris de l'expérience de Torricelli, sur la Tour de Saint-Jacques.
- 1648 — Étude sur le *Génération des sections coniques*, travail connu par Leibniz, mais aujourd'hui perdu. *Récit de la grande expérience de l'équilibre des liqueurs*.
- 1649 — Troubles de la Fronde. Etienne Pascal se retire à Clermont avec ses enfants. Il rentre à Paris en novembre 1650.
- 1651 — Pascal compose son *Traité du Vide*. Mort d'Etienne Pascal (24 septembre). Blaise cherche à empêcher l'entrée de Jacqueline à Port-Royal.
- 1652 — Jacqueline entre à Port-Royal. Pascal présente sa machine arithmétique. *Lettre à la reine Christine de Suède, pour l'envoi de la machine arithmétique*, rédigé en juin. Voyage à Clermont. Période «mondaine» de Pascal.
- 1653 — Bulle d'Innocent x contre le jansénisme. Condamnation des cinq propositions «tirées» de l'*Augustinus* de Jansénius (1640). Rédaction de deux *Traités sur l'équilibre des liqueurs* et sur la pesanteur de la masse d'air. Voyage de Pascal à Poitiers et au Poitou en compagnie du duc de Roannez, du Chevalier de Méré et de Mitton, ses compagnons de vie «mondaine».
- 1654 — Il compose son *Traité du triangle arithmétique* et l'*Adresse à l'Académie parisienne de mathématiques* (connue par Leibniz). Il se rapproche de Jacqueline, religieuse de Port-Royal, sent



- un «grand mépris du monde» et loge Faubourg Saint-Michel, rue Monsieur le Prince. 23 novembre: Conversion de Pascal, dont le signe est représenté par le célèbre *Mémorial*.
- 1655 — Entretien avec M. de Sacy, à Port-Royal. Conversion du duc de Roannez.
- 1656 — Condamnation d'Arnauld par la Sorbonne. Première *Provinciale* (le 23 janvier). Les autres sont publiées jusqu'à 1657. La nièce de Pascal est miraculée: Miracle de la Sainte-Epine, qui impressionne vivement Pascal. Lettres de spiritualité, de Blaise à Charlotte de Roannez. Il commence à travailler à son Apologie de la Religion Chrétienne (*Pensées*).
- 1657 — Pascal compose les *Écrits et Fragments sur la grâce* (publiées en 1779) et les *Éléments de géométrie* (perdus).
- 1658 — *Première lettre circulaire relative à la cycloïde*. Le problème de la «roulette».
- 1659 — Maladie de Pascal.
- 1660 — Séjour à Bien-Assis, chez sa soeur Gilberte Périer. *Prière pour le bon usage des maladies*.
- 1661 — Signature du *formulaire* de mars 1657 touchant la condamnation de Jansénius. Jacqueline ne résiste pas au drame de conscience et meurt le 4 octobre. *Écrit sur la signature* de Pascal, qui, devant la résistance opposée par Arnauld et Port-Royal à son attitude d'intransigence, se met à côté de la discussion.
- 1662 — Entreprise pascalienne des *carrosses à cinq solds*, première ligne de transports collectifs, inaugurée le 18 mars. Le 29 juin Pascal loge chez sa soeur Périer dans la paroisse Saint Etienne-du-Mont. Le 4 juillet se confesse au curé de la paroisse. Le 3 août il rédige son testament, le 17 août reçoit l'Extrême-Onction. Le 19

août, à une heure du matin, mort de Blaise Pascal.

1664 — Persécution du Jansénisme.

1669 — Première édition de *Pensées*.

1670 — Seconde édition de *Pensées*, édition dite de Port-Royal.

## LES ÉDITIONS PRINCIPALES DES PENSÉES

[On peut consulter la *Bibliographie Générale des oeuvres de Blaise Pascal*, 1925-1927 (Paris, Giraud-Badin, 5 vol.). Voir aussi Blaise Pascal, *Pensées*, éd. Lafuma, Paris, 1951, III. e vol., *Documents*, pp. 271-283. La liste bibliographique présentée par Albert Béguin, *Pascal par lui-même*, Aux Édition du Seuil, Paris, 1953, pp. 187-188, est très incomplète pour les éditions anciennes de *Pensées*, mais suffisante pour les éditions modernes. Nous nous limiterons aussi aux éditions modernes. L'édition *princeps* remonte à 1669 et Lafuma nous présente, seulement pour l'année 1670, une liste de cinq éditions différentes.]

- 1776 — Édition Condorcet, commentée par Voltaire, in-8.
- 1844 — Édition de Prosper Faugère, 2 volumes in-8.
- 1852 — Édition Havet, commentaire et étude littéraire, in-8.
- 1877 — Édition Molinier, 2 vol. in-8.
- 1896 — Édition Michaut, ordre du manuscrit, grand in-8.
- 1897 — Petite édition Brunschvicg, *Opuscules et Pensées*, in-16.
- 1904 — Grande édition Brunschvicg, 3 vol. in-8, *Grands Écrivains de la France*.
- 1905 — Édition phototypique du manuscrit 9202, présentée par Brunschvicg, 2 vol. in-folio.
- 1907 — Édition Gazier, in-12.
- 1925 — Édition Jacques Chevalier, 2 vol. in-8.
- 1929 — Édition Henri Massis, in-8.

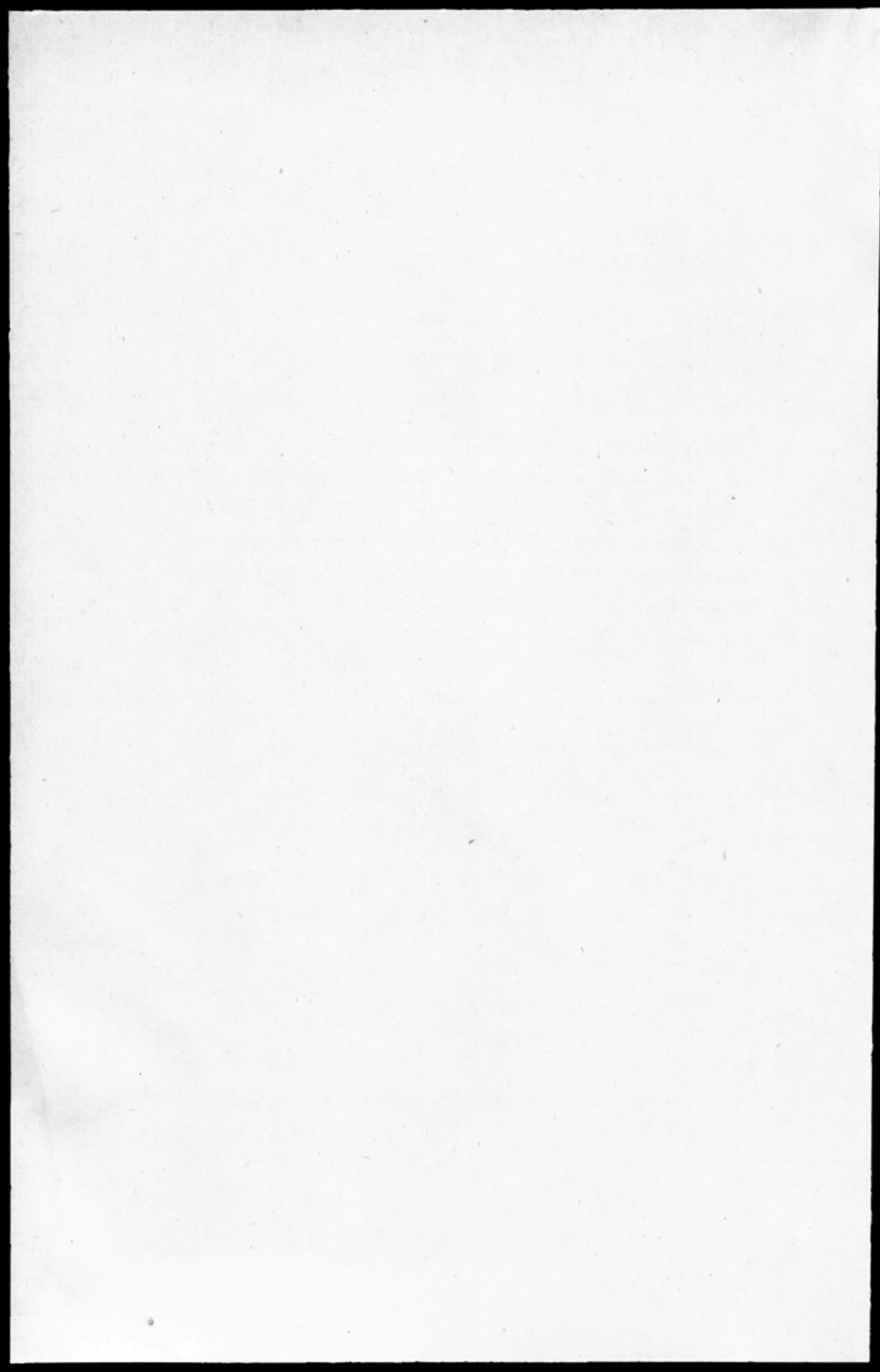
- 1931 — Édition Strowski, 3 vol.: Les Pensées, Les Opuscules, La Correspondance.
- 1935 — Édition Maurice Souriau [Les Pensées Catholiques de Pascal].
- 1937 — Édition J. Dedieu, in-8.
- 1938 — Édition Zacharie Tourneur, 2 vol. petit in-8.
- 1942 — Édition paléographique des manuscrits par Z. Tourneur, grand in-8.
- 1948 — Édition Louis Lafuma, intégrale, petit in-8. (2.<sup>e</sup> édit. revue en 1952).
- 1951 — Grande édition Lafuma, en trois vol. grand in-8, texte critique dit «des manuscrits».
- 1958 — Édition du Club du Meilleur Livre, texte établi par Lafuma, 2 vol. petit in-8 oblong, étude de Jean Mesnard.

## INTRODUCTION

*Si ce discours vous plaît et vous semble fort, sachez qu'il est fait par un homme qui s'est mis à genoux auparavant et après, pour prier cet être infini et sans parties, auquel il soumet tout le sien, de se soumettre aussi le vôtre pour votre propre bien et pour sa gloire; et qu'ainsi la force s'accorde avec cette bassesse.*

BLAISE PASCAL

Discours du Pari, fragment 418-343, grande édition Lafuma,  
Paris, 1951, p. 240.





1. 1. Partie. Misère de l'homme sans Dieu.
2. Partie. Félicité de l'homme avec Dieu.

autrement

1. Partie. Que la nature est corrompue, par la nature même.

2. Partie. Qu'il y a un Réparateur, par l'Écriture.

## 2. Ordre.

Les hommes ont mépris pour la religion. Ils en ont haine et peur qu'elle soit vraie. Pour guérir cela il faut commencer par montrer que la religion n'est point contraire à la raison. Vénération, en donner respect.

La rendre en suite aimable, faire souhaiter aux bons qu'elle fut vraie et puis montrer qu'elle est vraie.

Vénération parce qu'elle a bien connu l'homme.

Aimable parce qu'elle promet le vrai bien.

## 3. Vanité.

Qu'une chose aussi visible qu'est la vanité du monde soit si peu connue, que ce soit une chose étrange et surprenante de dire

que c'est une sottise de chercher les grandeurs. Cela est admirable.

4 Vanité des sciences.

La science des choses extérieures ne me consolera pas de l'ignorance de la morale au temps d'affliction, mais la science des moeurs me consolera toujours de l'ignorance des sciences extérieures.

5 Condition de l'homme.

Inconstance, ennui, inquiétude.

6 *Ferox gens nullam esse vitam sine armis rati.*

Ils aiment mieux la mort que la paix, les autres aiment mieux la mort que la guerre.

Toute opinion peut être préférable à la vie, dont l'amour paraît si fort et si naturel.

7 On ne choisit pas pour gouverner un vaisseau celui des voyageurs qui est de la meilleure maison.

8 Ce qui m'étonne le plus est de voir que tout le monde n'est pas étonné de sa faiblesse. On agit sérieusement et chacun suit sa condition, non pas parce qu'il est bon en effet de la suivre, puisque la mode en est, mais comme si chacun savait certainement où est la raison et la justice. On se

trouve déçu à toute heure et par une plaisante humilité on croit que c'est sa faute et non pas celle de l'art qu'on se vante toujours d'avoir. Mais il est bon qu'il y ait tant de ces gens-là au monde qui ne soient pas pyrrhoniens pour la gloire du pyrrhonisme, afin de montrer que l'homme est bien capable des plus extravagantes opinions, puisqu'il est capable de croire qu'il n'est pas dans cette faiblesse naturelle et inévitable, et de croire, qu'il est au contraire dans la sagesse naturelle.

Rien ne fortifie plus le pyrrhonisme que ce qu'il y en a qui ne sont point pyrrhoniens. Si tous l'étaient ils auraient tort.

9 Métiers.

La douceur de la gloire est si grande qu'à quelque objet qu'on l'attache, même à la mort, on l'aime.

10 L'homme n'est qu'un sujet plein d'erreur naturelle, et ineffaçable sans la grâce. Rien ne lui montre l'a vérité. Tout l'abuse. Ces deux principes de vérité, la raison et les sens, outre qu'ils manquent chacun de sincérité, s'abusent réciproquement l'un l'autre; les sens abusent la raison par de fausses apparences. Et cette même piperie qu'ils apportent à l'âme, ils la reçoivent d'elle à leur tour; elle s'en revanche. Les passions de l'âme les troublent et leur font

des impressions fausses. Ils mentent et se trompent à l'envie.

Mais outre cette erreur qui vient par accident et par le manque d'intelligence entre ces facultés hétérogènes...

(Il faut commencer par là le chapitre des puissances trompeuses).

- II Nous ne nous tenons jamais au temps présent. Nous rappelons le passé; nous anticipons l'avenir comme trop lent à venir, comme pour hâter son cours, ou nous rappelons le passé pour l'arrêter comme trop prompt, si imprudents que nous errons dans des temps qui ne sont point nôtres, et ne pensons point au seul qui nous appartient, et si vains que nous songeons à ceux qui ne sont rien, et échappons sans réflexion le seul qui subsiste. C'est que le présent d'ordinaire nous blesse. Nous le cachons à notre vue parce qu'il nous afflige, et s'il nous est agréable nous regrettons de le voir échapper. Nous tâchons de le soutenir par l'avenir, et pensons à disposer les choses qui ne sont pas en notre puissance pour un temps où nous n'avons aucune assurance d'arriver.

Que chacun examine ses pensées. Il les trouvera toutes occupées au passé ou à l'avenir. Nous ne pensons presque point au présent, et si nous y pensons ce n'est que pour en prendre la lumière pour dis-

poser de l'avenir. Le présent n'est jamais notre fin.

Le passé et le présent sont nos moyens; le seul avenir est notre fin. Ainsi nous ne vivons jamais, mais nous espérons de vivre, et nous disposant toujours à être heureux il est inévitable que nous ne le soyons jamais.

12 Le bon sens.

Ils sont contraints de dire: vous n'agissez pas de bonne foi, nous ne dormons pas, etc. Que j'aime à voir cette superbe raison humiliée et suppliante. Car ce n'est pas le langage d'un homme, à qui on dispute son droit, et qui le défend les armes et la force à la main. Il ne s'amuse pas à dire qu'on n'agit pas de bonne foi, mais il punit cette mauvaise foi par la force.

13 Bassesse de l'homme jusqu'à se soumettre aux bêtes, jusqu'à les adorer.

14 Nous sommes si malheureux que nous ne pouvons prendre plaisir à une chose qu'à condition de nous fâcher si elle réussit mal, ce que mille choses peuvent faire et font à toute heure. (Qui) aurait trouvé le secret de se réjouir du bien sans se fâcher du mal contraire aurait trouvé le point. C'est le mouvement perpétuel.

## 15 Tyrannie.

La tyrannie est de vouloir avoir par une voie ce qu'on ne peut avoir que par une autre. On rend différents devoirs aux différents mérites, devoir d'amour à l'agrément, devoir de crainte à la force, devoir de créance à la science.

On doit rendre ces devoirs-là, on est injuste de les refuser, et injuste d'en demander d'autres. Ainsi ces discours sont faux, et tyranniques: je suis beau, donc on doit me craindre, je suis fort donc on doit m'aimer, je suis... Et c'est de même être faux et tyrannique de dire: il n'est pas fort, donc je ne l'estimerai pas, il n'est pas habile, donc je ne le craindrai pas.

16 Quand il est question de juger si on doit faire la guerre et tuer tant d'hommes, condamner tant d'espagnols à la mort, c'est un homme seul qui en juge, et encore intéressé: ce devrait être un tiers indifférent.

17 Quand je considère la petite durée de ma vie absorbée dans l'éternité précédente et suivante — *memoria hospitis unius dici praetereuntis* — le petit espace que je remplis et même que je vois abîmé dans l'infinité immensité des espaces que j'ignore et qui m'ignorent, je m'effraye et m'étonne de me voir ici plutôt que là, car il n'y a point

de raison pourquoi ici plutôt que là, pourquoi à présent plutôt que lors. Qui m'y a mis? Par l'ordre et la conduite de qui ce lieu et ce temps a(-t-)il été destiné à moi?

18 Si notre condition était véritablement heureuse il ne faudrait pas nous divertir d'y penser.

19 Contradiction.

Orgueil contrepesant toutes les misères, ou il cache ses misères, ou il les découvre; il se glorifie de les connaître.

20 Il faut se connaître soi-même. Quand cela ne servirait pas à trouver le vrai cela au moins sert à régler sa vie, et il n'y a rien de plus juste.

21 L'Ecclésiaste montre que l'homme sans Dieu est dans l'ignorance de tout et dans un malheur inévitable, car c'est être malheureux que de vouloir et ne pouvoir. Or il veut être heureux et assuré de quelque vérité. Et cependant il ne peut ni savoir ni ne désirer point de savoir. Il ne peut même douter.

22 Orgueil.

Curiosité n'est que vanité. Le plus souvent on ne veut savoir que pour en parler, autrement on ne voyagerait pas sur la mer

pour ne jamais en rien dire et pour le seul plaisir de voir, sans espérance d'en jamais communiquer.

- 23 Description de l'homme.  
Dépendance, désir d'indépendance, besoins.

- 24 Les seules règles universelles sont les lois du pays aux choses ordinaires et la pluralité aux autres. D'où vient cela? de la force qui y est.

Et de là vient que les rois qui ont la force d'ailleurs ne suivent pas la pluralité de leurs ministres.

Sans doute l'égalité des biens est juste mais

Ne pouvant faire qu'il soit forcé d'obéir à la justice on a fait qu'il soit juste d'obéir à la force. Ne pouvant fortifier la justice on a justifié la force, afin que le juste et le fort fussent ensemble et que la paix fût, qui est le souverain bien.

La sagesse nous envoie à l'enfance. *Nisi efficiamini sicut parvuli.*

- 25 Le monde juge bien des choses, car il est dans l'ignorance naturelle qui est le vrai siège de l'homme. Les sciences ont deux extrémités qui se touchent, la première est la pure ignorance naturelle où se trouvent tous les hommes en naissant, l'autre extré-



mité est celle où arrivent les grandes âmes qui ayant parcouru tout ce que les hommes peuvent savoir trouvent qu'ils ne savent rien et se rencontrent en cette même ignorance d'où ils étaient partis, mais c'est une ignorance savante qui se connaît. Ceux d'entre deux qui sont sortis de l'ignorance naturelle et n'ont pu arriver à l'autre, ont quelque teinture de cette science suffisante, et font les entendus. Ceux-là troublent le monde et jugent mal de tout.

Le peuple et les habiles composent le train du monde; ceux-là le méprisent et sont méprisés. Ils jugent mal de toutes choses, et le monde en juge bien.

26 Raison des effets.

Renversement continuel du pour au contre.

Nous avons donc montré que l'homme est vain par l'estime qu'il fait des choses qui ne sont point essentielles. Et toutes ces opinions sont détruites.

Nous avons montré en suite que toutes ces opinions sont très saines, et qu'ainsi toutes ces vanités étant très bien fondées, le peuple n'est pas si vain qu'on dit. Et ainsi nous avons détruit l'opinion qui détruisait celle du peuple.

Mais il faut détruire maintenant cette dernière proposition et montrer qu'il demeure toujours vrai que le peuple est vain, quoi-

que ces opinions soient saines, parce qu'il n'en sent pas la vérité où elle est et que la mettant où elle n'est pas, ses opinions sont toujours très fausses et très mal saines.

- 27 D'où vient qu'un boiteux ne nous irrite pas et un esprit boiteux nous irrite? A cause qu'un boiteux reconnaît que nous allons droit et qu'un esprit boiteux dit que c'est nous qui boitons. Sans cela nous en aurions pitié et non colère.

Epictète demande bien plus fortement: pourquoi ne nous fâchons-nous pas si on dit que nous avons mal à la tête, et que nous nous fâchons de ce qu'on dit que nous raisonnons mal ou que nous choisissons mal.

- 28 † Justice, force.

Il est juste que ce qui est juste soit suivi; il est nécessaire que ce qui est le plus fort soit suivi.

La justice sans la force est impuissante, la force sans la justice est tyrannique.

La justice sans force est contredite, parce qu'il y a toujours des méchants. La force sans la justice est accusée. Il faut donc mettre ensemble la justice et la force, et pour cela faire que ce qui est juste soit fort ou que ce qui est fort soit juste.

La justice est sujette à dispute. La force est très reconnaissable et sans dispute. Aussi on n'a pu donner la force à la justice,

parce que la force a contredit la justice et a dit qu'elle était injuste, et a dit que c'était elle qui était juste.

Et ainsi ne pouvant faire que ce qui est juste fût fort on a fait que ce qui est fort fût juste.

29 Roseau pensant.

Ce n'est point de l'espace que je dois chercher ma dignité, mais c'est du règlement de ma pensée. Je n'aurai point d'avantage en possédant des terres. Par l'espace l'univers me comprend et m'engloutit comme un point: par la pensée je le comprends.

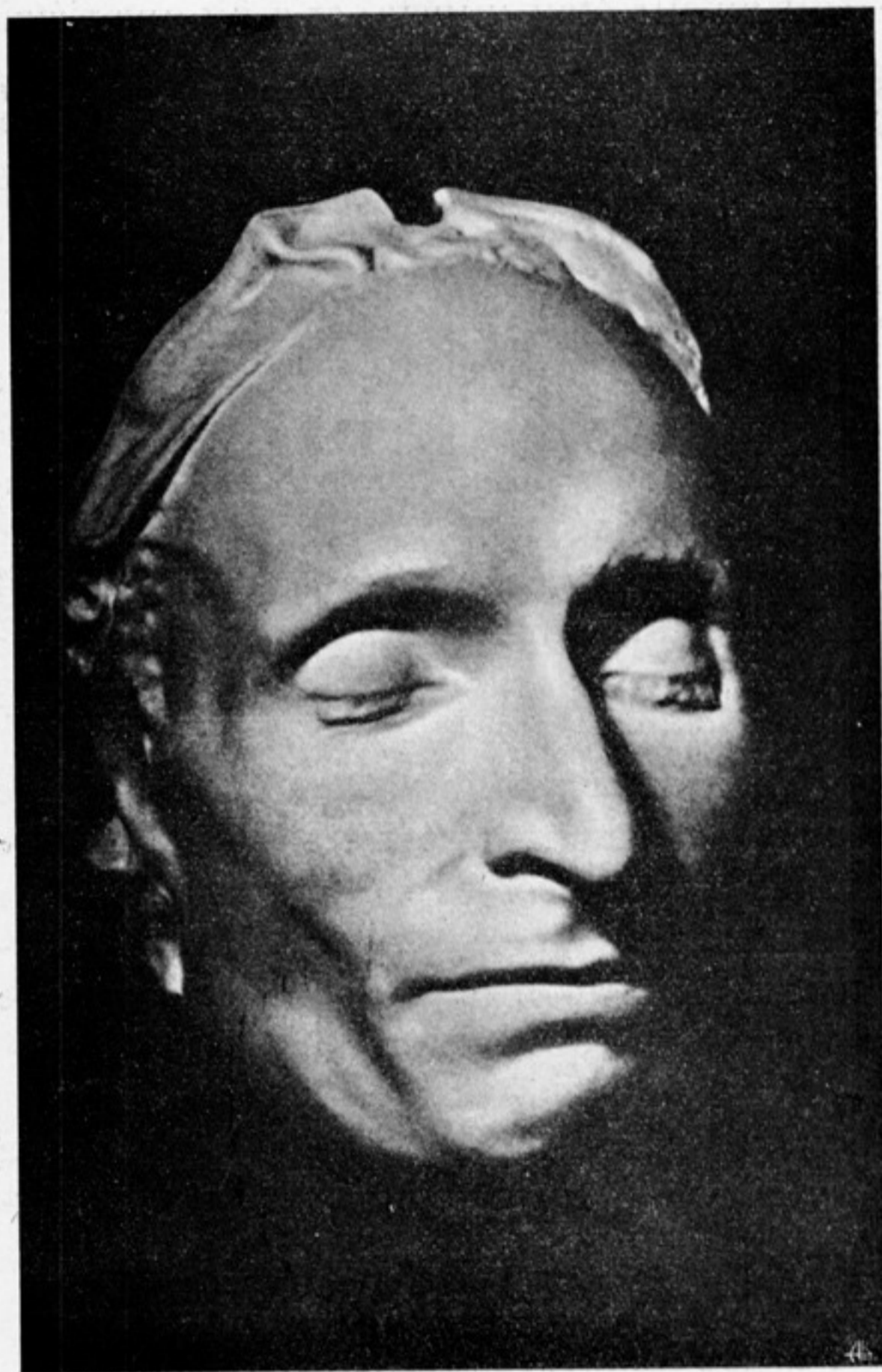
30 La grandeur de l'homme est grande en ce qu'il se connaît misérable; un arbre ne se connaît pas misérable.

C'est donc être misérable que de (se) connaître misérable, mais c'est être grand que de connaître qu'on est misérable.

31 Toutes ces misères-là même prouvent sa grandeur. Ce sont misères de grand seigneur. Misères d'un roi dépossédé.

32 La grandeur de l'homme.

La grandeur de l'homme est si visible qu'elle se tire même de sa misère, car ce qui est nature aux animaux nous l'appelons misère en l'homme par où nous reconnais-



sons que sa nature étant aujourd'hui pareille à celle des animaux il est déchu d'une meilleure nature qui lui était propre autrefois.

Car qui se trouve malheureux de n'être pas roi sinon un roi dépossédé. Trouvait-on Paul Emile malheureux de n'être pas consul? au contraire tout le monde trouvait qu'il était heureux de l'avoir été, parce que sa condition était de l'être toujours qu'on trouvait étrange de ce qu'il supportait la vie. Qui se trouve malheureux de n'avoir qu'une bouche et qui ne se trouverait malheureux de n'avoir qu'un oeil? On ne s'est peut-être jamais avisé de s'affliger de n'avoir pas trois yeux, mais on est inconsolable de n'en point avoir.

33 Grandeur de l'homme dans sa concupis-  
cence même, d'en avoir su tirer un règle-  
ment admirable et en voir fait un tableau  
de charité.

34 † APR. Grandeur et Misère.

La misère se concluant de la grandeur et la grandeur de la misère, les uns ont conclu la misère d'autant plus qu'ils en ont pris pour preuve la grandeur, et les autres concluant la grandeur avec d'autant plus de force qu'ils l'ont conclue de la misère même. Tout ce que les uns ont pu dire pour montrer la grandeur n'a servi que d'un argument aux autres pour conclure la misère, puisque

c'est être (d')autant plus misérable qu'on est tombé de plus haut, et les autres au contraire. Ils se sont portés les uns sur les autres, par un cercle sans fin, étant certain qu'à mesure que les hommes ont de lumière ils trouvent et grandeur et misère en l'homme. En un mot l'homme connaît qu'il est misérable. Il est donc misérable puisqu'il l'est, mais il est bien grand puisqu'il le connaît.

35 Contrariétés.

L'homme est naturellement crédule, incrédule, timide, téméraire.

36 La nature de l'homme se considère en deux manières, l'une selon la fin, et alors il est grand et incomparable; l'autre selon la multitude, comme on juge de la nature du cheval et du chien par la multitude, d'y voir la course *et animum arcendi*, et alors l'homme est abject et vil. Et voilà les deux voies qui en font juger diversement et qui font tant disputer les philosophes.

Car l'un nie la supposition de l'autre. L'un dit: il n'est point né à cette fin, car toutes ses actions y répugnent, l'autre dit: il s'éloigne de la fin quand il fait ces basses actions.

37 Quelle chimère est-ce donc que l'homme? quelle nouveauté, quel monstre, quel chaos,

quel sujet de contradictions, quel prodige? Juge de toutes choses, imbécile ver de terre, dépositaire du vrai, cloaque d'incertitude et d'erreur, gloire et rebut de l'univers.

- 38 Connaissez donc, superbe, quel paradoxe vous êtes à vous-même. Humiliez-vous, raison impuissante! Taisez-vous nature imbécile, apprenez que l'homme passe infiniment l'homme et entendez de votre maître votre condition véritable que vous ignorez.

Ecoutez Dieu.

- 39 Chose étonnante cependant que le mystère le plus éloigné de notre connaissance qui est celui de la transmission du péché soit une chose sans laquelle nous ne pouvons avoir aucune connaissance de nous-même.

- 40 Le noeud de notre condition prend ses replis et ses tours dans cet abîme. De sorte que l'homme est plus inconcevable sans ce mystère, que ce mystère n'est inconcevable à l'homme.

- 41 Divertissement.

La mort est plus aisée à supporter sans y penser que la pensée de mort sans péril.

- 42 Que le coeur de l'homme est creux et plein d'ordure.

43 Philosophes.

La belle chose de crier à un homme qui ne se connaît pas, qu'il aille de lui-même à Dieu. Et la belle chose de le dire à un homme qui se connaît.

44 † Philosophes.

Nous sommes pleins de choses qui nous jettent au dehors.

Notre instinct nous fait sentir qu'il faut chercher notre bonheur hors de nous. Nos passions nous poussent au dehors, quand même les objets ne s'offriraient pas pour les exciter. Les objets du dehors nous tentent d'eux-mêmes et nous appellent quand même nous n'y pensons pas. Et ainsi les philosophes ont beau dire: rentrez-vous en vous-mêmes, vous y trouverez votre bien; on ne les croit pas et ceux qui les croient sont les plus vides et les plus sots.

45 Tous les hommes recherchent d'être heureux. Cela est sans exception, quelques différents moyens qu'ils y emploient. Ils tendent tous à ce but. Ce qui fait que les uns vont à la guerre et que les autres n'y vont pas est ce même désir qui est dans tous les deux accompagné de différentes vues. La volonté fait jamais la moindre démarche que vers cet objet. C'est le motif de toutes les actions de tous les hommes, jusqu'à ceux qui vont se pendre.



Et cependant depuis un si grand nombre d'années jamais personne, sans la foi, n'est arrivé à ce point où tous visent continuellement. Tous se plaignent, princes, sujets, nobles, roturiers, vieux, jeunes, forts, faibles, savants, ignorants, sains, malades de tous pays, de tous les temps, de tous âges, et de toutes conditions.

Une épreuve si longue, si continuelle et si uniforme devrait bien nous convaincre de notre impuissance d'arriver au bien par nos efforts. Mais l'exemple nous instruit peu [...].

Qu'est-ce donc que nous crie cette avidité et cette impuissance sinon qu'il y a eu autrefois dans l'homme un véritable bonheur, dont il ne lui reste maintenant que la marque et la trace toute vide et qu'il essaye inutilement de remplir de tout ce qui l'environne, recherchant des choses absentes le secours qu'il n'obtient pas des présentes, mais qui en sont toutes incapables parce que ce gouffre infini ne peut être rempli que par un objet infini et immuable, c'est-à-dire que par Dieu même.

Lui seul est son véritable bien.

- 46 Les grandeurs et les misères de l'homme sont tellement visibles qu'il faut nécessairement que la véritable religion nous enseigne et qu'il y a quelque grand principe de

grandeur en l'homme et qu'il y a un grand principe de misère.

47 Quelle religion nous enseignera donc à guérir l'orgueil, et la concupiscence? quelle religion enfin nous enseignera notre bien, nos devoirs, les faiblesses qui nous en détournent, la cause de ces faiblesses, les remèdes qui les peuvent guérir, et le moyen d'obtenir ces remèdes. Toutes les autres religions ne l'ont pu. Voyons ce que fera la sagesse de Dieu.

48 N'attendez point, dit-elle, ô hommes, ni vérité, ni consolation des hommes. Je suis celle qui vous ai formés et qui puis seule vous apprendre qui vous êtes.

49 Incroyable que Dieu s'unisse à nous.  
 Cette considération n'est tirée que de la vue de notre bassesse, mais si vous l'avez bien sincère, suivez-la aussi loin que moi et reconnaissez que nous sommes en effet si bas que nous sommes par nous-mêmes incapables de connaître si sa miséricorde ne peut pas nous rendre capables de lui. Car je voudrais savoir d'où cet animal qui se reconnaît si faible a le droit de mesurer la miséricorde de Dieu et d'y mettre les bornes que sa fantaisie lui suggère. Il sait si peu ce que c'est que Dieu qu'il ne sait pas ce qu'il est lui-même.

- 50 Dieu a voulu racheter les hommes et ouvrir le salut à ceux qui le chercheraient, mais les hommes s'en rendent si indignes qu'il est juste que Dieu refuse à quelques-uns, à cause de leur endurcissement, ce qu'il accorde aux autres par une miséricorde qui ne leur est pas due.
- 51 Il n'y a que trois sortes de personnes: les uns qui servent Dieu l'ayant trouvé, les autres qui s'emploient à le chercher ne l'ayant pas trouvé, les autres qui vivent sans le chercher ni l'avoir trouvé. Les premiers sont raisonnables et heureux, les derniers sont fous et malheureux. Ceux du milieu sont malheureux et raisonnables.
- 52 Commencer par plaindre les incrédules, ils sont assez malheureux par leur condition. Il ne les faudrait injurier qu'au cas que cela servît, mais cela leur nuit.
- 53 Soumission et usage de la raison: en quoi consiste le vrai christianisme.
- 54 La conduite de Dieu, qui dispose toutes choses avec douceur, est de mettre la religion dans l'esprit par les raisons et dans le coeur par la grâce, mais de la vouloir mettre dans l'esprit et dans le coeur par la force et par les menaces, ce n'est pas y mettre la

religion mais la terreur. *Terrorem potius quam religionem.*

55     Contradiction est une mauvaise marque de vérité.

Plusieurs choses certaines sont contredites.

Plusieurs fausses passent sans contradiction.

Ni la contradiction n'est marque de fausseté ni l'incontradiction n'est marque de vérité.

56     Il y a peu de vrais chrétiens. Je dis même pour la foi. Il y en a bien qui croient mais par superstition. Il y en a bien qui ne croient pas, mais par libertinage; peu sont entre-deux.

Je ne comprends pas en cela ceux qui sont dans la véritable piété de moeurs et tous ceux qui croient par un sentiment du coeur.

57     Le piété est différente de la superstition.

Soutenir la piété jusqu'à la superstition c'est la détruire.

58     Il n'y a rien de si conforme à la raison que ce désaveu de la raison.

59     2 excès  
exclure la raison, n'admettre que la raison.

60 La foi dit bien ce que les sens ne disent pas, mais non pas le contraire de ce qu'ils voient; elle est au dessus, non pas contre.

61 La dernière démarche de la raison est de reconnaître qu'il y a une infinité de choses qui la surpassent. Elle n'est que faible si elle ne va jusqu'à connaître cela.

Que si les choses naturelles la surpassent, que dira(-t-)on des surnaturelles?

62 Dieu par J.-C.

Nous ne connaissons Dieu que par J.-C. Sans ce médiateur est ôtée toute communication avec Dieu. Par J.-C. nous connaissons Dieu. Tous ceux qui ont prétendu connaître Dieu et le prouver sans J.-C. n'avaient que des preuves impuissantes. Mais pour prouver J.-C. nous avons les prophéties qui sont des preuves solides et palpables. Et ces prophéties étant accomplies et prouvées véritables par l'événement marquent la certitude de ces vérités et partant la preuve de la divinité de J.-C. En lui et par lui nous connaissons donc Dieu. Hors de là et sans l'écriture, sans le péché originel, sans médiateur nécessaire, promis et arrivé, on ne peut prouver absolument Dieu, ni enseigner ni bonne doctrine, ni bonne morale. Mais par J.-C. et en J.-C.

on prouve Dieu et on enseigne la morale et la doctrine. J.-C. est donc le véritable Dieu des hommes.

63 Il est non seulement impossible mais inutile de connaître Dieu sans J.-C. Ils ne s'en sont pas éloignés mais approchés; il ne se sont pas abaissés mais... *Quo quisque optimus eo pessimus si hoc ipsum quod sit optimus ascribat sibi.*

64 La connaissance de Dieu sans celle de sa misère fait l'orgueil.

La connaissance de sa misère sans celle de Dieu fait le désespoir.

La connaissance de J.-C. fait le milieu parce que nous y trouvons, et Dieu et notre misère.

65 Pourquoi ma connaissance est-elle bornée, ma taille, ma durée à 100 ans plutôt qu'à 1000? quelle raison a eu la nature de me la donner telle et de choisir ce milieu plutôt qu'un autre dans l'infinité, desquels il n'y a pas plus de raison de choisir l'un que l'autre, rien de tentant plus que l'autre?

66 † H. 5.

En voyant l'aveuglement et la misère de l'homme, en regardant tout l'univers muet et l'homme sans lumière abandonné à lui-même, et comme égaré dans ce recoin de

l'univers sans savoir qui l'y a mis, ce qu'il y est venu faire, ce qu'il deviendra en mourant, incapable de toute connaissance, j'entre en effroi comme un homme qu'on aurait porté endormi dans une île déserte et effroyable, et qui s'éveillerait sans connaître et sans moyen d'en sortir. Et sur cela j'admire comment on n'entre point en désespoir d'un si misérable état.

67 Que l'homme contemple donc la nature entière dans sa haute et pleine majesté, qu'il éloigne sa vue des objets bas qui l'entourent. Qu'il regarde cette éclatante lumière mise comme une lampe éternelle pour éclairer l'univers, que la terre lui paraisse comme un point au prix du vaste tour que cet astre décrit et qu'il s'étonne de ce que ce vaste tour lui-même n'est qu'une pointe très délicate à l'égard de celui que ces astres, qui roulent dans le firmament, embrassent.

68 Qu'est-ce qu'un homme, dans l'infini?

69 Car enfin qu'est-ce que l'homme dans la nature? Un néant à l'égard de l'infini, un tout à l'égard du néant, un milieu entre rien et tout, infiniment éloigné de comprendre les extrêmes; la fin des choses et leurs principes sont pour lui invinciblement cachés dans un secret impénétrable.

Egalement — incapable de voir le néant d'où il est tiré et l'infini où il est englouti.

Que fera(-t-)il donc sinon d'apercevoir quelque apparence du milieu des choses dans un désespoir éternel de connaître ni leur principe ni leur fin. Toutes choses sont sorties du néant et portées jusqu'à l'infini. Qui suivra ces étonnantes démarches? l'auteur de ces merveilles les comprend. Tout autre ne le peut faire.

70      Connaissons donc notre portée. Nous sommes quelque chose et ne sommes pas tout. Ce que nous avons d'être nous dérobe la connaissance des premiers principes qui naissent du néant, et le peu que nous avons d'être nous cache la vue de l'infini.

Notre intelligence tient dans l'ordre des choses intelligibles le même rang que notre corps dans l'étendue de la nature.

Bornés en tout genre, cet état qui tient le milieu entre deux extrêmes se trouve en toutes nos puissances. Nos sens n'aperçoivent rien d'extrême, trop de bruit nous assourdit, trop de lumière éblouit, trop de distance et trop de proximité empêche la vue. Trop de longueur et trop de brièveté de discours l'obscurcit, trop de vérité nous étonne [...].

Enfin les choses extrêmes sont pour nous comme si elles n'étaient point et nous ne



sommes point à leur égard; elles nous échappent ou nous à elles.

71 Voilà notre état véritable. C'est ce qui nous rend incapables de savoir certainement et d'ignorer absolument. Nous voguons sur un milieu vaste, toujours incertains et flottants, poussés d'un bout vers l'autre, quelque terme où nous pensions nous attacher et nous affermir, il branle, et nous quite, et si nous le suivons il échappe à nos prises, nous glisse et fuit d'une fuite éternelle; rien ne s'arrête pour nous. C'est l'état qui nous est naturel et toutefois le plus contraire à notre inclination. Nous brûlons du désir de trouver une assiette ferme, et une dernière base constante pour y édifier une tour qui s'élève à (l')infini, mais tout notre fondement craque et la terre s'ouvre jusqu'aux abîmes.

Ne cherchons donc point d'assurance et de fermeté; notre raison est toujours déçue par l'inconstance des apparences: rien ne peut fixer le fini entre les deux infinis qui l'enferment et le fuient.

72 H. 3. — L'homme n'est qu'un roseau, le plus faible de la nature, mais c'est un roseau pensant. Il ne faut pas que l'univers entiers s'arme pour l'écraser; une vapeur, une goutte d'eau suffit pour le tuer. Mais quand l'univers l'écraserait, l'homme serait encore

plus noble que ce qui le tue, puisqu'il sait qu'il meurt et l'avantage que l'univers a sur lui. L'univers n'en sait rien.

Toute notre dignité consiste donc en la pensée. C'est de là qu'il nous faut relever et non de l'espace et de la durée, que nous ne saurions remplir. Travaillons donc à bien penser: voilà le principe de la morale.

- 73 S'il y a un seul principe de tout, une seule fin de tout, — tout par lui, tout pour lui, — il faut donc que la vraie religion nous enseigne à n'adorer que lui et à n'aimer que lui. Mais comme nous nous trouvons dans l'impuissance d'adorer ce que nous ne connaissons pas et d'aimer autre chose que nous, il faut que la religion qui instruit de ces devoirs nous instruisse aussi de ces impuissances et qu'elle nous apprenne aussi les remèdes. Elle nous apprend que par un homme tout a été perdu et la liaison rompue entre Dieu et nous, et que par un homme la liaison est réparée.

Nous naissons si contraires à cet amour de Dieu et il est si nécessaire qu'il faut que nous naissions coupables, ou Dieu serait injuste.

- 74 J.-C. est un Dieu dont on s'approche sans orgueil et sous lequel on s'abaisse sans désespoir.

75 La vraie religion doit avoir pour marque d'obliger à aimer son Dieu. Cela est bien juste et cependant aucune ne l'a ordonné, la nôtre l'a fait.

Elle doit encore avoir connu la concupis-  
cence et l'impuissance, la nôtre l'a fait.

Elle doit y avoir apporté des remèdes, l'un  
est la prière. Nulle religion n'a demandé à  
Dieu de l'aimer et de le suivre.

76 Après voir entendu toute la nature de  
l'homme il faut pour faire qu'une religion  
soit vraie qu'elle ait connu notre nature.  
Elle doit avoir connu la grandeur et la peti-  
tesse et la raison de l'une et de l'autre. Qui  
l'a connue que la chrétienne?

77 Les autres religions, comme les paiennes,  
sont plus populaires, car elles sont en exté-  
rieur, mais elles ne sont pas pour les gens  
habiles. Une religion purement intellec-  
tuelle serait plus proportionnée aux habi-  
les, mais elle ne servirait pas au peuple.  
La seule religion chrétienne est propor-  
tionnée à tous, étant mêlée d'extérieur et  
d'intérieur. Elle élève le peuple à l'inté-  
rieur, et abaisse les superbes à l'extérieur;  
et n'est pas parfaite sans les deux, car il  
faut que le peuple entende l'esprit de la  
lettre et que les habiles soumettent leur  
esprit à la lettre.

- 78 Comme J.-C. est demeuré inconnu parmi les hommes; ainsi la vérité demeure parmi les opinions communes sans différence à l'extérieur. Ainsi l'Eucharistie parmi le pain commun.
- 79 Ce que les hommes par leurs plus grandes lumières avaient pu connaître, cette religion l'enseignait à ses enfants.
- 80 Tout ce qui est incompréhensible ne laisse pas d'être.
- 81 Dieu veut plus disposer la volonté que l'esprit, la clarté parfaite servirait à l'esprit et nuirait à la volonté.  
Abaisser la superbe.
- 82 L'homme n'est pas digne de Dieu mais il n'est pas incapable d'en être rendu digne.  
Il est indigne de Dieu de se joindre à l'homme misérable mais il n'est pas indigne de Dieu de le tirer de sa misère.
- 83 Que Dieu s'est voulu cacher.  
S'il n'y avait qu'une religion Dieu y serait bien manifeste.  
S'il n'y avait des martyrs qu'en notre religion de même.  
Dieu étant ainsi caché toute religion qui ne dit pas que Dieu est caché n'est pas véri-

table, et toute religion qui n'en rend pas la raison n'est pas instruisante. La nôtre fait tout cela. *Vere tu es deus absconditus.*

84 L'unique objet de l'Écriture est la charité.

85 J.-C. n'a fait autre chose qu'apprendre aux hommes qu'ils s'aimaient eux-mêmes, qu'ils étaient esclaves, aveugles, malades, malheureux et pécheurs; qu'il fallait qu'il les délivrât, éclairât, béatifiât et guérît, que cela se ferait en se haissant soi-même et en le suivant par la misère et la mort de la croix.

86 Cette religion qui consiste à croire que l'homme est déchu d'un état de gloire et de communication avec Dieu, mais qu'après cette vie nous serons rétablis par un Messie qui devait venir, a toujours été sur la terre.

Toutes choses ont passé et celle-là a subsisté par laquelle sont toutes choses.

87 La seule religion contra la nature, contre le sens commun, contre nos plaisirs est la seule qui ait toujours été.

88 Le coeur a son ordre, l'esprit a le sien qui est par principe et démonstration. Le coeur en a un autre. On ne prouve pas qu'on doit être aimé en exposant d'ordre les causes de l'amour; cela serait ridicule.

- 89 La distance infinie des corps aux esprits figure la distance infiniment plus infinie des esprits à la charité car elle est surnaturelle.
- 90 J.-C. a dit les choses grandes si simplement qu'il semble qu'il ne les a pas pensées, et si nettement néanmoins qu'on voit bien ce qu'il en pensait. Cette clarté jointe à cette naïveté est admirable.
- 91 Le christianisme est étrange; il ordonne à l'homme de reconnaître qu'il est vil et même abominable, et lui ordonne de vouloir être semblable à Dieu. Sans un tel contre-poids cette élévation le rendrait horriblement vain, ou cet abaissement le rendrait horriblement abject.
- 92 La misère persuade le désespoir.  
L'orgueil persuade la présomption.  
L'Incarnation montre à l'homme la grandeur de sa misère par la grandeur du remède qu'il a fallu.
- 93 Nul n'est heureux comme un vrai chrétien, ni raisonnable, ni vertueux, ni aimable.
- 94 Es-tu moins esclave pour être aimé et flatté de ton maître; tu as bien du bien,

esclave, ton maître te flatte. Il te battra tantôt.

95 C'est être superstitieux de mettre son espérance dans les formalités, mais c'est être superbe de ne vouloir s'y soumettre.

96 L'expérience nous fait voir une différence énorme entre la dévotion et la bonté.

97 Il faut n'aimer que Dieu et ne haïr que soi.

98 Les philosophes ont consacré les vices en les mettant en Dieu même; les chrétiens ont consacré les vertus.

99 Qu'il y a loin de la connaissance de Dieu à l'aimer.

100 Ne vous étonnez pas de voir des personnes simples croire sans raisonnement. Dieu leur donne l'amour de soi et la haine d'eux-mêmes. Il incline leur coeur à croire. On ne croira jamais, d'une créance utile et de foi si Dieu n'incline le coeur et on croira dès qu'il l'inclinera.

Et c'est ce que David connaissait bien.  
*Inclina cor meum Deus in, etc.*

101 La vraie nature de l'homme, son vrai bien et la vraie vertu et la vraie religion sont choses dont la connaissance est inséparable.

102 Au lieu de vous plaindre de ce que Dieu s'est caché vous lui rendrez grâces de ce qu'il s'est tant découvert et vous lui rendrez grâces encore de ce qu'il ne s'est pas découvert aux sages superbes indignes de connaître un Dieu si saint.

Deux sortes de personnes connaissent, ceux qui ont le coeur humilié et qui aiment leur bassesse, quelque degré d'esprit qu'ils aient haut ou bas, ou ceux qui ont assez d'esprit pour voir la vérité quelques oppositions qu'ils y aient.

103 Si l'homme n'est fait pour Dieu pourquoi n'est-il heureux qu'en Dieu.

Si l'homme est fait pour Dieu pourquoi est-il si contraire à Dieu.

104 L'homme ne sait à quel rang se mettre, il est visiblement égaré et tombé de son vrai lieu sans le pouvoir retrouver. Il le cherche partout avec inquiétude et sans succès dans des ténèbres impénétrables.

105 Nous souhaitons la vérité et ne trouvons en nous qu'incertitude.

Nous recherchons le bonheur et ne trouvons que misère et mort.

Nous sommes incapables de ne pas souhaiter la vérité et le bonheur et sommes incapables ni de certitude ni de bonheur.



Ce désir nous est laissé tant pour nous punir que pour nous faire sentir d'où nous sommes tombés.

106 Toutes ces contrariétés qui semblaient le plus m'éloigner de la connaissance d'une religion est ce qui m'a le plus tôt conduit à la véritable.

107 Je blâme également et ceux qui prennent parti de louer l'homme, et ceux qui le prennent de le blâmer, et ceux qui le prennent de se divertir et je ne puis approuver que ceux qui cherchent en gémissant.

108 Grandeur de l'homme.

Nous avons une si grande idée de l'âme de l'homme que nous ne pouvons souffrir d'en être méprisés et de n'être pas dans l'estime d'une âme. Et toute la félicité des hommes consiste dans cette estime.

109 Les hommes sont si nécessairement fous que ce serait être fou par un autre tour de folie de n'être pas fou.

110 Misère.

La seule chose qui nous console de nos misères est le divertissement. Et cependant c'est la plus grande de nos misères. Car c'est cela qui nous empêche principalement de songer à nous et qui nous fait perdre

insensiblement. Sans cela nous serions dans l'ennui, et cet ennui nous pousserait à chercher un moyen plus solide d'en sortir, mais le divertissement nous amuse et nous fait arriver insensiblement à la mort.

111 La nature est corrompue.

Sans J.-C. il faut que l'homme soit dans le vice et dans la misère. Avec J.-C. l'homme est exempt de vice et de misère.

En lui est toute notre vertu et toute notre félicité.

Hors de lui il n'y a que vice, misère, erreur, ténèbres, mort, désespoir.

112 Infini rien.

113 Nous connaissons donc l'existence et la nature du fini parce que nous sommes finis et étendus comme lui.

Nous connaissons l'existence de l'infini et ignorons sa nature, parce qu'il a étendue comme nous, mais non pas des bornes comme nous.

Mais nous ne connaissons ni l'existence ni la nature de Dieu, parce qu'il n'a ni étendue, ni bornes.

Mais par la foi nous connaissons son existence, par la gloire, nous connaissons sa nature.

Or j'ai déjà montré qu'on peut bien con-

naître l'existence d'une chose sans connaître sa nature.

114 Oui, mais il faut parier. Cela n'est pas volontaire, vous êtes embarqués. Lequel prendrez-vous donc? Voyons; puisqu'il faut choisir voyons ce qui vous intéresse le moins. Vous avez deux choses à perdre: le vrai et le bien, et 2 choses à engager: votre raison et votre volonté, votre connaissance et votre béatitude, et votre nature deux choses à fuir: l'erreur et la misère. Votre raison n'est pas plus blessée puisqu'il faut nécessairement choisir, en choisissant l'un que l'autre. Voilà un point vidé. Mais votre béatitude? Pesons le gain et la perte en prenant croix que Dieu est. Estimons ces deux cas: si vous gagnez vous gagnez tout, et si vous perdez vous ne perdez rien: gagez donc qu'il est sans hésiter. Cela est admirable.

115 Tout joueur hasarde avec certitude pour gagner avec incertitude, et néanmoins il hasarde certainement le fini, sans pécher contra la raison. Il n'y a pas infinité de distance entre cette certitude de ce qu'on s'expose et l'incertitude du gain: cela est faux. Il y a, à la vérité, infinité entre la certitude de gagner et la certitude de perdre, mais l'incertitude de gagner est proportionnée à la certitude de ce qu'on hasarde selon la proportion des hasards de gain et de perte.

Et de là vient que s'il y a autant de hasards d'un côté que de l'autre le parti est à jouer égal contre égal. Et alors la certitude de ce qu'on s'expose est égal à l'incertitude du gain, tant s'en faut qu'elle en soit infiniment distante. Et ainsi notre proposition est dans une force infinie, quand il y a le fini à hasarder, à un jeu où il y a pareils hasards de gain que de perte, et l'infini à gagner.

Cela est démonstratif et si les hommes sont capables de quelque vérité celle-là l'est.

116 Il est faux que nous soyons dignes que les autres nous aiment. Il est injuste que nous le voulions. Si nous naissions raisonnables et indifférents, et connaissant nous et les autres nous ne donnerions point cette inclination à notre volonté. Nous naissons pourtant avec elle, nous naissons donc injustes.

117 Le coeur a ses raisons que la raison ne connaît point; on le sait en mille choses.

Je dis que le coeur aime l'être universel naturellement et soi-même naturellement, selon qu'il s'y adonne, et il se durcit contre l'un ou l'autre à son choix. Vous avez rejeté l'un et conservé l'autre; est-ce par raison que vous vous aimez?

- 118 C'est le coeur qui sent Dieu et non la raison. Voilà ce que c'est que la foi. Dieu sensible au coeur, non à la raison.
- 119 La seule science qui est contre le sens commun et la nature des hommes est la seule qui ait toujours subsisté parmi les hommes.
- 120 Nier, croire et douter sont à l'homme ce que le courir est au cheval.
- 121 Géométrie. Finesse.  
 La vraie éloquence se moque de l'éloquence, la vraie morale se moque de la morale. C'est-à-dire que la morale du jugement se moque de la morale de l'esprit qui est sans règles.  
 Car le jugement est celui à qui appartient le sentiment, comme les sciences appartiennent à l'esprit. La finesse est la part du jugement, la géométrie est celle de l'esprit.  
 Se moquer de la philosophie c'est vraiment philosopher.
- 122 Qu'il est difficile de proposer une chose au jugement d'un autre sans corrompre son jugement par la manière de la lui proposer.
- 123 Tout notre raisonnement se réduit à céder au sentiment.

124 Toutes les bonnes maximes sont dans le monde; on ne manque qu'à les appliquer.

Par exemple, on ne doute pas qu'il ne faille exposer sa vie pour défendre le bien public, et plusieurs le font; mais pour la religion point.

Il est nécessaire qu'il y ait de l'inégalité parmi les hommes, cela est vrai; mais cela étant accordé voilà la porte ouverte non seulement à la plus haute domination mais à la plus haute tyrannie.

Il est nécessaire de relâcher un peu l'esprit, mais cela ouvre la porte aux plus grands débordements.

Qu'on en marque les limites. Il n'y a point de bornes dans les choses. Les lois en veulent mettre, et l'esprit ne peut le souffrir.

125 Tout ce qui est au monde est concupis-  
cence de la chair ou concupis-  
cence des yeux ou orgueil de la vie. *Libido sentiendi, libido sciendi, libido dominandi.* Malheureuse la terre de malédiction que ces trois fleuves de feu embrasent plutôt qu'ils n'arrosent. Heureux ceux qui étant sur ces fleuves, non pas plongés, non pas entraînés, mais immobilement affermis sur ces fleuves, non pas debout, mais assis, dans une assiette basse et sûre, d'où ils ne se relèvent pas avant la lumière, mais après s'y être reposé

en paix, tendent la main à celui qui les doit élever pour les faire tenir debout et fermes dans les porches de la sainte Jérusalem où l'orgueil ne pourra plus les combattre et les abattre, et qui cependant pleurent, non pas de voir écouler toutes les choses périssables que ces torrents entraînent, mais dans le souvenir de leur chère patrie de la Jérusalem céleste, dont ils se souviennent sans cesse dans la longueur de leur exil.

- 126 La force est la reine du monde et non pas l'opinion, mais l'opinion est celle qui use de la force.

C'est la force qui fait l'opinion. La mollesse est belle selon notre opinion. Pourquoi? parce que qui voudra danser sur la corde sera seul, et je ferai une cabale plus forte de gens qui diront que cela n'est pas beau.

- 127 Il n'y a que deux sortes d'hommes, les uns justes qui se croient pécheurs, les autres pécheurs qui se croient justes.

- 128 La vraie et unique vertu est donc de se haïr, car on est haïssable par sa concupis-  
cence, et de chercher un être véritablement aimable pour l'aimer. Mais comme nous ne pouvons aimer ce qui est hors de nous, il faut aimer un être qui soit en nous, et qui ne soit pas nous. Et cela est vrai d'un

chacun de tous les hommes. Or il n'y a que l'être universel qui soit tel. Le royaume de Dieu est en nous. Le bien universel est en nous, est nous-même et n'est pas nous.

129 La foi est un don de Dieu. Ne croyez pas que nous disions que c'est un don de raisonnement. Les autres religions ne disent pas cela de leur foi. Elles ne donnaient que le raisonnement pour y arriver, qui n'y mène pas néanmoins.

130 Si l'on ne se connaît plein de superbe, d'ambition, de concupiscence, de faiblesse, de misère et d'injustice, on est bien aveugle. Et si en le connaissant on ne désire d'en être délivré que peut-on dire d'un homme?

Que peut-on donc avoir, que de l'estime pour une religion qui connaît si bien les défauts de l'homme, et que du désir pour la vérité d'une religion qui y promet des remèdes si souhaitables.

131 Le moi est haïssable.

132 S'il y a un Dieu il ne faut aimer que lui et non les créatures passagères.

133 L'homme est visiblement fait pour penser. C'est toute sa dignité et tout son mérite; et tout son devoir est de penser comme il



faut. Or l'ordre de la pensée est de commencer par soi, et par son auteur et sa fin.

- 134 Guerre intestine de l'homme entre la raison et les passions.

S'il n'y avait que la raison sans passions.

S'il n'y avait que les passions sans raison.

Mais ayant l'un et l'autre il ne peut être sans guerre, ne pouvant avoir paix avec l'un qu'ayant guerre avec l'autre.

Aussi il est toujours divisé et contraire à lui-même.

- 135 Ennui.

Rien n'est si insupportable à l'homme que d'être dans un plein repos, sans passions, sans affaires, sans divertissement, sans application.

Il sent alors son néant, son abandon, son insuffisance, sa dépendance, son impuissance, son vide.

Incontinent il sortira du fond de son âme l'ennui, la noirceur, la tristesse, le chagrin, le dépit, le désespoir.

- 136 Si c'est un aveuglement surnaturel de vivre sans chercher ce qu'on est, c'en est un terrible de vivre mal en croyant Dieu.

- 137 Recherche du vrai bien.

Le commun des hommes met le bien dans

la fortune et dans les biens du dehors ou au moins dans le divertissement.

Les philosophes ont montré la vanité de tout cela et l'ont mis où ils ont pu.

138 La vanité est si ancrée dans le coeur de l'homme qu'un soldat, un goujat, un cuisinier, un crocheteur se vante et veut avoir ses admirateurs et les philosophes mêmes en veulent, et ceux qui écrivent contre veulent avoir la gloire d'avoir bien écrit, et ceux qui les lisent veulent avoir la gloire de les avoir lus, et moi qui écris ceci ai peut-être cette envie, et peut-être que ceux qui le liront . . .

139 La nature de l'homme est toute nature, *omne animal*.

Il n'y a rien qu'on ne rende naturel. Il n'y a naturel qu'on ne fasse perdre.

140 Malgré la vie de toutes nos misères qui nous touchent, qui nous tiennent à la gorge, nous avons un instinct que nous ne pouvons réprimer qui nous élève.

141 Diseur de bons mots, mauvais caractère.

142 Il faut que le monde soit bien aveugle s'il vous croit.

- 143 L'homme n'est ni ange ni bête, et le malheur veut que qui veut faire l'ange fait la bête.
- 144 *Ordre.* La nature a mis toutes ses vérités en soi-même. Notre art les renferme les unes dans les autres, mais cela n'est pas naturel. Chacune tient sa place.
- 145 *Gloire.*  
Les bêtes ne s'admirent point. Un cheval n'admire point son compagnon. Ce n'est pas qu'il n'y ait entre eux de l'émulation à la course, mais c'est sans conséquence, car étant à l'étable, le plus pesant et plus mal taillé n'en cède pas son avoine à l'autre, comme les hommes veulent qu'on leur fasse. Leur vertu se satisfait d'elle-même.
- 146 Ceux qui sont dans le dérèglement disent à ceux qui sont dans l'ordre que ce sont eux qui s'éloignent de la nature et ils la croient suivre, comme ceux qui sont dans un vaisseau croient que ceux qui sont au bord fuient. Le langage est pareil de tous côtés. Il faut avoir un point fixe pour en juger. Le port juge ceux qui sont dans un vaisseau, mais où prendrons-nous un port dans la morale?
- 147 *Nature s'imite.* La nature s'imite. Une graine jetée en bonne terre produit. Un

principe jeté dans un bon esprit produit.

148 Craindre la mort hors du péril, et non dans le péril, car il faut être homme.

149 Ceux qui sont accoutumés à juger par le sentiment ne comprennent rien aux choses de raisonnement. Car ils veulent d'abord pénétrer d'une vue et ne sont point accoutumés à chercher les principes, et les autres au contraire qui sont accoutumés à raisonner par principes, ne comprennent rien aux choses de sentiment y cherchant des principes et ne pouvant voir d'une vue.

150 Pensée.

Toute la dignité de l'homme est en la pensée, mais qu'est-ce que cette pensée? qu'elle est sotte?

La pensée est donc une chose admirable et incomparable par sa nature. Il fallait qu'elle eût d'étranges défauts pour être méprisable, mais elle en a de tels que rien n'est plus ridicule. Qu'elle est grande par sa nature, qu'elle est basse par ses défauts.

151 Pensée fait la grandeur de l'homme.

152 Il est juste qu'un Dieu si pur ne se découvre qu'à ceux dont le coeur est purifié.

- 153 Il n'est pas honteux à l'homme de succomber sous la douleur, et il lui est honteux de succomber sous le plaisir.
- 154 Dieu  
 a créé tout pour soi.  
 a donné puissance de peines et de biens pour soi.  
 Vous pouvez l'appliquer à Dieu ou à vous.  
 Si à Dieu l'Évangile est la règle.  
 Si à vous, vous tiendrez la place de Dieu.
- 155 Incompréhensible que Dieu soit et incompréhensible qu'il ne soit pas, que l'âme soit avec le corps, que nous n'ayons point d'âme, que le monde soit créé, qu'il ne soit pas etc, que le péché originel soit et qu'il ne soit pas.
- 156 Il y a deux manières de persuader les vérités de notre religion, l'une par la force de la raison, l'autre par l'autorité de celui qui parle.  
 On ne se sert point de la dernière mais de la première. On ne dit point: il faut croire cela car l'Écriture qui le dit est divine, mais on dit qu'il le faut croire par telle et telle raison, qui sont de faibles arguments, la raison étant flexible à tout.
- 157 La raison agit avec lenteur et avec tant de vues sur tant de principes, lesquels il

faut qu'ils soient toujours présents, qu'à toute heure elle assoupit ou s'égare manque d'avoir tous ses principes présents. Le sentiment n'agit pas ainsi; il agit en un instant et toujours est prêt à agir. Il faut donc mettre notre foi dans le sentiment, autrement elle sera toujours vacillante.

158 Toute religion est fausse qui dans sa foi n'adore pas un Dieu comme principe de toutes choses et qui dans sa morale n'aime pas un seul Dieu comme objet de toutes choses.

159 Ce n'est point ici le pays de la vérité; elle erre inconnue parmi les hommes. Dieu l'a couverte d'un voile qui la laisse méconnaître à ceux qui n'entendent pas sa voix [...].

160 En montrant la vérité on la fait croire, mais en montrant l'injustice des maîtres on ne la corrige pas; on assure la conscience en montrant la fausseté, on n'assure pas la bourse en montrant l'injustice.

161 *In omnibus requiem quaesivi.*

Si notre condition était véritablement heureuse, il ne nous faudrait pas divertir d'y penser pour nous rendre heureux.

162 Quand on dit que J.-C. n'est pas mort pour tous, vous abusez d'un vice des hom-

mes qui s'appliquent incontinent cette exception, ce qui est favoriser le désespoir au lieu de les en détourner pour favoriser l'espérance.

163 L'espérance que les chrétiens ont de posséder un bien infini est mêlée de jouissance effective aussi bien que de crainte, car ce n'est pas comme ceux qui espéreraient un royaume dont ils n'auraient rien étant sujets, mais ils espèrent la sainteté, l'exemption de l'injustice, et ils en ont quelque chose.

164 Les fleuves de Babylone coulent et tombent, et entraînent.

O sainte Sion, où tout est stable et où rien ne tombe.

Il faut s'asseoir sur ces fleuves, non sous ou dedans, mais dessus, et non debout mais assis, pour être humble étant assis, et en sûreté étant dessus, mais nous serons debout dans les porches de Jérusalem.

Qu'on voie si ce plaisir est stable ou coulant; s'il passe, c'est un fleuve de Babylone.

165 Jésus sera en agonie jusqu'à la fin du monde. Il ne faut pas dormir pendant ce temps-là.

- 166 Console-toi. Tu ne me chercherais pas si tu ne m'avais trouvé.
- 167 La loi n'a pas détruit la nature, mais elle l'a instruite. La grâce n'a pas détruit la loi mais elle la fait exercer.  
La foi reçue au baptême est la source de toute la vie du chrétien, et des convertis.
- 168 On se fait une idole de la vérité même, car la vérité hors de la charité n'est pas Dieu, et est son image et une idole qu'il ne faut point aimer ni adorer, et encore moins faut-il aimer ou adorer son contraire, qui est le mensonge.
- 169 Le moindre mouvement importe à toute la nature, la mer entière change pour une pierre. Ainsi dans la grâce la moindre action importe pour ses suites à tout; donc tout est important.
- 170 Ne te compare point aux autres, mais à moi. Si tu ne m'y trouves pas dans ceux où tu te compares tu te compares à un abominable. Si tu m'y trouves, compare-t-y; mais qu'y compareras-tu? sera-ce toi ou moi dans toi? si c'est toi c'est un abominable, si c'est moi tu compares moi à moi. Or je suis Dieu en tout.
- 171 Le lieu propre à la superbe est la sagesse, car on ne peut accorder à un homme qu'il



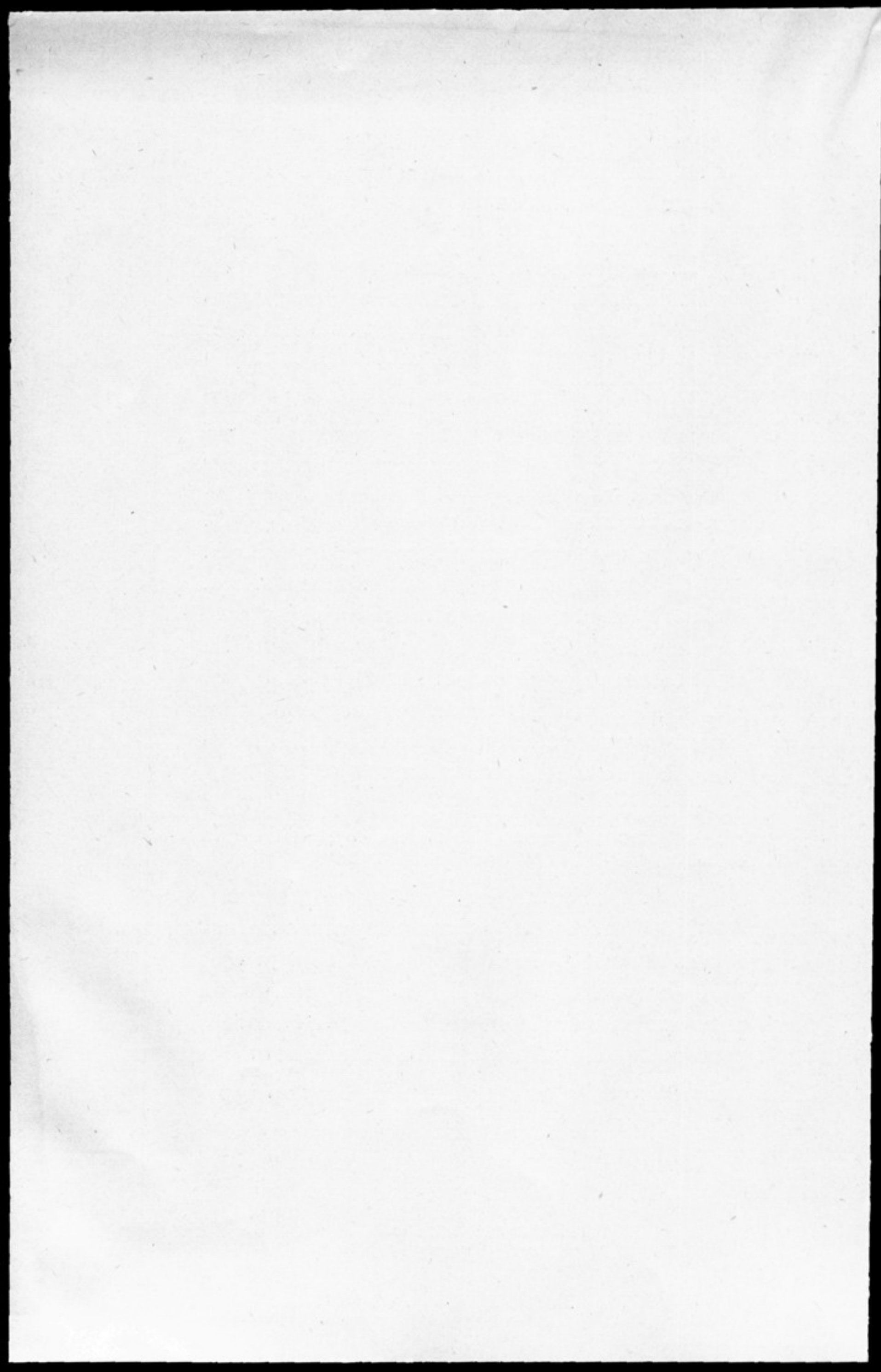
s'est rendu sage et qu'il a tort d'être glorieux. Car cela est de justice.

172 La nature a des perfections pour montrer qu'elle est l'image de Dieu et des défauts pour montrer qu'elle n'en est que l'image.

173 2. Considérer J.-C. en toutes les personnes, et en nous-mêmes. J.-C. comme père en son père. J.-C. comme frère en ses frères. J.-C. comme pauvre en les pauvres. J.-C. comme riche en les riches. J.-C. comme docteur et prêtre en les prêtres. J.-C. comme souverain en les princes, etc. Car il est par sa gloire tout se qu'il y a de grand étant Dieu et est par sa vie mortelle tout ce qu'il y a de chétif et d'abject. Pour cela il a pris cette malheureuse condition pour pouvoir être en toutes les personnes et modèle de toutes conditions.

174 On ne s'éloigne qu'en s'éloignant de la charité.

175 Nos prières et nos vertus sont abominables devant Dieu si elles ne sont les prières et les vertus de J.-C. Et nos péchés ne seront jamais l'objet de la (miséricorde) mais de la justice de Dieu s'ils ne sont (les péchés) de J.-C.



## NOTES

La numérotation entre ( ) se reporte à notre recueil.

L'indication double de numérotation et de pages se reporte au 1<sup>er</sup> volume de l'édition des *Pensées*, textes, que Lafuma a publié aux éditions du Luxembourg, à Paris, en 1951.

1. — (37-40) : Ces pensées appartiennent au fragment 131-246, pp. 83-87, et possèdent une valeur par elles-mêmes. On peut donc les dégager du contexte sans lui faire violence.
2. — (42) : Cette proposition termine et constitue la synthèse du fragment 139-272, pp. 97-98. Elle a une valeur universelle, même appliquée à d'autres situations de la peinture pascalienne de l'homme.
3. — (45) : Le discours choisi est précédé par ces mots, du fragment 148-300, p. 105:  
«Seconde partie.  
Que l'homme sans la foi ne peut connaître le vrai bien, ni la justice».  
Le fragment du manuscrit original est beaucoup plus long, et occupe les pages 105-106.
4. — (46-50) : Ces cinq propositions, à chacune desquelles nous donnons une autonomie, sont dégagées d'un long discours qui remplit les pages 109-113, fragment 140-309, sur la condition de l'homme. Tout l'ensemble mériterait d'être transcrit, mais devant l'impossibilité de le faire, nous avons choisi les passages qui, à notre avis, possèdent une valeur plus universelle.  
Le petit fragment 46 est précédé par ces mots:  
«A. P. R. Commencement, après avoir expliqué l'incompréhensibilité».
5. — (57) : Le discours de ce fragment (186-366), p. 125, est complété par ces propositions:  
«Les hérétiques nous reprochent cette soumis-

sion superstitieuse; c'est faire ce qu'ils nous reprochent.

Impiété de ne pas croire l'Eucharistie sur ce qu'on ne la voit pas.

Superstition de croire des propositions etc.

Foi etc.»

- 6.— (67-71) : Nous avons dégagé de ce merveilleux fragment (199-390), pp. 134-142, quelques passages plus importants, mais tout le discours mériterait d'être transcrit. Chacun des passages que nous avons choisis possède une valeur autonome et une signification universelle.
- 7.— (84) : Petite proposition que nous avons isolée du milieu d'un discours (270-504), pp. 172-173, beaucoup plus long, sur les Juifs.
- 8.— (86) : La proposition est précédée par le mot «Perpétuité» et suivie d'une série de considérations illustratives, avec plusieurs exemples. Fragment 281-540, pp. 183-184.
- 9.— (89) : La première proposition du fragment 308-585, pp. 194-196, que nous avons détachée du contexte, est, à notre avis, la plus importante.
- 10.— (97) : Le fragment 373-689, pp. 217, possède une suite et un corollaire dans le discours suivant, mais nous croyons pouvoir dégager la première proposition et la présenter dans une perspective de signification autonome, d'autant plus qu'elle se rattache à l'Évangile.
- 11.— (112-115) : Quatre passages d'un fragment d'une importance considérable (418-343), pp. 237-240, très connu comme le texte du *Pari*. À la page 240 la phrase que nous avons choisie comme introduction de notre choix : «Si ce discours vous plaît [...]». Ils ont en eux une valeur universelle, ce qui nous permet de donner à chacun son autonomie dans une perspective morale et de les dégager du contexte sans mutilation du sens général.
- 12.— (116) : Première proposition du fragment 421-313, p. 241, dont la dernière phrase est celle-ci : «Nulle secte ni religion n'a toujours été sur la terre que la religion chrétienne».
- 13.— (120) : La proposition termine le fragment 504-790 sur l'autorité, p. 341.
- 14.— (131) : Première proposition d'un fragment de cinq paragraphes (597-141), p. 374.

15. — (152) : Troisième proposition d'un discours plus long du fragment 793-466, pp. 425-426, sur les *autres* religions.
16. — (154) : Deux autres propositions complètent le fragment 796-917, p. 427:  
 «Comme Dieu est environné de gens pleins de charité qui lui demandent les biens de la charité qui sont en sa puissance, ainsi  
 Connaissez vous donc et sachez que vous n'êtes qu'un roi de concupiscence et prenez les voies de la concupiscence».
17. — (157) : Conclusion du fragment 821-7, p. 439, sur le caractère *automatique* de beaucoup des actions humaines».
18. — (161) : Le mot «Pensées» précède la proposition, fragment 889-156, p. 472.
19. — (162) : Le fragment 912-772, p. 478, est complété par ces mots: «Car on s'accoutume ainsi aux vertus intérieures par ces habitudes extérieures».
20. — (165-166) : Ces deux propositions appartiennent au célèbre passage du *Mystère de Jésus*, 919-739, pp. 486-490. Le fragment 166 est répété, comme contenu, dans les deux dernières propositions de la pensée 929-751, p. 494: «Tu ne me chercherais pas si tu ne me possédais».
21. — (168) : Le fragment 926-738, pp. 492-493 est complété par ces propositions:  
 «Je puis bien aimer l'obscurité totale, mais si Dieu m'engage dans un état à demi-obscur, ce peu d'obscurité qui y est me déplaît, et parce que je n'y vois pas le mérite d'une entière obscurité il ne me plaît pas. C'est un défaut et une marque que je me fais une idole de l'obscurité séparée de l'ordre de Dieu. Or il ne faut adorer qu'en son ordre».
22. — (169) : Les deux propositions qui complètent la pensée transcrite sont dégagées d'un ensemble de quatre paragraphes qui constituent le fragment 927-749, p. 493. Le premier paragraphe est formé par des expressions-clé, qui vraisemblablement devaient être complétées plus tard: «Que me servirait./Abominables./Singlin». Notre passage est le troisième de l'ordre progressif.
23. — (170) : Le passage transcrit est le premier paragraphe du fragment 929-751, p. 494, dont le dernier a été transcrit dans la note aux numéros 165-166.
24. — (171) : Nous avons dégagé du contexte cette pensée, qui

possède en elle-même son autonomie. Elle appartient au fragment 933-721 de la p. 496.

25. — (174-175) : Les deux passages forment les deux premiers paragraphes du fragment 948-745, pp. 498-499. Les deux autres passages qui complètent le fragment sont aussi très intéressants, mais leur caractère détaillé et moins universel nous dispense de les présenter dans notre texte.

TABLE DE CONCORDANCE

CHOIX : *Pascal. Pensées Choisies* par José de Pina Martins, Instituto de Coimbra, 1960.

LAFUMA : Blaise Pascal, *Pensées*, textes, édition de Louis Lafuma, Luxembourg, Paris, 1951.

| CHOIX   | LAFUMA | CHOIX   | LAFUMA | CHOIX   | LAFUMA |
|---------|--------|---------|--------|---------|--------|
| 1.....  | 6      | 28..... | 103    | 55..... | 177    |
| 2.....  | 12     | 29..... | 113    | 56..... | 179    |
| 3.....  | 16     | 30..... | 114    | 57..... | 181    |
| 4.....  | 23     | 31..... | 116    | 58..... | 182    |
| 5.....  | 24     | 32..... | 117    | 59..... | 183    |
| 6.....  | 29     | 33..... | 118    | 60..... | 185    |
| 7.....  | 30     | 34..... | 122    | 61..... | 188    |
| 8.....  | 33     | 35..... | 124    | 62..... | 189    |
| 9.....  | 37     | 36..... | 127    | 63..... | 191    |
| 10..... | 45     | 37..... | 131    | 64..... | 192    |
| 11..... | 47     | 38..... | 131    | 65..... | 194    |
| 12..... | 52     | 39..... | 131    | 66..... | 198    |
| 13..... | 53     | 40..... | 131    | 67..... | 199    |
| 14..... | 56     | 41..... | 138    | 68..... | 199    |
| 15..... | 58     | 42..... | 139    | 69..... | 199    |
| 16..... | 59     | 43..... | 141    | 70..... | 199    |
| 17..... | 68     | 44..... | 143    | 71..... | 199    |
| 18..... | 70     | 45..... | 148    | 72..... | 200    |
| 19..... | 71     | 46..... | 149    | 73..... | 205    |
| 20..... | 72     | 47..... | 149    | 74..... | 212    |
| 21..... | 75     | 48..... | 149    | 75..... | 214    |
| 22..... | 77     | 49..... | 149    | 76..... | 215    |
| 23..... | 78     | 50..... | 149    | 77..... | 219    |
| 24..... | 81     | 51..... | 160    | 78..... | 225    |
| 25..... | 83     | 52..... | 162    | 79..... | 229    |
| 26..... | 93     | 53..... | 167    | 80..... | 230    |
| 27..... | 98     | 54..... | 172    | 81..... | 234    |

| CHOIX    | LAFUMA | CHOIX    | LAFUMA | CHOIX    | LAFUMA |
|----------|--------|----------|--------|----------|--------|
| 82.....  | 239    | 114..... | 418    | 146..... | 697    |
| 83.....  | 242    | 115..... | 418    | 147..... | 698    |
| 84.....  | 270    | 116..... | 421    | 148..... | 716    |
| 85.....  | 271    | 117..... | 423    | 149..... | 751    |
| 86.....  | 281    | 118..... | 424    | 150..... | 756    |
| 87.....  | 284    | 119..... | 425    | 151..... | 759    |
| 88.....  | 298    | 120..... | 505    | 152..... | 793    |
| 89.....  | 308    | 121..... | 513    | 153..... | 795    |
| 90.....  | 309    | 122..... | 529    | 154..... | 796    |
| 91.....  | 351    | 123..... | 530    | 155..... | 809    |
| 92.....  | 352    | 124..... | 540    | 156..... | 820    |
| 93.....  | 357    | 125..... | 545    | 157..... | 821    |
| 94.....  | 361    | 126..... | 554    | 158..... | 833    |
| 95.....  | 364    | 127..... | 562    | 159..... | 840    |
| 96.....  | 365    | 128..... | 564    | 160..... | 847    |
| 97.....  | 373    | 129..... | 588    | 161..... | 889    |
| 98.....  | 375    | 130..... | 595    | 162..... | 912    |
| 99.....  | 377    | 131..... | 597    | 163..... | 917    |
| 100..... | 380    | 132..... | 618    | 164..... | 918    |
| 101..... | 393    | 133..... | 620    | 165..... | 919    |
| 102..... | 394    | 134..... | 621    | 166..... | 919    |
| 103..... | 399    | 135..... | 622    | 167..... | 925    |
| 104..... | 400    | 136..... | 623    | 168..... | 926    |
| 105..... | 401    | 137..... | 626    | 169..... | 927    |
| 106..... | 404    | 138..... | 627    | 170..... | 929    |
| 107..... | 405    | 139..... | 630    | 171..... | 933    |
| 108..... | 411    | 140..... | 633    | 172..... | 934    |
| 109..... | 412    | 141..... | 670    | 173..... | 946    |
| 110..... | 414    | 142..... | 676    | 174..... | 948    |
| 111..... | 416    | 143..... | 678    | 175..... | 948    |
| 112..... | 418    | 144..... | 684    |          |        |
| 113..... | 418    | 145..... | 685    |          |        |



O FENÓMENO SOLAR  
DE 13 DE OUTUBRO DE 1917

DUAS PALAVRAS

A «memória» que segue, é, com pequenos acréscimos e ligeiros desenvolvimentos, o texto que enviámos para o Congresso de Lurdes de 1958 e está a ser impresso em Itália nas actas das respectivas sessões. Todavia pareceu-nos oportuno publicá-la também em Portugal, por nela se tratar do fenómeno mais espectacular de quantos se desenrolaram na Fátima desde 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917.

Ora Fátima é hoje, para Portugal, um altíssimo valor, tanto espiritual, como económico e cultural. Acresce que certas campanhas que lá fora se fazem contra Fátima, se baseiam no completo desconhecimento dos factos e das suas provas testemunhais, designadamente o de que esta «memória» se ocupa que foi observado por dezenas de milhares de pessoas, algumas das quais afastadas de muitas dezenas de léguas umas das outras.

Ao surpreendente espectáculo observado, na Cova da Iria e muitos outros pontos do país, a 13 de Outubro de 1917, por volta do meio dia solar, chamam uns «milagre do Sol» e outros apenas «fenómeno solar». Nem uma, nem outra destas designações é exacta, porque o que foi visto naquele dia e hora por muitos milhares de pessoas foi um fenómeno meteorológico perfeitamente explicável por leis naturais. O facto de tal fenómeno ter sido previsto, por uma criança de dez anos, com três meses de antecedência, é que é maravilhoso, mas isso é já outra questão.

P. d'A.

## INTRODUÇÃO

Encarregado superiormente de elaborar um trabalho sobre *o fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917*, o nosso primeiro cuidado foi colher todos os elementos contidos nas mais autorizadas fontes de que pudemos dispor.

Neste trabalho preliminar muito nos ajudou Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup> o Senhor Bispo de Tiava que nos forneceu:

a) Cópia integral do «Inquérito Paroquial» realizado à medida que se foram sucedendo as aparições, e continuado com o interrogatório de diversas testemunhas de grande interesse;

b) cópia dos «Interrogatórios oficiais», de Manuel Pedro Marto (pai de dois videntes), Olímpia de Jesus (mãe de dois videntes), Maria Rosa, viúva (mãe de Lúcia), Maria dos Santos e marido, Manuel António Paula, José Alves (todos da Freguesia da Fátima);

c) cópia de extractos (relativos ao fenómeno solar) do inquérito do Vigário de Porto de Mós;

d) cópia dos depoimentos do Padre Francisco Brás das Neves e do Dr. Carlos de Azevedo Mendes;

e) cópia de extractos dos depoimentos do Barão de Alvaiázere e do Dr. Luis Andrade e Silva;

f) extracto do relatório do Processo Canónico;

g) cópia do «Interrogatório oficial» de Lúcia de Jesus, feito em 8 de Julho de 1924; cópia do Interrogatório oficial de D. Maria da Purificação Godinho, feito em 11 de Setembro de 1934;

h) extractos de diversas cartas e recortes da «Voz da Fátima».

No catálogo das publicações periódicas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, procurámos ver todas as nele mencionadas que se publicavam à data do fenómeno solar, que são muitas, mas que, exceptuados alguns dos diários de Lisboa e Porto, e alguns periódicos católicos da Provincia, pouco ou nada dizem que se aproveite. E dos periódicos católicos, a maior parte limitou-se a reproduzir o já publicado por outros.

Houve, como de regra, excepções e de entre elas sobressai «O Mensageiro», semanário católico de Leiria, que, além de valiosa colaboração própria, teve o cuidado de arquivar o que de mais sério e importante a imprensa do tempo trouxe a público.

Não nos foi possível descobrir, apesar dos esforços que fizemos nesse sentido, uma fonte preciosa, da autoria do Visconde de Montelo — «Os episódios maravilhosos de Fátima» — obra hoje raríssima, porque a edição foi quase toda destinada a ofertas e poucos exemplares saíram à venda. Cremos, porém, que o mais importante esteja divulgado já em outras obras que correm impressas<sup>(1)</sup>.

Da Ex.<sup>ma</sup> Senhora Dona Maria do Carmo Lopes da Fonseca (Madre Maria do Carmo) a cujo cargo está o arquivo organizado pelo saudoso Visconde de Montelo, recebemos valiosa ajuda e úteis indicações que muito nos penhoraram.

As restantes fontes, constituídas por obras impressas, vão citadas no texto ou em notas.

Dos elementos colhidos nestas fontes, extractámos tudo quanto podia servir-nos para descrever o fenómeno solar, pois foi esse o nosso primeiro e principal objectivo; e reproduzimos esses extractos no cap. III, postos por ordem cronológica, pois nos merecem maior confiança, em igualdade de circunstâncias, os testemunhos mais próximos dos sucessos.

---

(1) Assim é, de facto, como verificámos pelo exemplar que nos foi enviado pela Sr.<sup>a</sup> Dona Maria do Carmo Lopes da Fonseca já depois de escrita esta «memória».

Este conjunto de extractos foi depois sujeito a diversas filtrações, para descrevermos cada um dos aspectos principais do fenómeno solar, separadamente.

A colecção de extractos contida no Cap. III foi precedida de um estudo sobre a cronologia do fenómeno solar, dado importante para a sua descrição e ao mesmo tempo útil para a fácil compreensão de diversas passagens de alguns dos mais importantes depoimentos. É este o objecto do cap. II.

O estudo do fenómeno solar é inseparável do seu anúncio, por Lúcia, com três meses de antecedência. Por isso destinamos a esse aspecto essencial, o cap. I.

## CAPÍTULO I

### LÚCIA ANUNCIA O FENÓMENO SOLAR COM TRÊS MESES DE ANTECEDÊNCIA

1. No inquérito realizado pelo P.<sup>o</sup> Manuel Marques Ferreira, então pároco da Fátima, remetido ao Arcebispo de Mitilene em 28 de Abril de 1919, diz o pároco inquiridor:

«Logo que começou a correr a notícia de que Nossa Senhora havia aparecido no dia 13 de Maio às referidas crianças (1) e que disso tive conhecimento, o que foi cerca de quinze dias depois, mandei vir à minha casa e residência paroquial, a mãe da vidente Lúcia e que se fizesse acompanhar desta. Vem a mãe com a filha, mas toda lastimosa, por julgar, diz ela, que tudo é mentira; manda à filha que desdiga o que tinha dito, que será um grande mal tal mentira. Ameaça e diz já ter ameaçado, a filha com muitas coisas que lhe hão-de acontecer se ela continuar a dizer que viu Nossa Senhora e mentir. Diz que só estas coisas lhe estavam reservadas para ela, etc., etc. Procuro serenar a mãe aflita, etc....» (2).

2. Por esta e outras passagens dos relatórios do Pároco da Fátima e do Vigário de Porto de Mós se vê que, logo que constou das aparições, se levantou em volta das três crianças uma nuvem de desconfiança, carregada de ameaças.

---

(1) Lúcia, Jacinta e Francisco.

(2) Inquérito Paroquial, fl. 2.

3. Dos mesmos dois documentos e de outros consta abundantemente que muitas pessoas procuravam as videntes para as interrogar e algumas as apertavam com perguntas capciosas a ver se as apanhavam em contradição o que muito as afligia.

4. Não admira, pois, que na terceira aparição, a 13 de Julho, a Lúcia dissesse à Senhora: «Faça um milagre para que todos acreditem! E a Senhora respondeu: Daqui a três meses faço então com que todos acreditem» (1).

5. No inquérito particular, realizado pelo jornal de Leiria — «O Mensageiro» — e publicado no mesmo jornal em Novembro de 1917, Lúcia exprime-se nos mesmos termos:

«Eu disse mais: Faça um milagre para que todos acreditem» (2).

6. No interrogatório oficial, já atrás mencionado, Lúcia omitiu, nas referências à aparição de Julho, a parte relativa ao milagre do sol, mas na parte respeitante ao mês de Agosto diz (3):

«Pedi-lhe também um milagre para o povo acreditar e Ela disse que no último mês faria um sinal no sol que todos haviam de acreditar».

7. Na parte referente ao mês de Setembro, Lúcia disse:

«Pedi outra vez que fizesse um milagre para o povo acreditar porque diziam que eu era uma intrujona que devia ser enforcada e queimada. A Senhora deu-me a resposta da outra vez e retirou-se como de costume» (4).

---

(1) Inquérito Paroquial, Fl. 5.

(2) Este inquérito vem publicado em os números do «Mensageiro» de 8, 15, 22 e 29 de Novembro de 1917.

(3) Loc. cit., fol. 4 verso.

(4) Loc. cit., fol. 5.

8. Por estas transcrições que acabamos de fazer, se vê que foi anunciado por Lúcia, com três meses de antecedência, o maravilhoso fenómeno solar que se realizou a 13 de Outubro de 1917 e que foi presenciado na Cova da Iria por dezenas de milhares de pessoas, por algumas dezenas em Alburitel <sup>(1)</sup> e por diversas noutras partes, como Leiria, Praia da Granja, Torres Novas <sup>(2)</sup>, S. Pedro de Muel <sup>(3)</sup>, Praia da Parede e por ventura noutras terras de que não tivéssemos noticia.

---

(1) Ver apêndice.

(2) Ver apêndice.

(3) P.<sup>o</sup> João Marchi, I. M. C., in «Era uma Senhora mais brilhante que o Sol», 5.<sup>a</sup> edição, pág. 173.

## CAPÍTULO II

### CRONOLOGIA DO FENÓMENO SOLAR

#### § 1.º Três espécies de horas

9. Para a descrição e entendimento de todos os sucesos extraordinários que se deram na Cova da Iria, a 13 de Outubro de 1917, pareceu-nos não só útil mas indispensável começar por reconstituir a sua cronologia por meio dos elementos que se podem colher dos relatos das testemunhas. Ora, para interpretar esses depoimentos, é preciso ter presente que, durante o período das aparições, houve em Portugal três espécies de hora, designadas na linguagem corrente por *hora solar*, *hora velha* e *hora nova*.

Por hora solar entendia-se a hora solar média. Por meio-dia solar entendia-se o meio-dia solar médio, momento em que o sol médio equatorial passa no meridiano do lugar.

Esta espécie de hora, apesar de dependente do local, é praticamente a mesma num país como o nosso, assás estreito no sentido das longitudes. Por essa razão, a hora solar em Portugal é praticamente a de Lisboa, dada pelo meridiano do Observatório da Tapada, que era a hora oficial antiga.

A República, pelo Decreto-Lei de 24 de Maio de 1911, introduziu uma nova espécie de hora — a *hora legal* — que era a hora solar média do Observatório da Tapada, acrescida de 36<sup>m</sup> e 44<sup>s</sup>,68.

É, para o Observatório da Tapada, a hora solar do meridiano de Greenwich. Para acertar os relógios pela hora legal, adiantaram-se de 36<sup>m</sup> e 44<sup>s</sup>,68.



Para os usos correntes da vida de provincia, estas duas espécies de hora — a hora solar e a hora legal — eram equivalentes. A sua diferença era insignificante, num tempo em que o automóvel era ainda meio de locomoção raro, e a travessia da Mancha em aeroplano fôra, dois anos antes, um successo mundial que tornou famoso o seu executor — Blériot. Por outro lado, como fôra reforma decretada pela jovem República, os seus adversários, em geral, não a acataram e mantiveram os relógios acertados pela hora solar. Nas aldeias e vilas, a hora solar manteve-se em uso durante anos; e nas aldeias o sol continua a ser ainda hoje o relógio preferido.

10. Com o Dec. n.º 491, de 12 de Março de 1916, foi criada uma nova espécie de hora, a hora de verão ou *hora nova* — para vigorar a partir de 18 de Junho do mesmo ano. O Dec. n.º 2:712, de 27 de Outubro de 1916, determinou que a hora de verão deixaria de vigorar a partir do dia 31 do mesmo mês e ano. A hora de verão diferia de uma hora, para mais, da hora legal, estabelecida pelo Dec.-Lei de 24 de Maio de 1911. Para acertar os relógios pela hora nova, havia que os adiantar de uma hora.

E sucedeu que muitos que traziam os relógios pela hora do sol, os adiantaram também de uma hora, de modo que houve relógios regulados pela hora do sol; relógios regulados pela hora do sol, acrescida de uma hora; e relógios regulados pela hora oficial, que era a hora legal acrescida de uma hora. Destas três espécies se encontram exemplos nos testemunhos colhidos sobre o fenómeno solar de Outubro de 1917.

Para fixar ideias, chamaremos *hora nova*, à hora legal acrescida de uma hora; e *hora solar nova*, à hora solar acrescida da mesma hora.

Em 1917, a hora de verão ou hora nova vigorou desde 1 de Março até 14 de Outubro (Decs. n.º 2:922, de 30-x-1916; e n.º 3:446, de 11-x-1917). Os seis meses das Aparições caíram integralmente em período de hora nova.

É digno de nota, todavia, que esse período acabou justamente no dia imediato ao da última aparição, de modo que os sucessos desse dia memorável se passaram em tempo de hora nova e foram geralmente narrados pelas testemunhas principais em tempo de hora velha.

Para fixar ideias, acrescentamos o seguinte quadro:

hora solar;  
 hora legal = h. s. + 36<sup>m</sup> 44<sup>s</sup>,68;  
 hora nova = h. l. + 1<sup>h</sup>;  
 hora solar nova = h. s. + 1<sup>h</sup>.

### § 2.º A aparição precedeu o fenómeno solar

11. Do relato do interrogatório <sup>(1)</sup> que o Pároco da Fátima fez a Lúcia no dia 16 de Outubro de 1917, transcrevemos as seguintes linhas:

— «Já me não quiere mais nada?»

— Já te não quero mais nada, respondeu a Senhora.

— E eu também não lhe quero mais nada. Dito isto a Senhora abalou pelo mesmo caminho e na mesma direcção das outras vezes. E então se voltou para o povo e lhe disse. Olhem... lá vai Ella — lá vai Ella... E que foi subindo até desaparecer da vista. Uma vez perdida de vista, olhou para o sol — mas não por Ella mandar».

E mais abaixo, a fls. 9, vem:

«Declarou mais a Lúcia que neste momento também disse ao povo que olhasse para lá — para o sol».

12. Destas duas passagens do Inquérito Paroquial deduz-se que as visões de Lúcia, no sol, começaram logo que a aparição acabou. Com efeito, segundo a sua declaração, Lúcia disse que olhassem para o sol no momento em que vira S. José.

---

(1) Inquérito Paroquial, fl. 8, v.

Ora, segundo o testemunho do Dr. Carlos Mendes, que estava ao pé dos videntes na ocasião, o fenómeno solar seguiu-se imediatamente à ordem de Lúcia. — Olhem para o Sol!

Escreveu o Dr. Carlos Mendes:

«... venço as barreira daquela multidão imensa e vou até ao local das aparições junto dos videntes. Rezam o terço e depois a Lúcia diz «Olhem para o sol que a Senhora vai manifestar-se» — Sinto ainda gravada bem nitidamente a frase de Lúcia e o espectáculo indiscreto que se lhe seguiu...

Mais clara ainda é a seguinte passagem da carta que mandou para a «Liberdade», jornal católico do Porto, o P.<sup>o</sup> José António Marques da Cruz Curado, testemunha de vista, publicada em 23-10-1917:

«Também nos impressionou a coincidência do fenómeno com a hora da visão ou suposta aparição. E essa impressão subiu de ponto quando o Rev. Cardoso, de Portalegre, que durante a visão esteve junto dos pastorinhos, nos contou que a mais velha, estando ainda de joelhos junto da carrasqueira, disse para todos que a cercavam. — Olhem para o sol — seguindo-se imediatamente o fenómeno solar. Isto condiz com a resposta que ela me deu quando lhe perguntei se a aparição tivera lugar durante o fenómeno. — Não, respondeu ela; a Senhora já tinha desaparecido».

### § 3.<sup>o</sup> A aparição começou ao meio dia

13. No interrogatório de Lúcia já atrás mencionado (Inquérito Paroquial), disse esta (fl. 8):

«... que, no dia 13 do mês corrente (Outubro) tendo-se dirigido, com seus primos Francisco e Jacinta, para o local chamado Cova da Iria, uma vez ali, viu à mesma hora das outras vezes (meio dia solar), um relâmpago — o que sempre se tem dado nos dias treze, desde Maio —, que se voltou

para o Nascente, tendo dito ao povo que se calasse que já se tinha dado o relâmpago e logo viu descer Nossa Senhora pelo ar abaixo.»

No interrogatório oficial feito em 8 de Julho de 1924, Lúcia disse (fl. 5): «À hora do meio dia deu um relâmpago e a Senhora apareceu na Carrasqueira».

A hora indicada por Lúcia para começo da aparição é, pois, o meio dia solar.

#### § 4.º Começo do fenómeno solar

14. O Dr. Pinto Coelho<sup>(1)</sup> deve ter seguido os sucessos pelo seu relógio, a avaliar pelo artigo que publicou em «A Ordem», de Lisboa, de 16 de Outubro de 1917, em que diz:

«Das 11 à uma e meia a chuva foi constante... Uma hora e 37 minutos e meio — o meio dia solar — era a hora anunciada da visão, com a qual se esperava coincidissem os fenómenos no céu. A essa hora continuava chovendo.

Minutos depois a chuva diminuiu e quando era uma e três quartos, cessou por completo.

O sol, até então encoberto, mostrou-se entre núvens... Como toda aquela multidão, olhamos então para o sol... e vimo-lo com aspectos novos...»

Segundo o relógio do Dr. Pinto Coelho, o fenómeno solar começou momentos depois da uma hora e três quartos.

15. Note-se que o Dr. Pinto Coelho não estava à beira dos videntes e nada diz neste artigo, nem em qualquer outra parte que saibamos, acerca do lugar donde observou o fenómeno. Deste artigo depreende-se que estava longe dos videntes, pois não dá nenhum pormenor a seu respeito, nem do que se passou em volta deles.

---

(1) O Dr. Domingos Pinto Coelho assinava os seus artigos em «A Ordem», com o pseudónimo A. F.

16. Há outras testemunhas que dizem ter seguido os sucessos pelo relógio, como o Barão de Alvaiázere, Carlos Silva e outros, cujos depoimentos, quanto à cronologia, divergem dos do Dr. Pinto Coelho. Todavia as diferenças não são grandes e podem-se explicar por desacertos dos relógios. Naquele tempo ainda não havia Emissoras a transmitir a hora a todo o país.

17. Em depoimento <sup>(1)</sup> escrito a 30 de Dezembro de 1917, o Barão de Alvaiázere diz:

«A uma hora em ponto ouço um grande clamor».

E momentos depois começa o fenómeno (ver n.º 48).

18. O Dr. Pinto Coelho diz que o fenómeno solar começou momentos depois da uma hora e três quartos; o Barão de Alvaiázere diz que começou momentos depois da uma hora. A diferença é de três quartos de hora. Mas é manifesto que o Dr. Pinto Coelho trazia o relógio pela hora oficial e José Rino pela hora solar nova (n.º 48, b), isto é, pela hora do sol acrescida de uma hora. Aos 45<sup>m</sup> de diferença atrás assinalados há que abater 36<sup>m</sup> e 44<sup>s</sup>,60, ou sejam 37<sup>m</sup>, números redondos, e ficam, para desacerto dos dois relógios, 8<sup>m</sup>. Era este o atraso do relógio de José Rino em relação ao do Dr. Pinto Coelho.

19. Em carta datada de 16 de Outubro de 1917, dirigida de Alcobaça, por uma «ilustrada senhora», a «um dos mais respeitáveis sacerdotes do Porto» e publicada em «O Mensageiro», de Leiria, de 27 de Dezembro do mesmo ano, diz-se:

«As crianças tinham ido para o lugar à hora do costume, e nós que, por causa da chuva, tínhamos ficado no automóvel, a grande distância, vimos muito bem quando o povo ajoelhou

---

(1) Extracto de outro que nos foi fornecido pelo Senhor Bispo de Tiava.

e calculamos que seria quando a vidente anunciou a aparição da Virgem. Ouvem-se cânticos. Olhamos: o céu e a tristeza certamente se haviam apoderado de todos os corações, porque a chuva caía copiosamente e nenhum fenómeno se apresentava! Olhávamos, porém, o lugar da aparição e lá viamos ainda a enorme multidão que não havia retirado. Era sinal de que a vidente ainda lá se achava. E a esperança renascia. O juiz de Alvaiázere, já meio descrente, também disse: ainda agora, no sitio onde estão as crianças, dizia-se que a vidente afirmara que hoje seria à uma hora em ponto. Vêem-se os relógios. Faltavam dois minutos. De repente, a chuva cessa como por encanto, o sol rompe brilhantíssimo, e seguem-se coisas que mil anos que eu viva nunca da minha memória se poderão apagar».

20. Esta senhora marca para início do fenómeno solar a mesma hora que o Barão de Alvaiázere que se regulou, como vimos, pelo relógio de José Rino, que era de Alcobaça, como a autora desta carta. Os relógios de José Rino e da «ilustrada senhora» estavam sensivelmente certos um pelo outro, mas atrasados de 8<sup>m</sup> em relação ao do Dr. Pinto Coelho.

21. Em carta publicada em «O Mensageiro», de Leiria, a 18 de Outubro de 1917, afirma Carlos Silva<sup>(1)</sup>: «Não sei como vejo todos tirarem os seus chapéus e ajoelharem. Eram 14 horas e 10 minutos oficiais. Oiço preces, súplicas...».

22. Este depoimento é um tanto confuso. Se as «14 horas e 10 minutos» indicam o começo do fenómeno solar, o relógio de Carlos Silva andaria adiantado 25 minutos em relação ao do Dr. Pinto Coelho, o que parece excessivo. É mais natural tomar aquela hora para termo do fenómeno solar.

---

(1) Ver, em o n.º 37, o extracto deste depoimento.

23. Dada a categoria da pessoa e o facto de se tratar de um conhecidissimo advogado e abalisado jurisconsulto da Capital, cuja vida obrigava a horas certas, damos preferéncia à cronologia que resulta do depoimento do Dr. Pinto Coelho, segundo o qual o fenómeno solar começou momentos depois da uma e três quartos officiais.

§ 5.º **Duração do fenómeno solar.**

24. Em carta escrita ao Rev. Dr. Formigão, o Dr. Almeida Garrett<sup>(1)</sup> testemunha ocular, diz:

«Este fenómeno com duas breves interrupções em que o sol bravio arremessou os seus raios mais curuscantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de dez minutos».

25. O P.º Manuel Pereira da Silva, em carta escrita a um seu colega, o cónego António Pereira de Almeida, no mesmo dia 13, à noite, diz «que o sol... começa girando sobre si mesmo... com algumas intermitências, durante mais de oito minutos<sup>(2)</sup>».

As intermitências a que se refere o P.º M. Pereira da Silva foram duas, como adiante veremos, e a duração de cada uma delas foi de cerca de um minuto, segundo o depoimento do P.º Curado<sup>(3)</sup>.

Ao todo são os dez minutos indicados pelo Dr. Almeida Garrett.

26. O P.º Inácio Lourenço, na carta em que descreve o fenómeno solar, como foi observado em Alburitel<sup>(4)</sup> diz

---

(1) Dr. José Maria de Proença de Almeida Garrett, citado por Costa Brochado, em «Fátima à luz da História», Lisboa, 1948, pág. 298 e seguintes.

(2) P.º João de Marchi; I. M. C., «Era uma senhora mais brilhante que o Sol...», 5.ª edição, pág. 171.

(3) Ver n.º 40.

(4) P.º Marchi, o. c. p. 174.

que, passados 10 minutos, o sol voltou ao seu lugar, do mesmo modo como tinha descido.

27. Jacinto de Almeida Lopes, 1.<sup>a</sup> testemunha do Inquérito Paroquial, diz, referindo-se ao fenómeno solar (1).

« Isto durou o máximo uns cinco minutos ».

28. O Barão de Alvaiázere diz:

Isto não durou segundos, durou talvez minutos.

29. Em conclusão, podemos dizer que o fenómeno solar começou momentos depois da uma hora e três quartos e durou alguns minutos, talvez uns dez.

---

(1) Ver o n.º 50.



### CAPÍTULO III

## EXTRACTOS DOS PRINCIPAIS DEPOIMENTOS SOBRE O FENÓMENO SOLAR

#### § 1.º Depoimentos do próprio dia 13 de Outubro de 1917

30. Pareceu-nos que, dada a excepcional importância dos fenómenos observados no sol por dezenas de milhares de pessoas, conviria transcrever, na íntegra, na parte que lhes diz respeito, os testemunhos principais que sobre eles pudemos obter nas principais fontes de informação. Acresce que nem sempre as descrições que têm vindo a lume se conformam rigorosamente com os depoimentos das principais testemunhas de vista.

31. Começamos pela descrição que fez Avelino de Almeida, no célebre artigo de «O Século», datado de Ourém, 13-X-1917:

*a)* «Grupos de fiéis ajoelham na lama e a Lúcia pedelhes, ordena-lhes que fechem os chapéus...

*b)* A criança afirma que a Senhora lhe falou mais uma vez e

*c)* o céu começa de súbito a clarear no alto;

*d)* a chuva pára e pressente-se que o sol vai inundar de luz a paisagem...

*e)* A manifestação miraculosa, o sinal visível anunciado, está prestes a produzir-se, asseguram os romeiros...

*f)* E assiste-se então a um espectáculo único e inacreditável... do cimo da estrada... vê-se toda a multidão voltar-se para o sol...

- g) que se mostra liberto de nuvens, no zenith.
- h) O astro lembra uma placa de prata fosca e
- i) é possível fitar-se o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se a realizar um eclipse.
- j) Mas eis que um alarido colossal se levanta e... se ouve gritar:
- k) Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!»!

32. A descrição do fenómeno solar que *Avelino d'Almeida* fez neste seu primeiro artigo, publicado em «O Século», é viva e sugestiva, mas muito deficiente. Mais explicito porém é o segundo artigo, publicado na «Ilustração Portuguesa», de 29-X-1917, acompanhado de onze interessantíssimas fotografias.

Diz Avelino d'Almeida nesse artigo:

«... que vi eu de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima?

- a) A chuva, à hora preanunciada, deixar de cair;
- b) a densa massa de nuvens romper-se e
- c) o astro-rei, disco de prata fosca, em pleno zenith, aparecer e
- d) começar dançando num bailado violento e convulso,
- e) que grande número de pessoas imaginava uma dança serpentina tão belas e rutilantes cores,
- f) revestiu sucessivamente a superfície solar».

33. O correspondente do «Diário de Notícias» em Vila Nova de Ourém, em carta datada do mesmo dia 13 e publicada a 15, diz:

- a) A ansiedade pela hora do colóquio, 13 horas, era manifesta. Embora
- b) a chuva continuasse a fustigar a multidão, ninguém arredou pé do local privilegiado.
- c) Precisamente àquela mesma hora, os pastorinhos... chegaram ao lugar preciso...
- d) Como grande número de pessoas tivesse os guardas-chuvas abertos, os pequenos mandaram fechá-los e, coisa

extraordinária, segundo testemunho de milhares e milhares de pessoas,

- e) o sol apareceu com uma cor de prata fosca,
- f) numa agitação circular, como
- g) se fosse tocado pela electricidade, segundo a expressão empregada por pessoas que presenciaram o facto...
- h) Pessoas houve mesmo, segundo ouvimos a algumas, que lhes pareceu ver
- i) o sol abandonar a sua fictícia órbita,
- j) romper as nuvens, e
- k) descer no horizonte...
- l) ... muitos, pensando que o astro rei viria precipitar-se no solo,
- m) prerrromperam em altos gritos implorando a protecção da Virgem.

34. Da carta do P.<sup>o</sup> Manuel Pereira da Silva, escrita na noite 13-X ao Cónego António Pereira d'Almeida, da Guarda, já atrás mencionada (n.<sup>o</sup> 25):

- a) «... Imediatamente aparece o sol com a circunferência bem definida.
- b) Aproxima-se à altura das nuvens, e
- c) começa girando sobre si mesmo vertiginosamente como uma roda de fogo preso,
- d) com algumas intermitências
- e) durante mais de oito minutos.
- f) Ficou tudo quase escuro e
- g) as feições de cada pessoa eram amarelas.

§ 2.<sup>o</sup> Depoimentos escritos ou publicados desde 14 a 19 de Outubro de 1917

35. Do Dr. Pinto Coelho no «Ordem» de 16-X-1917:

- a) Das 11 à uma e meia, a chuva foi constante...
- b) Uma hora e 37 minutos e meio — o meio dia solar — era a hora anunciada da visão com a qual se esperava coin-

cidissem os fenómenos no céu. A essa hora continuava chovendo.

c) Minutos depois, a chuva diminuiu, e quando era uma e três quartos, cessou por completo.

d) O sol, até então encoberto, mostra-se entre nuvens que corriam com certa velocidade. E como era variável a densidade destas, mais ou menos diáfano era o véu que elas punham sobre o astro-rei...

e) Como toda aquela multidão, olhámos então para o sol... e vimo-lo...

f) Umaz vezes rodeado de chamas encarniçadas, outras vezes aureolado de amarelo ou roxo esbatido, outras vezes

g) animado de velocíssimo movimento de rotação,

h) outras vezes, ainda, aparentando destacar-se do céu, aproximar-se da terra e

i) irradiar um forte calor.

j) O que víramos no sol era cousa excepcional? Ou reproduzir-se-ia em condições análogas? Ora, precisamente esta analogia de condições proporcionou-se-nos ontem. Pudemos ver o sol meio toldado de nuvens, como no sábado. E sinceramente vimos as mesmas sucessões de côres, o mesmo movimento rotativo, etc.

36. Da carta da «ilustrada senhora» já mencionada em o n.º 19, transcrevemos as seguintes linhas, continuação do texto atrás reproduzido:

«É uma indiscreta maravilha o que os nossos olhos vêem! Mas para mim que sou crente — e hoje mais do que nunca — o mais maravilhoso desta maravilha consiste em ter sido anunciada por uma simples criança de 10 anos; e, precisamente no dia e à hora para que ela anunciou, o fenómeno deslumbra-nos! Os sábios saberão explicar este; mas o que eles não saberão, não poderão, nem *quererão* explicar, é o poder sobrenatural que o produziu. Não confessarão talvez o milagre mas creio bem que nos seus corações o reconhecem porque é indiscutível».

37. De uma carta de Carlos Silva, a «O Mensageiro», de Leiria, publicada a 18-X-1917.

a) Era uma hora (oficial) e tudo estava ansioso pela chegada das meninas. Eu estava perto de uma enorme azinheira... Nisto levanta-se uma lebre...

b) Olho em frente e vejo uma enorme bicha de gente que acompanhava os meninos...

c) Diz uma das meninas: já lá está Nossa Senhora. Tirem os chapéus e rezem...

d) A chuva pára, as nuvens correm com grande velocidade e o sol aparece brilhante, espalhando seus luminosos raios sobre a assistência.

e) Não sei como, vejo todos tirarem os seus chapéus e ajoelharem.

f) Eram 14 horas e 10 minutos, oficiais.

g) Ouço várias preces e vejo os rostos da enorme assistência de côr de rosa carregado, depois transformou-se para um anilado e em seguida para um amarelo cadavérico!

h) Não sei o que isto significa, nem quiz fitar o sol para não atribuir à ilusão de Óptica.

i) Mas na minha frente estava uma senhora com um chapéu de feltro branco que me servia de espelho ao que se passava...

j) Isto durou uns vinte minutos.

k) Ouvia ao meu lado chorar, suplicar e dizer que o sol andava de roda que parecia uma roda de fogo de vista.

.....

m) O que é para admirar é que estando eu todo molhado, momentos antes, reparei que já estava enxuto!...  
... a mais pessoas sucedeu o mesmo.

38. Do artigo que D. Maria Madalena Patrício publicou em «O Dia» de 19-X-1917, extraímos a seguinte descrição:

a) À uma hora da tarde, hora do sol<sup>(1)</sup>, parou a chuva.

---

(1) Hora solar nova (v. n.º 10).

b) O céu tinha um tom acinzentado de pérola e uma claridade estranha iluminava... a paisagem...

c) O sol tinha como um véu de gaze transparente para que os olhos o pudessem olhar.

d) O tom de madrepérola transformara-se como numa chapa de prata luzidia que se ia rompendo até que

e) as nuvens se rasgaram e

f) o sol prateado, envolvido na mesma leveza cinzenta de gaze,

g) viu-se rodar e girar em volta do círculo das nuvens afastadas.

h) Foi um grito só de todas as bocas, caíram de joelhos na terra encharcada milhares e milhares de criaturas...

i) A luz azulava-se num azul esquisito, como se viesse através de vitrais...

j) O azul extinguiu-se lentamente para a luz parecer coada por vitrais amarelos.

k) Manchas amarelas caíam agora sobre as casas, sobre os lenços brancos, sobre as saias escuras e pobres das estamenhas.

l) Eram manchas que se repetiam indefinidamente sobre as azinheiras rasteiras, sobre as pedras e sobre a terra.

39. Descrição que fez D. Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos, com a data de 19 de Outubro de 1917<sup>(1)</sup>.

a) «Parara como por encanto a chuva; fecharam-se os chapéus;

b) Sentiu-se um calor como se entrássemos numa estufa aquecida;

c) e começou a ver-se o disco do sol, a perceber-se claramente na camada pardacenta que cobria todo o céu.

d) O calor aumentava,

---

(1) «A minha peregrinação a Fátima, por Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos, Coimbra, Tipografia França Amado, Outubro de 1917 — Opúsculo de 17 páginas, hoje muito raro. Foi a primeira obra avulsa que se publicou sobre Fátima.

- e)* e o sol parecia descer, descer cada vez mais,
- f)* apresentando novos e variados cambiantes.
- g)* Vimos como que um véu prateado, com forma arredondada, como se fosse a lua cheia;
- h)* pouco depois passava para roxo vivo, depois para o vermelho, depois para o verde-esmeralda e tomava finalmente a cor primitiva.
- i)* Ouviam-se gritos de todos os lados quando se destacava do sol como que uma forma branca de neve, brilhante, sem ferir a retina,
- j)* e vindo para nós voltando de novo ao sol,
- k)* e por fim escondendo-se<sup>(1)</sup> à terceira vez entre as nuvens».

§ 3.º **Depoimentos escritos ou publicados desde 20 a 31 de Outubro de 1917**

40. Da carta do P.º Curado para a «Liberdade» de 23-X-1917, já citada (n.º 12):

- a)* Chegamos ao local quatro ou cinco minutos antes da suposta visão... Alguém nos indicou um ponto marcado por uma bandeira hasteada<sup>(2)</sup> num pau, dizendo ser ali que estacionavam os três pastorinhos aguardando a aparição.
- b)* Pouco depois a enorme multidão descobre-se. Todos fitam o céu ainda carregado de nuvens...
- c)* Parece que os pastorinhos haviam ajoelhado...
- d)* Teriam decorrido talvez quatro minutos quando
- e)* o sol, semelhante a peça de fogo preso que, depois

---

(1) No texto está «a terceira vez», mas deve ser «gralha»; a ideia é de «à terceira vez».

(2) Não era uma bandeira, mas uma espécie de pórtico formado por duas astes verticais, unidas por outra horizontal, de cujo meio se alevantava uma cruz e da qual pendiam duas lanternas como nitidamente se pode observar em fotografias do tempo. Ver, por exemplo, as publicadas nas páginas 354 e 355 da «Ilustração Portuguesa» de 29-X-1917.

de acesa faz um circulo luminoso no meio da escuridão da noite, fez afastar quase repentinamente as nuvens que o tol-davam, fazendo também um circulo . . .

f) O sol, já sem nuvens, não projectava os raios sobre a terra mas parecia envolvido em chamas de côr desmaiada.

g) De súbito, perde toda essa luz ou chamas e appare-ce-nos uma placa de prata fôska, como acertadamente disse o «Século»,

h) tendo um rápido e bem visível movimento de rotação

i) parecendo até que se aproximava da terra.

j) Podia-se fixar indefinidamente sem incomodar a vista.

k) Incendiou-se pouco depois, deixem-nos dizer assim, vendo se então de novo envolvido em chamas de côr de rosa, e também sem projecção de raios sobre terra.

l) Passado talvez um minuto, perdeu de novo a luz e chamas, vendo-se outra vez a placa, agora muito branca, com o mesmo movimento de rotação muito rápido.

m) Ainda uma terceira vez o sol, que parecia ter movimentos bruscos, sacudidos, se envolveu em chamas azu-ladas, a que se seguiu

n) a perda da luz e o movimento rotativo da placa.

o) Terminara o fenómeno. Quando o sol voltou depois a ter luz já a nossa vista não podia fitar os seus raios lumi-nosos.

41. De uma *estimável senhora*, em carta escrita à «Ordem» e publicada a 25-X-1917.

a) A chuva que caíra toda a noite e toda a manhã, miudinha, persistente e enfadonha, cobrindo por completo o céu de um manto cinzento, cessou de repente à hora anun-ciada pelos pastorinhos;

b) as nuvens começaram a esfarrapar-se e abriram-se (permita-se a comparação) como se fora o pano de um tea-tro, para deixarem ver o sol dardejando e incidindo os seus luminosos raios sobre o sítio onde se achavam em êxtase as proféticas crianças.



c) O sol aparentava então o aspecto de um globo de prata fôsea, circundando-o um disco arroxeadado, muito escuro, como quando os eclipses não são inteiramente totais.

d) Viu-se então uma coisa maravilhosa! O sol girando apressadamente como se fôra uma roda de fogo de artifício.

e) Este prodígio repetiu-se por três vezes consecutivas. Realizava-se então o prodígio anunciado pelos pequenos para que todos cressem na aparição de Nossa Senhora.

f) Depois as nuvens foram desaparecendo a pouco e pouco do firmamento, que ficou límpido, sereno e azul...

g) Olhei em volta: o aspecto e as côres da paisagem eram as mesmas que se observam durante a duração dum eclipse: a mesma luz azulada, *sui generis*, desse azul eléctrico especialissimo e particular aos fenómenos desta natureza.

42. António Ramos Mira, 1.<sup>a</sup> testemunha, disse (1): «que se dirigiu para o local das aparições

a) no meio da chuva e que

b) um quarto de hora depois de parar a chuva, viu aquela ingente multidão de povo em grande clamor e quase todo ajoelhado, voltada para o sol, e que

c) este tinha sinais desusados, girando sobre si, tremendo, observando ao mesmo tempo que

d) em volta dele havia uma côr amarelo-avermelhada que se reflectiu em toda a multidão e no horizonte,

f) havendo a mesmo tempo um afrouxamento de luz e

g) aumento de temperatura.

h) Dizia a multidão, até mesmo os descrentes, que era um milagre conhecido.

i) É público que as criancinhas diziam seis meses antes que naquele dia, hora e local, se havia de dar milagre; o que fez atrair ali uma multidão de cêrca de quarenta mil pessoas, que voltaram crentes para suas casas. E mais não disse»...

---

(1) Inquérito Paroquial do Vigário de Porto de Mós, em 25-X-1917.

43. Romano dos Santos, 5.<sup>a</sup> testemunha, disse<sup>(1)</sup> «... que olhou para o sol e viu que este se transformou em diferentes côres, aproximando-se e girando como uma roda de fogo. Por três vezes viu este fenómeno».

44. Descrição que fez o Dr. Nascimento e Sousa, advogado em Alcobaça, em 31-X-1917:

a) «... seriam 12 horas e trinta e cinco a quarenta minutos, no respeitável relógio do meu amigo<sup>(2)</sup>, vi com toda a evidência

b) porque a luz solar nos permitia fixar à vontade o sol, e este e as nuvens que o rodeavam, tremer numa hesitação de quem obedece a uma vontade superior que nesse momento lhe houvesse lançado a mão e o obrigasse a obedecer-lhe...

d) Só vi um amarelo muito pronunciado e pareceu-me ver uma côr preta por debaixo do disco solar, mas esta não garanto<sup>(3)</sup>.

45. Da carta do Dr. Almeida Garrett<sup>(4)</sup> ao Dr. Formigão, já mencionada (n.º 24):

a) Continuando a olhar o lugar das aparições... ouvi o bruhaha de milhares de vozes e vi aquela multidão... voltar as costas ao ponto para o qual até então convergiram os desejos e ânsias, e olhar o céu do lado oposto.

---

(1) Inquérito Paroquial do Vigário de Porto de Mós, feito em 25-X-1917.

(2) Joaquim Sacristão de Turgel que tinha o relógio certo pela hora legal (Fl. 2, p. 2, 1-11-13).

(3) Cópia tirada de outra fornecida pelo Senhor Bispo de Tiava.

(4) O Dr. José Maria de Proença d'Almeida Garrett, autor desta carta, terminou a formatura em Direito no ano lectivo de 1907 a 1908, na Universidade de Coimbra, onde fez os seus estudos. Era filho do Doutor Gonçalo Xavier d'Almeida Garrett, lente de Matemática na mesma Universidade.

b) Eram quase duas horas oficiais: oficiais que correspondiam mais ou menos ao meio-dia solar.

c) O sol, momentos antes, tinha rompido... as nuvens... para brilhar clara e intensamente. Voltei-me e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nítido, de aresta viva, luminosa e luzente, mas sem magoar.

d) Não me pareceu bem... um disco de prata fôska. Era uma côr mais clara, activa e rica, e com cambiantes, tendo como o oriente de uma pérola. Em nada se assemelhava à lua... porque se via e sentia ser um astro vivo.

e) Não era como a lua esférica, não tinha a mesma tonalidade, nem os claro-escuros. Parecia uma rodela branida cortada no nácar de uma concha...

f) Também não se confundia com o sol encarado através do nevoeiro (que aliás não havia naquele tempo) porque não era opaco, difuso e velado. Em Fátima, tinha luz e calor e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta, como uma tábula de jogo.

g) A abóbada celeste estava enevoadada de cirros leves, tendo frestas de azul aqui e acolá, mas o sol algumas vezes destacou em rasgões de céu límpido.

h) As nuvens que corriam ligeiras de Poente para para Oriente, não empanavam a luz (que não feria) do sol, dando a impressão... de passar por detrás, mas por vezes esses flocos que vinham brancos, pareciam tomar, deslizando ante o sol, uma tonalidade rosa ou azul diáfano.

i) Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro... sem uma dor nos olhos...

j) Este fenómeno, com duas breves interrupções... que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cêrca de 10 minutos.

k) Este disco tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada.

l) De repente ouve-se um clamor... O sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento

e sanguíneo avança sobre a terra... São segundos de impressão terrífica.

*m)* Durante o acidente solar... houve na atmosfera coloridos cambiantes.

*n)* Estando a fixar o sol notei que tudo escurecia à minha volta. Olhei o que estava perto e alonguei a vista para o largo até ao extremo horizonte e vi tudo côr de ametista. Os objectos, o Céu e a camada atmosférica tinham a mesma côr. Uma carvalheira arroxeadada que se erguia na minha frente, lançava sobre a terra sombra carregada...

*o)* A impressão que se tinha não era de eclipse... Continuando a olhar o sol reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um camponês... dizer... — Esta senhora está amarela! De facto tudo agora mudara... tomara a côr de velhos damascos amarelados...»

§ 4.º **Depoimentos escritos desde 1 de Novembro  
a 31 de Dezembro de 1917**

46. Extracto de uma carta comunicação (1):

«Do que vi maravilhoso em Fátima, posso afirmar com toda a certeza,

- a)* o movimento rotativo do sol que
- b)* apresentava uma cor verde escura...

*Antónia da Câmara*  
F. M.

Rua da Junqueira, 64-1.º  
3-11-1917

---

(1) A mesma origem da anterior descrição feita pelo Dr. Nascimento e Sousa (n.º 44).

47. Extracto de uma carta de Ana Maria da Câmara que deve ter sido dirigida a quem estava encarregado de recolher testemunhos.

Está solta e sem paginação numerada. É datada de 3 de Novembro de 1917:

a) «A 13 de Outubro... oiço um suspiro da multidão e alguém me diz. — Olha para o sol.

b) Respondo que nada vejo, mas segundos depois sai-me da boca esta exclamação:

c) É a lua. É um disco muito claro, azul prateado, sem raios que,

d) tomando a cor natural,

e) começou rodando vertiginosamente.

f) Depois esse disco toma diferentes côres.

g) Lança para fora de si como rolos de fumo da côr de que está tinto,

h) mas conserva sempre a forma perfeitamente redonda,

i) sem raios e

j) podendo ser perfeitamente fixado.

k) Por detrás de cada cabeça levanta-se como um véu de gaze da mesma cor; campo e multidão tudo a reflecte...

. . . . .

l) O clamor é imenso no momento em que

m) o sol desce (sic), movimento que observo distintamente, assim como

n) um movimento para a direita e para a esquerda, ou vice-versa, mas já à altura regular do sol.

o) Estes dois últimos movimentos foram muito menos sensíveis que o movimento descendente e

p) não posso afirmar que se seguiram imediatamente a este.

x) O que acabo de escrever é o que os meus olhos viram em Fátima<sup>(1)</sup>.

---

(1) A mesma origem da anterior.

48. Do depoimento do Barão de Alvaizere (Dr. Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos) já atrás citado (n.º 16) extraímos as seguintes passagens:

a) «Era preciso precaver-me (contra a sugestão), não me deixar influenciar.

b) Esse meu amigo (José Rino), tirando o relógio, disse-me — faltam cinco minutos — à uma hora olhe para o sol — foi a hora anunciada pelos pastorinhos — depois me dirá —

c) Isto surpreendeu-me pois que para onde eu tencionava olhar e para onde eu julgava que todos olhariam, era para o local onde se encontravam os pastores.

d) Constava-me que eles tinham afirmado que nesse dia se daria uma cousa (sic) que depois disso ninguém pudesse duvidar.

e) O céu nesse momento estava de uma côr plúmbea. A chuva tinha parado. O sol não se via, encoberto pelas nuvens.

f) À uma hora em ponto ouço um grande clamor.

g) Esses meus amigos gritam-me — olha, olha — mas eu a princípio apenas vi as nuvens correndo ligeiras deixarem o sol a descoberto.

i) De repente vejo (sic) uma orla intensamente côr de rosa circundar o sol

j) que se assemelhava a um disco de prata fôscas, como alguém já disse,

k) ao mesmo tempo que me dava a impressão de que este se deslocava da sua primitiva posição.

l) Nuvens diáfanas, vaporosas, um tanto roxas, um tanto alaranjadas, perpassavam.

m) Em vários pontos do horizonte, contrastando com a côr plúmbea do céu, eu vi também manchas avermelhadas.

n) Na paisagem e nas pessoas divisei também manchas côr de rosa e amarelas.

o) O clamor era cada vez maior.

p) Isto não durou segundos, durou talvez minutos.

49. Do depoimento <sup>(1)</sup> de Luis Andrade e Silva, bacharel formado em Teologia e Direito pela Universidade de Coimbra:

a) ... ouço exclamações ... e vejo toda a gente fitando o sol... vi e divisei nele fenómeno que até hoje jamais observei.

b) O globo do sol, semelhante a um disco de prata fôska,

c) girava em volta de um eixo imaginário e

d) nesse momento, parecia descer na atmosfera, em direcção à terra, acompanhado por vezes de

e) um brilho extraordinário e de

f) um calor intensissimo.

g) Os raios solares apresentavam côr amarela, verde, azul e rosa, segundo dizem, mas eu só reparei

h) na côr amarela.

Vila Nova de Ourém  
30-XII-1937

#### § 5.º Depoimentos posteriores ao ano das aparições

50. Do depoimento de Jacinto de Almeida Lopes, (20-XII-1918), já atrás mencionado (n.º 17).

a) A hora aproxima-se e eis que, como por encanto,

b) a chuva suspende,

c) o sol rompe as densas e negras nuvens, e

d) mostra-se dardejante com seus luminosos raios que bem depressa

e) tomam as cores *amarelo, encarnado e verde,*

f) tornando os objectos que estavam sob a sua influencia de iguais côres;

g) e logo perde o seu brilho e côres

h) podendo ser fixado a olho nú, sem ferir a vista, e

---

(1) Extracto de uma cópia fornecida pelo Senhor Bispo de Tiava.

- i)* toma um vertiginoso movimento de rotação,
- j)* parecendo precipitar-se sobre a terra. E enquanto observa estas maravilhas,
- k)* todo o povo se encontra em altas exclamações.
- l)* Isto durou o máximo uns cinco minutos,
- m)* depois voltou ao seu estado normal.
- n)* Mais disse que no dia de Nossa Senhora da Purificação, isto é, no dia 2 de Fevereiro de 1918, por cêrca das três horas da tarde, estando no mesmo local, verificou no sol idênticos sinais aos do dia 13 de Outubro o que não tem verificado em muitos outros dias em que lá foi.

51. Do depoimento de Manuel Gonçalves Júnior, 2.<sup>a</sup> testemunha do I. P. (31-XII-1918):

Quanto ao fenómeno solar, diz:

- a)* Os olhos sempre fixos na carrasqueira, a fim de ver alguma coisa de extraordinário,
- b)* sem olhar propositadamente para o sol, notou que,
- c)* na mesma ocasião em que o povo estava em altos gritos e exclamações pelo que via no sol, tanto as pessoas como as árvores e tudo quanto a sua vista atingia na direcção da carrasqueira, tomava diferentes côres.

52. Da carta do P.<sup>o</sup> Inácio Lourenço<sup>(1)</sup> já mencionada (n.<sup>o</sup> 26).

- a)* Eu olhava fixamente para o sol e parecia-me pálido, de modo que não cegava os olhos:
- b)* era como um globo de neve a girar sobre si mesmo. Depois,
- c)* de repente, pareceu que baixava em zig-zag, ameaçando cair sobre terra.
- d)* Durante estes longos minutos do fenómeno solar...

---

(1) Esta carta foi dirigida ao Bispo de S. Tomé de Miliapor, D. António Maria Teixeira, e publicada in «The Catholic Register», revista mensal, órgão officioso daquela Diocese.



os objectos à volta de nós reflectiam todas as cores do arco-iris.

e) Olhando uns para os outros, um parecia azul, outro amarelo, outro vermelho, etc.

f) Passados uns 10 minutos, o sol voltou ao seu lugar, do mesmo modo como tinha descido,

g) pálido ainda sem esplendor.

53. Da descrição feita pela Madre Maria do Carmo, em carta dirigida ao autor e publicada na integra nas actas do Congresso de Lourdes:

a) De repente o sol rasgou as nuvens e

b) mostrou-se num vertiginoso movimento de rotação

c) para logo descer, como que num impeto, dando a impressão de

d) se desprender do firmamento para os matar a todos...

e) e quando o sol deu um salto sobre eles, o pânico não podia ser maior. Atiraram-se para a terra e esperaram o esmagamento.

f) ...o Rev. Dr. Joaquim Lourenço (1) levantou um bocadinho a cabeça e viu que o sol tinha subido e rodopiava lá em cima

g) emitindo, sem ferir a vista, uma luz multicolor...

h) Foi triplo aquele salto solar...

i) Depois tudo voltou à normalidade no firmamento.

---

(1) O Rev. Joaquim Lourenço é o irmão mais velho do Padre Inácio Lourenço, Missionário na Índia, autor da célebre carta já mencionada em que descreve o fenómeno solar como o observou em Alburitel.

CAPÍTULO IV  
O FENÓMENO SOLAR

§ 1.º Razão de ser da diversidade dos depoimentos

54. É impressionante a variedade dos testemunhos que registámos no capítulo anterior, impressionante mas compreensível e explicável pela complexidade dos fenómenos observados e pela variedade da cultura e das faculdades intellectuais dos observadores.

É preciso notar primeiro que cada testemunha declarou só aquilo que quis e de que se lembrou no momento em que depôs e só desta circunstância forçosa já podia advir e por certo adveio, grande variedade de depoimentos. Ainda que todos tivessem visto os mesmos fenómenos e da mesma maneira, os testemunhos seriam diferentes, porque poucos ou nenhuns se lembrariam de tudo que viram e, ainda mesmo que de tudo se lembrassem, cada qual seleccionaria, de sua maneira, o que lhe pareceria digno de menção.

55. Mas é de crer que nem todos vissem os mesmos fenómenos e alterações, sobretudo no que diz respeito às cores. Neste particular, o que se vê no céu, pode depender estreitamente do sítio donde se vê. «Aeolus» (1) diz «que tem havido casos em que o raio verde se viu de um piso (deck) de um navio, sem que se visse do deck superior, nem do deck inferior do mesmo navio».

---

(1) In «Meteorology», 2.ª edição, 1952, pág. 96, volume editado por «English Universities Press», Ltd., London.

56. Ora, no dia 13 de Outubro de 1917, a multidão na Cova da Iria estendia-se por distâncias de alguns centos de metros e em níveis muito diferentes, facto esse que só por si pode explicar em parte a diversidade dos testemunhos. Daqui resulta que nem todos os testemunhos se podem considerar como complementares, porque uns podem referir-se a um aspecto e outros a outro totalmente diferente, embora simultâneo do primeiro. Assim, por exemplo, é possível que, no mesmo momento, um observador esteja a ver a cor azul, digamos, e outro a cor vermelha, só pela circunstância de estarem em pontos diferentes.

Não obstante podemos afirmar com grande probabilidade que testemunhos concordantes se reforçam; e que testemunhos relativos ao mesmo objecto, mas a aspectos diferentes, se completam.

Com estas cautelas, vejamos como começou o fenómeno solar.

#### § 2.º — Início do fenómeno solar

57. Diz Avelino de Almeida no célebre artigo do *Século* (n.º 31): «... o céu começa de súbito a clarear no alto [(c)]; a chuva pára e pressente se que o sol vai inundar de luz a paisagem [(d)] ... vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol [(b)] que se mostra liberto de nuvens no zenith» [(g)].

Assim descreve Avelino de Almeida o começo do fenómeno solar, ou o aspecto do céu nos últimos momentos que o precederam.

58. D. Maria Madalena Patrício diz (n.º 38) que as nuvens se rasgaram [(e)] e se viu rodar e girar o sol em volta do círculo das nuvens afastadas [(g)].

D. M. M. Patrício acrescenta à descrição de Avelino de Almeida um pormenor importante, a saber, que as nuvens afastadas formaram um círculo em volta do sol, círculo esse de bastante raio, visto que as nuvens se viam afastadas do

sol, a ponto de A. de Almeida poder dizer que o sol estava liberto de nuvens. Estas duas descrições não se contradizem, completam-se.

59. A «estimável Senhora» ao descrever o mesmo passo diz (ver n.º 41) que as nuvens começaram a esfarrapar-se e se abriram como o pano de um teatro para deixarem ver o sol [(h)] que parecia um disco de prata fosca, circundando-o um disco arroxeadado, muito escuro [(c)].

Este depoimento acrescenta um pormenor novo à descrição de D. Madalena Patrício. Diz que a coroa circular, compreendida entre o sol e o círculo das nuvens, era arroxeadada e muito escura <sup>(1)</sup>.

60. No mesmo passo diz (n.º 48) o Barão de Alvaiázere que viu as nuvens deixarem o sol a descoberto [(g)] e de repente aparecer este circundado por uma orla intensamente cor de rosa (i).

Também o Barão de Alvaiázere acrescenta um pormenor valioso, às descrições anteriores: dá-nos a cor da orla das nuvens — intensamente cor-de-rosa.

### CONCLUSÃO

61. Se estes testemunhos são complementares, como parecem, o fenómeno solar começou por uma «orla intensamente cor-de-rosa» que circundou o sol (Barão de Alvaiázere), de raio suficientemente grande para o libertar de nuvens (A. de Almeida e D. Madalena Patrício). Entre a orla e o sol ficou um disco arroxeadado, muito escuro (D. M. Patrício).

62. O fenómeno que acabamos de reconstituir, parece-nos que só pode pertencer a uma das três categorias seguin-

---

<sup>(1)</sup> O Dr. Nascimento e Sousa diz que lhe pareceu ver uma cor preta por debaixo do disco solar, «mas esta não garanto» (n.º 44, d).

tes: halos, coroas ou auréolas solares, embora, como vamos ver, se não ajuste bem a nenhum destes fenómenos meteorológicos típicos.

63. Eis como o Sr. Prof. Herculano Amorim Ferreira descreve o halo de  $22^\circ$  que é o mais vulgar, nos seus apontamentos das *Lições de Meteorologia Física*, tomo 1, pág. 41 — Lisboa, 1954:

«O mais vulgarmente observado é o halo de  $22^\circ$ , anel luminoso em volta do astro, à distância de  $22^\circ$ , geralmente esbranquiçado, mas que também se apresenta irisado, vermelho no bordo interior que é nítido, seguindo-se as outras cores (do espectro), menos pronunciadas e esbatendo-se para o exterior. Entre o bordo interior e o astro, o céu parece muito escuro.»

64. A hipótese de o fenómeno ter começado por ser uma «coroa solar» também é de considerar. O Prof. Herculano Amorim Ferreira descreve-a assim (*ob. cit.*, pág. 43):

«A coroa solar é um anel ou série de anéis irisados concêntricos com o astro e a poucos graus de distância dele, que se forma quando o astro está encoberto por uma camada pouco espessa de nvens (altocúmulos e sobretudo cirrocúmulos). Distingue-se do halo porque tem raio menor, quase sempre até  $10^\circ$ , e variável; e porque as cores são ainda mais nítidas e estão dispostas pela ordem inversa (roxo azulada no bordo interior da coroa e vermelho no bordo exterior). A região entre a coroa e o astro constitui a auréola que é branco azulada e limitada exteriormente por um anel castanho avermelhado...

*A coroa solar é difícil de observar, a não ser através de um vidro fumado, devido ao brilho do disco solar muito próximo da coroa.»*

65. Nenhuma destas descrições se ajusta exactamente à que nos permitem reconstituir os testemunhos colhidos do fenómeno solar da Fátima.

No que respeita aos halos e às coroas solares em ambas

estas espécies de fenómenos meteorológicos aparecem um ou mais anéis luminosos, como no fenómeno da Fátima. Em ambos, a gama das cores é a do espectro da luz solar, circunstância que foi notada aliás por uma das testemunhas (n.º 90). Tanto os halos como as coroas solares formam-se nos cirros altos e várias testemunhas se referem à passagem de nuvens no céu da Fátima, por ocasião do fenómeno solar, designadamente o Dr. Almeida Garrett que diz que «a abóbada celeste estava enevoadada de cirros leves» (n.º 45, g).

66. O disco compreendido entre o anel luminoso e o sol, é muito escuro no halo de  $22^\circ$ , como sucedeu na Fátima; pelo contrário, na coroa solar, essa zona é preenchida pela *auréola* que é branco-azulada. Neste particular, o fenómeno da Fátima aproxima-se mais do halo do que da coroa.

67. No halo de  $22^\circ$ , as cores do espectro distribuem-se de modo que o vermelho fica no bordo interior que é nítido e as outras esbatem-se para o exterior, ficando por isso o roxo na parte de fora. Acresce que no caso da coroa solar, as cores são mais nítidas. No fenómeno da Fátima, o roxo ficou da parte de dentro (n.º 41, c) e o vermelho da parte de fora, e as cores foram vivíssimas e nisto pareceu-se mais com as coroas solares do que com os halos mais conhecidos.

68. O halo de  $22^\circ$  tem de ser posto de parte porque a sua notável extensão, da ordem de grandeza do arco-íris, não deixaria de ser notada por alguma das testemunhas que presenciaram o fenómeno. Mas há halos muito mais pequenos. A este respeito diz W. J. Humphreys<sup>(1)</sup>, depois de ter descrito diversas espécies de halos:

*«Alguns halos não foram incluídas em nenhuma das classes anteriores por só terem sido registadas apenas uma vez. Nenhuma explicação satisfatória foi deles dada ainda. Toda-*

---

(1) In «Physics of the Air», 1940, pág. 776 (New York).

*via, aparecendo os cristais de gelo em muitas e diversas formas, e até em agregados regulares, é óbvio que são possíveis muitos halos, embora os bem conhecidos sejam poucos.»*

69. A hipótese da auréola solar também é de admitir e alguns abalizados professores de Física, da Universidade, para ela se inclinam. Os testemunhos do Dr. Pinto Coelho e do Padre Cruz Curado favorecem esta opinião.

70. As descrições que nos deixaram as testemunhas do fenómeno solar, por nós citadas, não são suficientemente precisas para indicar, com toda a clareza, em qual destes três fenómenos meteorológicos se enquadra o início dos maravilhosos sucessos que foram observados na Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917, pouco depois do meio dia solar.

### § 3.º **Decomposição do fenómeno em três partes ou fases**

71. Os fenómenos que se seguiram ao aparecimento do círculo das nuvens, foram um complexo de acidentes de natureza diversa: alterações na intensidade da luz solar, nas cores, na temperatura, nos aspectos do sol; e de movimentos que a quase totalidade dos que os presenciaram, atribuíram ao sol, bem como todas as testemunhas, menos uma.

Começemos pelas alterações que se deram na intensidade luminosa, porque nos indicam uma decomposição natural do fenómeno em três partes, como a seguir veremos.

72. Jacinto de Almeida Lopes, 1.ª testemunha do Inquérito Paroquial da Fátima, diz (n.º 50) que o sol rompe as nuvens [(c)], mostra-se dardejante [(d)] e logo perde o seu brilho e cores [(g)] podendo ser fixado a olho nu sem ferir a vista.

73. António Ramos Mira, 1.ª testemunha do Inquérito Paroquial do Vigário de Porto de Mós, diz que... «em volta (do sol) havia uma cor amarelo-avermelhada [(d)] havendo ao mesmo tempo um afrouxamento de luz... [(f)]...»

74. O Padre Manuel Pereira da Silva diz (n.º 34) que, com algumas intermitências [(d)], ficou tudo quase escuro [(f)].

O Dr. Almeida Garrett, na carta ao Dr. Formigão <sup>(1)</sup>, diz que «é maravilhoso que durante tanto tempo se pudesse fixar o astro... sem dor nos olhos... com duas breves interrupções... que obrigaram a desviar o olhar [(j)].

Nestas duas breves interrupções, a intensidade luminosa do sol aumentou até ferir a vista.

Mais adiante diz a mesma testemunha [(n)] que, estando a fixar o sol, notou que tudo escurecia à sua volta.

Este depoimento do Dr. Almeida Garrett é confirmado e esclarecido pelo artigo do Padre Cruz Curado (n.º 40), onde diz que o sol que parecia envolvido em chamas de cor desmaiada [(f)], perde de súbito essa luz [(g)] para se incendiar pouco depois, vendo-se então envolvido em chamas cor-de-rosa [(k)]; passado talvez um minuto, perde de novo essa luz... [(l)]... Ainda uma terceira vez... (o sol) se envolveu em chamas azuladas a que se seguiu a perda da luz [(m)]... Quando o sol voltou a ter luz, já a nossa vista não podia fitar [(o)] os seus raios luminosos.

75. Na linguagem do Padre Curado, o fenómeno teve três fases, compostas cada uma por chamas, seguidas de perda de luz:

*1.ª Fase*

Chamas desmaiadas, perda de luz;

*2.ª Fase*

Chamas cor-de-rosa, perda de luz;

*3.ª Fase*

Chamas azuladas, perda de luz.

---

(1) Ver a nota do n.º 46.



76. As chamas demaiadas que iniciam a 1.<sup>a</sup> fase, eram constituídas pelo círculo das nuvens a que o Padre Curado também se refere [(e)], bem como o Barão de Alvaiázere [(i, n.º 48)] e outros. As chamas cor-de-rosa que iniciam a 2.<sup>a</sup> fase e as azuladas da 3.<sup>a</sup>, são os incêndios, a que o Dr. Almeida Garrett chama interrupções em que o sol fere a vista.

77. O aspecto tripartido do fenómeno é testemunhado por muitos depoimentos. Assim, por exemplo, D. Maria A. V. de Campos (n.º 39), na última alínea transcrita do seu depoimento. A «estimável senhora» (pág. 33), referindo-se aos movimentos do sol, diz que o prodígio se repetiu três vezes [(c)]. Romano dos Santos (n.º 43) diz igualmente que «por três vezes viu este fenómeno».

78. Até em Alburitel, a 13 quilómetros a Este da Fátima, o fenómeno também se mostrou tripartido, como consta do depoimento da Madre Maria do Carmo [n.º 53 (h)].

79. Este aspecto tripartido do fenómeno parece que se pode dar por assente.

#### § 4.º — Cores e formas

80. Onde os depoimentos diferem mais é no que respeita às cores dominantes nas diversas fases do fenómeno solar. E dizemos cores dominantes porque parece de facto que as houve. Neste ponto é bem nítido o testemunho da D. Madalena Patrício [n.º 38] que diz: «o céu tinha um tom acinzentado de pérola e uma claridade estranha iluminava a paisagem [(h)] ... A luz azulava-se num azul esquisito, como se viesse através de vitrais [(i)] ... O azul extinguiu-se lentamente para a luz parecer coada por vitrais amarelos [(j)]. Manchas amarelas corriam agora sobre os lenços brancos, sobre as saias escuras, etc. [(k, 1)].

81. A cor amarela é sem dúvida a que teve maior número de testemunhos. Assim, o Padre Manuel Pereira da Silva (n.º 34) diz que «as feições de cada pessoa eram amarelas [(g)].

O Barão de Alvaiázere (n.º 48), diz: «na paisagem e nas pessoas divisei também manchas cor-de-rosa e amarelas» [(n)].

O Dr. Luís de Andrade e Silva diz (n.º 49). «Os raios solares apresentavam cor amarela, verde, azul e rosa, segundo dizem, mas eu só reparei na [(g)] cor amarela» [(h)].

82. O Dr. Almeida Garrett também confirma (n.º 45) o depoimento de D. Madalena Patrício quando se refere à cor de velhos damascos amarelos e ao seu aparecimento em último lugar [(o)].

83. Antes do amarelo, o Dr. Almeida Garrett menciona o ametista [(n)], como fase em que toda a paisagem se tornou roxa. Também se refere à cor de rosa e ao azul, mas nas nuvens [(h)]. Acrescenta ainda que, «durante o acidente solar... houve na atmosfera coloridas cambiantes» [(m)].

84. O mesmo sucede com o depoimento de Carlos Silva (n.º 37) que na sucessão das cores põe no fim o amarelo cada-  
vérico [(g)], etc.

85. O Padre Cruz Curado exprime-se de modo que parece ter visto na primeira fase dominar a cor desmaiada; na 2.ª fase predominar a cor-de-rosa; na 3.ª, aparecer o azul. Não fala do amarelo.

A cor desmaiada a que se refere o Padre Curado, deve ser o tom acinzentado de pérola, de que fala D. Madalena Patrício [(b)], e outros.

86. A «estimável Senhora» (n.º 41) refere-se à cor azul, com que terminou o fenómeno, e também não fala na cor

amarela, como o Padre Curado. E acrescenta ainda, logo a seguir à parte transcrita, do seu depoimento:

«Para bem mostrar quanto eu evitei deixar-me suggestionar, direi ainda que as cores amarela, vermelha e roxa que muitas pessoas diziam ter visto ao baixarem os olhos sobre a paisagem, ou sobre os lenços que a comoção das lágrimas nos obrigava a levar aos olhos, não eram mais do que o resultado de estarmos fixando o sol, a olho nu, o que sempre acontece em circunstâncias idênticas.»

87. Esta observação da «estimável Senhora» é que não tem razão de ser porque houve duas testemunhas, pelo menos, que propositadamente não olharam para o sol e viram diversas cores.

Uma foi Manuel Gonçalves Júnior (n.º 51) que «de olhos sempre fitos na carrasqueira... [(a)], sem olhar propositadamente para o sol notou que [(h)]... tanto as pessoas como as árvores e tudo quanto a sua vista atingia na direcção da carrasqueira, tomava diferentes cores».

88. Outra foi Carlos Silva (n.º 37) que não fitou o sol para evitar as ilusões de óptica [(h)] a que se refere a «estimável Senhora», e não obstante viu diversas cores nos «rostos da enorme assistência», e principalmente no «chapéu de feltro branco» de uma senhora que lhe estava na frente e lhe «serviu de espelho».

89. Este depoimento de Carlos Silva dá também a sucessão das cores como ele as viu, ou se lembra de as ter visto:... vejo os rostos da enorme assistência de cor-de-rosa carregado, depois transformar-se para um anilado, e em seguida para um amarelo cadavérico [(g)].

As mesma três frases anotadas pela D. Madalena Patrício e pelo Padre Curado. É curioso que estes três depoimentos mencionam todos o azul.

90. É de notar que todas as cores mencionadas, tanto do ambiente como das coisas, são cores do arco-íris, como

muito bem acentuou o Padre Inácio Lourenço (n.º 52) na sua importante carta [(d)].

91. Quanto às cores por que passou o sol, a inicial foi a de prata fosca, como disse Avelino de Almeida no seu célebre artigo do *Século* (n.º 31) e confirmou o correspondente do *Diário de Notícias* (n.º 33) e esta comparação fez sucesso porque foi repetida em muitos depoimentos. Não obstante, o Dr. Almeida Garrett não a acha apropriada (n.º 45) porque era uma cor mais clara, activa e rica, e com cambiantes, tendo como o oriente de uma pérola» [(d)].

92. Outros depoimentos comparam à lua cheia, o sol nesta primeira fase. Assim, D. Maria A. Vieira de Campos diz que viu (n.º 39) «como que um véu prateado, com forma arredondada, como se fosse a lua cheia». Ana Maria da Câmara afirma (n.º 47): «... e alguém me diz — olha para o sol — [(a)] ... sai-me da boca esta exclamação: É a lua» [(b, c)].

93. Mas o Dr. Almeida Garrett (n.º 45) não concorda com esta comparação pois diz que «... em nada se assemelhava à lua... porque se via e sentia ser um astro vivo <sup>(1)</sup> ... — não tinha a mesma tonalidade nem os claros-escuros» [(e)].

94. Quanto às cores por que passou o disco solar, Avelino de Almeida diz (n.º 32) no seu segundo artigo, que a superfície solar revestiu sucessivamente belas e rutilantes cores [(a)], mas não as nomeia: D. Maria A. Vieira de Campos, diz que o sol apresentou novos e variados cambiantes [(f)]. Depois de se ter mostrado como se fosse a lua cheia, passou «ao roxo-vivo, depois para o vermelho, depois para o verde-esmeralda e tomava finalmente a cor primitiva» [(h)].

---

(1) Com luz própria.

95. O Padre Curado (n.º 40) compara a cor do sol, na 1.ª fase, à pra.a fosca [(g)]; na 2.ª fase, diz que a cor é agora muito branca [(1)].

96. Jacinto de Almeida Lopes fala dos luminosos raios «que bem depressa [(d)] tomam as cores amarelo, encarnado e verde» [(e)].

97. Sobre as cores por que passou o sol, há um depoimento muito interessante da testemunha Ana Maria da Câmara (n.º 47) em que afirma que «o disco solar tomou diferentes cores [(f)] lançou para fora de si como rolos de fumo da cor de que está tinto [(g)] e que campo e multidão tudo a reflecte [(k)]», (entenda-se a cor do sol).

Deste depoimento podemos concluir que as cores do sol e as do ambiente eram sensivelmente as mesmas.

98. Quanto às formas por que passou o sol, e suas semelhanças, houve também depoimentos vários. Avelino de Almeida (n.º 31, h) compara-o a um disco de prata fosca. O Padre Manuel Pereira da Silva (n.º 34) diz que «imediatamente aparece o sol com a circunferência bem definida [(a)]».

99. O Dr. Almeida Garrett (n.º 45) diz que pôde ver o sol semelhante a um disco de bordo nítido, de aresta viva, luminosa e luzente, mas sem magoar [(c)].

Diz mais que também se não confundia com o sol encarrado através do nevoeiro (que aliás não havia naquele tempo), porque não era opaco, difuso e velado... [(f)].

100. Os problemas postos pelo afrouxamento da luz solar e pela permanência da cor do ambiente, em cada uma das fases do fenómeno, parecem nos ser um e o mesmo, mas a solução, se é que a tem, não pode ser fácil. Aliás há fenómenos meteorológicos que ainda não tiveram explicação aceitável, como é sabido, sendo muito menos complicados do que este. Nem nós tentaremos dar uma explicação de fenómeno

tão complexo e misterioso, mas apenas compará-lo, ou decompô-lo em partes comparáveis a fenómenos já conhecidos.

101. Mas antes disso teremos de pôr os depoimentos de acordo, ou pelo menos interpretá-los. Como explicar que o Padre Cruz Curado e a «estimável senhora», não vissem o amarelo? Não é verosímil que fosse devido a esquecimento, pelo menos no que respeita à «estimável senhora», que até aventa uma explicação para o facto de haver quem tenha visto o amarelo, o vermelho e o roxo. Também não vemos razões para rejeitar os depoimentos destas testemunhas, ambas cultas, que escreveram as suas impressões muito perto dos acontecimentos. O mais lógico é admitir que uns viram umas cores e outros viram outras. Só os afrouxamentos de luz se pode aceitar que foram vistos por todos.

102. Estes afrouxamentos da luz solar, em três períodos sucessivos de minutos, poder-se-iam explicar talvez pela interposição sucessiva, entre a Cova da Iria e o sol, de massas transparentes de nuvens de pequeníssimos e raros cristais de gelo, ou de finíssimas poeiras, que absorvessem parte da luz solar e filtrassem a outra parte, deixando a primeira massa passar a luz vermelha; a segunda, a luz azul; e a terceira, a luz amarela. Entre a passagem de cada massa e a seguinte mediará o espaço de tempo em que o sol pôde ferir a vista.

Como o vento corria para os lados de Alburitel, o fenómeno poderia repetir-se lá sensivelmente do mesmo modo (n.º 45, h).

Em Alburitel, foram vistas simultâneamente diversas cores (n.º 52, d) projectadas [(1)] na paisagem. Pode ser que na Cova da Iria sucedesse o mesmo, embora mais discretamente, de modo a só atingir uma pequena zona de excepção que possou despercebida à grande maioria dos presentes.

Tudo isto nos parece possível, mas de probabilidade pequeníssima.

104. Escusado será dizer que as cores e a sua permanência se não podem explicar por causas semelhantes às das auroras boreais, porque estas só se vêem de noite e o fenómeno solar realizou-se ao meio-dia.

§ 5.º Movimentos do sol

105. A leitura dos extractos que compendiamos no Capítulo III, leva-nos à conclusão de que o sol foi visto animado de movimentos, uns de rotação e outros de translação, no sentido da terra e no perpendicular a este, por ventura em cada uma das fases atrás consideradas (§ 3.º deste capítulo). A estes dois movimentos se referem quase todos os depoimentos, principalmente ao movimento de rotação. Testemunhas há que falam só neste, outras que falam nos dois separadamente, outras ainda que dão apenas uma impressão de conjunto, como Avelino de Almeida (n.º 31) que diz que o disco de prata fosca começou a dançar [(e)] num bailado violento e convulso [(d)] que grande número de pessoas comparou a uma dança serpentina <sup>(1)</sup> tão belas e rutilantes cores, etc. [(e, f)].

106. O correspondente do *Diário de Notícias* fala (n.º 33) em agitação circular como se fosse (o sol) tocado pela electricidade [(g)]. Diz mais que o sol pareceu abandonar a sua fictícia órbita [(i)], romper as nuvens [(j)] e descer no horizonte [(k)].

107. O Padre Manuel Pereira da Silva (n.º 34) diz que apareceu o sol, se aproxima à altura das nuvens [(h)] e começa girando sobre si mesmo vertiginosamente como uma roda de fogo preso [(c)]. Neste depoimento aparecem mencionados em separado o movimento de translação e o de rotação.

---

(1) A dança serpentina era acompanhada de luzes de cores diversas que incidiam sobre panos agitados por quem a dançava.

108. O Dr. Pinto Coelho (n.º 35) diz que viu o sol, umas vezes animado de velocíssimo movimento de rotação [(g)], outras vezes aparentando destacar-se do céu, aproximando se da terra [(h)]. Também neste depoimento os dois movimentos aparecem nitidamente separados.

109. D. Madalena Patrício diz (n.º 38) que se viu o sol rodar e girar em volta das nuvens afastadas [(g)]. O Padre Cruz Curado (n.º 40) fala também na roda de fogo preso [(e)] e apresenta-nos em seguida o disco de prata fosca tendo um rápido e bem visível movimento de rotação [(h)] parecendo até que se aproxima da terra [(i)]. Na 2.ª fase fala só do movimento de rotação [(l)]. Na 3.ª fase, de movimentos bruscos, sacudidos [(m)].

110. A «estimável senhora» menciona a roda de fogo preso e diz (n.º 41) que o prodígio se repetiu três vezes [(d) (e)].

111. O Dr. Almeida Garrett (n.º 45) diz que este disco tinha a vertigem do movimento... girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada [(k)]... O sol, conservando a celeridade da rotação, destaca-se do firmamento e sanguineo avança sobre a terra... São segundos de impressão terrífica [(d)].

112. Em Alburitel foram vistos os mesmos movimentos, segundo a carta do Padre Inácio Lourenço (n.º 52) em que se lê que o sol era como um globo de neve a girar sobre si mesmo [(b)]. Depois, de repente, pareceu que baixava em zig-zag, ameaçando cair sobre a terra [(c)].

A única diferença trazida por este depoimento é a descida em zig-zag.

113. É inútil amontoar depoimentos que nada acrescentam ao já dito, com excepção de D. Maria A. Vieira de Campos que neste particular é muito diferente de todos os



outros e por isso deixamos para o fim (n.º 39) a parte em que se distingue dos restantes, a saber:

«Ouviam-se gritos de todos os lados quando se destacava do sol como que uma forma branca de neve, brilhante, sem ferir a retina [(i)], vindo para nós, voltando de novo ao sol [(k)] e por fim escondendo-se à terceira vez entre as nuvens» [(l)].

114. Segundo este singular depoimento não era o sol que vinha para nós, mas «uma forma branca de neve» que dele se destacava e para ele voltava de novo.

115. Certas testemunhas relacionam com os movimentos do sol, concomitantes aumentos de temperatura. Assim, o Dr. Pinto Coelho (n.º 35), diz que vira o sol aparentar destacar-se do céu, aproximar-se da terra e irradiar um forte calor [(h, i)].

116. D. Maria V. de Campos diz (n.º 39) que, parada a chuva, se sentiu um calor como se entrássemos numa estufa aquecida [(b)]. Começou a ver-se o disco do sol [(c)]. O calor aumentava [(d)].

117. António Ramos Mira (n.º 42) ao observar os movimentos do sol e a variedade das cores notava ao mesmo tempo um afrouxamento de luz [(f)] e aumento de temperatura [(h)].

118. O Dr. Luis de Andrada e Silva (n.º 49) diz que o «sol parecia descer na atmosfera, em direcção à terra, acompanhado por vezes de um brilho extraordinário e de um calor intensíssimo [(f)].

119. Há quem afirme que, tendo sido enxarcado pela chuva que só momentos antes do fenómeno deixara de cair, enxugara durante ele. Assim, Carlos Silva (n.º 37) diz que «o que é para fazer admirar é que, estando eu todo molhado,

momentos antes, reparei que já estava enxuto!... A mais pessoas sucedeu o mesmo».

120. A D. Maria V. de Campos e companheiras (D. Ermelinda Gomes Ribeiro e D. Matilde Forjaz de Sampaio) não sucedeu assim, como ela mesma conta no seu opúsculo atrás citado: «Para mais satisfação nossa, depois da alegria inexprimível, da consolação, de havermos presenciado o grande milagre, tivemos a boa fortuna de encontrar lugar num automóvel que do Luso tinha levado os meus primos Jayme Forjaz de Serpa Pimentel e esposa, transportando-nos assim a Vila Nova de Ourém, onde umas senhoras caritativas nos emprestaram roupas para substituírmos as que trazíamos e que continuavam molhadas» (1).

121. Se a interpretação das cores e dos afrouxamentos da luz solar, a que nos referimos no parágrafo anterior, é difícilima, a destes movimentos é ultra-difícil.

É claro que nem foi o sol em relação à terra, nem a terra em relação ao sol, nem um e outro simultaneamente, que se moveram, porque se tal se tivesse dado, ter-se-ia desconjuntado a máquina do Mundo. Para demonstrar esta verdade não é preciso recorrer às observações dos astrónomos...

Os movimentos foram aparentes mas para os tornar sensíveis algo de real se devia ter passado.

122. Quanto aos movimentos de translação no sentido da terra, podem se explicar por variações apropriadas do diâmetro aparente, quer esses movimentos sejam lentos, quer rápidos. As «lentes de ar» de que fala o grande astrónomo norte-americano Donald H. Menzel, professor de Astrofísica da Universidade de Harvard (2), serviriam, em casos excep-

(1) M. A. V. de Campos, *op. cit.*, pág. 13.

(2) In «Flying saucers», 1953, pág. 205 (Cambridge, E. U. A.).

cionalísimos de duração, para explicar essas variações de diâmetro aparente do sol e, possivelmente, para explicar a variação das cores. Os movimentos bruscos de translação lateral, digamos assim, a que se referem o Padre Curado [m, 33] e o Dr. Nascimento e Sousa [b, 36] podem explicar-se também por efeitos de refacção.

123. Com «lentes de ar» apropriadas, poderia aparecer, em vez do sol, a sua imagem real, gerada por tais lentes, o que poderia explicar os movimentos de translação, tanto lentos, como rápidos; as subidas de temperatura, testemunhadas por muitos; e até o movimento de rotação que poderia ser, nesta hipótese, uma ilusão criada pelas deformações rápidas da mesma imagem real.

«*Algumas vezes esquecemo-nos, diz o citado astrónomo Menzel (1), de que o ar é a certos respeitos, semelhante ao vidro. Geralmente é transparente em pequenas espessuras, mas nas grandes, e quando tem irregularidades, pode dar lugar a apreciáveis distorsões. Algumas milhas de ar podem fazer distorsões iguais ou maiores do que as produzidas por algumas polegadas de vidro irregular. O ar, então, actua como uma espécie de lente, em geral, má, todavia muito eficaz por vezes.*»

Esta imagem real explicaria também o fenómeno, tal como o viu D. Maria A. S. Vieira de Campos (n.º 39) e por certo as suas duas companheiras e quem estava perto delas. Explicaria perfeitamente a passagem do depoimento do Dr. Almeida Garrett (n.º 45, h) onde diz que as nuvens davam a impressão de passar por detrás (do sol). Explica também a descida em zig-zag, como foi vista de Alburitel (n.º 112).

A hipótese das lentes de ar tem a vantagem de dar uma explicação unitária de todo o fenómeno.

---

(1) *Op. cit.*, pág. 206, in fine,

124. É de notar que, tanto o movimento rotativo, como a mudança de cores, se podem explicar sem a hipótese das lentes de ar. Diz Menzel (1):

*«A instabilidade das imagens de objectos distantes é talvez ainda mais impressionante de noite do que de dia. Luzes distantes parecem cintilar, mudando ao mesmo tempo de cor e de intensidade, bem como dançar à roda ou mudar de tamanho e de forma.»*

### § 3.º Extensão do fenómeno solar

125. Dos extractos de depoimentos que reproduzimos no Cap. III, apenas um (n.º 52) versa sobre o fenómeno solar como foi visto fora da Cova da Iria. Mas há notícia de outras terras em que o fenómeno também foi visto, embora de forma muito menos nítida do que em Alburitel.

126. Costa Brochado (2) conta que o grande poeta Afonso Lopes Vieira, estando com a família na sua casa de S. Pedro de Muel, a 50 quilómetros da Fátima, foi surpreendido, na varanda onde trabalhava, ao meio-dia de 13 de Outubro de 1917, pelos espantosos fenómenos solares àquela hora desenrolados na Cova da Iria, descendo ao terreiro, chamando a sua esposa e sogra, com a mais viva emoção: Depressa! Depressa! Venham ver!

E Costa Brochado acrescenta: *«O Poeta contava este facto aos seus íntimos, com profunda convicção e, sua viúva, Snr.ª D. Helena de Aboim Lopes Vieira confirma-o, agora, explicando que, tendo seguido à pressa, com as demais pessoas presentes, o Poeta, até à varanda, daí observaram o maravilhoso espectáculo que depois souberam ter se produzido na Cova da Iria».*

---

(1) In *op. cit.*, pág. 206.

(2) *Op. cit.*, págs. 315 e 316.

127. A madre Maria do Carmo Lopes da Fonseca, baseada em documentos pertencentes ao arquivo do Dr. Formigão (Visconde de Montelo) diz-nos, em resposta a uma pergunta nossa, que, na Praia da Granja, houve «*peessoas que viram o movimento de rotação e a nuvem cor-de-rosa passar por diante do sol*».

Doutro documento pertencente ao mesmo arquivo, a Madre Maria do Carmo recortou um trecho de que destacamos a seguinte frase — *aqui em Torres Novas à mesma hora também se manifestou no sol qualquer cousa, mas pela descrição que me fazem não se pode comparar...* (1)

128. Em carta de 17-VIII-1958, recebida já depois de pronta para ir para o correio a memória que enviámos para o Congresso de Lourdes, diz-nos a Senhora D. Maria do Carmo:

«*Escrevi à minha amiga D. Berta Leite (filha do falecido pintor José Leite) que respondeu à minha pergunta: — É verdade que seu pai viu algures o milagre solar de 1917?*

— *Eis o que me escreveu: ... O milagre de Fátima que o paizinho viu foi em 13 de Outubro. Ele gostava de ir de comboio até Santo Amaro de Oeiras e de estar algumas horas a pintar. Era na linha de Cascais. E eu costumava a ir também mas naquele dia não fui. Estávamos em Parede. O Paizinho ia pintar o rochedo na praia e de repente teve que interromper, o sol girava... girava. Veio para casa encantado... E dizia: Foi lindo! Foi lindo!...*»

129. Vê-se pelos depoimentos transcritos que o fenómeno foi visto desde a Praia da Granja, à Praia de Santo Amaro de Oeiras; e desde S. Pedro de Muel até Alburitel. Pode dizer-se, grosso modo, que em todo o Portugal compreendido entre o Douro e o Tejo.

---

(1) Com o que se viu na Cova da Iria.

## § 7.º Frequência do fenómeno

130. Do célebre artigo do Dr. Pinto Coelho, tantas vezes por nós citado neste trabalho e que na ocasião deu origem a muitas polémicas, vamos transcrever mais umas linhas:

*«O que víramos no sol era cousa excepcional? Ou reproduzir-se ia em circunstâncias análogas?»*

*Ora precisamente esta analogia de circunstâncias proporcionou se nos ontem. Pudemos ver o sol meio toldado de nuvens, como no sábado (1). E sinceramente: — Vimos as mesmas sacessões de cores, o mesmo movimento rotativo, etc.»*

131. A 1.ª testemunha do Inquérito Paroquial, Jacinto de Almeida Lopes (n.º 50), declarou que no dia de Nossa Senhora da Purificação, do ano de 1918, por volta das três horas da tarde, estando no mesmo local, verificou no sol idênticos sinais aos do dia 13 de Outubro, o que não tem verificado em muitos outros dias em que lá foi.

132. A «Voz da Fátima», em o número de 13 de Outubro de 1926, traz diversos casos semelhantes observados em Portugal e no estrangeiro. Diz-se neste artigo, que em Portugal se tem observado diversos fenómenos solares de que há documentos testemunhais: em 13 de Maio de 1922, pelas 19 horas, entre Vila Nova de Ourém e Torres Novas, os peregrinos da Fátima viram os mesmos prodígios que em 13 de Outubro de 1917, embora menos intensos. Antes desta data, no momento da aparição de Nossa Senhora, nos Valinhos nomeadamente, foi visto o fenómeno por quem deu testemunho dele. Em 13 de Maio de 1923 («Voz da Fátima», n.º 9); em 13 de Março de 1924 (visto no Colégio da Regeneração em Braga, inclusivamente pelo Rev. Padre Airosa

---

(1) Dia 13. O artigo é do dia 16.

e Madre Superiora); em Agosto, 13, do mesmo ano (na Fátima); em Maio de 1925 (testemunhado pelo Rev. Padre Paulo Machado, de Condeixa, e seus companheiros de ocasião), na Fátima, no dia 13; e ainda em Alcácer do Sal, pelo Senhor Luís António Carraça e Família, na Herdade da Ervideira, e bem assim por quinze jornaleiros que serviam a mesma; em 13 de Maio de 1928, na Cova da Iria (relatório escrito do Senhor Dr. Weiss de Oliveira, ex-cirurgião dos Hospitais, médico-ginasta, com data de 29-v-1928).

Cita ainda o mesmo artigo diversos casos semelhantes, sucedidos no estrangeiro, que por brevidade omitimos, limitando-nos a transcrever o seguinte:

*«Teve forte retumbância em todo o mundo o anúncio feito na Cova da Iria, pelo Cardeal Tedeschini, em 13 de Outubro de 1951, de que Sua Santidade Pio XII fora testemunha de igual milagre, nos jardins do Vaticano, por quatro vezes sucessivas, nos dias 30 e 31 de Outubro e 1 e 8 de Novembro do Ano Santo de 1950».*

### CONCLUSAO FINAL

133. Depois desta enumeração de casos registados e documentados, parece-nos que se pode responder à pergunta do Dr. Pinto Coelho: *«o que víramos no sol era coisa excepcional? Ou reproduzir-se-ia em circunstâncias análogas?»*.

O dilema posto pelo célebre jurisconsulto, entendido no sentido natural, está mal formulado, porque um successo natural pode ser rarissimo e, não obstante, repertir-se-á sempre em circunstâncias análogas. É o principio de causalidade.

Se por «coisa excepcional» o Dr. Pinto Coelho entendia o milagre, então pôs mal a questão, porque não devia isolar o fenómeno solar do anúncio que dele fez Lúcia três meses antes. São vulgarissimas no mar de Tiberiades tempestades que tão depressa se alevantam como repentinamente se acalmam. Uma tempestade destas nada tem em si mesma de miraculosa, nem quando começa, nem quando finda, o que

nada prova contra o milagre feito pelo Divino Mestre, porque o milagre não consistia na acalmia só, mas no facto de esta se realizar logo a seguir à Sua ordem. O mesmo se pode dizer das duas pescas miraculosas.

Anàlogamente, o milagre do sol, não consta só do maravilhoso espectáculo que dezenas de milhares de pessoas tiveram a felicidade de admirar na Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917; mas deste e do seu anúncio com antecipação de três meses.

Diz o Evangelista S. Lucas (V, 1-2), depois de descrever a primeira pesca miraculosa que Simão-Pedro, vendo isto, caiu aos pés de Jesus e Lhe disse: Afastai-vos de mim, Senhor, que sou um pecador! Porque o assombro se apossara dele e de todos os que estavam com ele, por causa da pesca que acabavam de fazer.

Também na Cova da Iria o assombro se apossou daquela grande multidão porque via cumprir-se a promessa que a Senhora fizera à Lúcia a 13 de Julho: *daqui a três meses faço então com que todos acreditem*. Promessa que repetiu nos Valinhos, dizendo que, *no último mês faria um sinal no Céu que todos haviam de acreditar*. E fez, e todos acreditaram.

DIOGO PACHECO D'AMORIM



## APÊNDICE

Extracto de uma carta da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria do Carmo Lopes da Fonseca:

. . . . .  
Há provas autênticas de que o fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917 foi observado em:

1.º *Praia da Granja.* — Em carta da Senhora D. Maria Joaquina Tavares de Proença Garrett, esposa do Catedrático de Coimbra (com domicílio em Castelo Branco) Dr. Gonçalo de Almeida Garrett, ambos testemunhas oculares do milagre, na Cova da Iria, — carta escrita ao Senhor Cónego Formigão e datada de 14 de Outubro de 1917 — lê-se «... aqui na Granja (praia onde estavam a veranejar) houveram (sic) pessoas que viram o movimento de rotação do sol e a nuvem cor-de-rosa passar por diante do sol».

2.º *Torres Novas.* — Escreve a Senhora D. Adelaide Grego a uma amiga (carta que pertence ao arquivo do Senhor Cónego Formigão, hoje propriedade das Religiosas Reparadoras de Fátima), com data de 24 de Novembro de 1917: — «... O que se passou no dia 13 de Outubro foi realmente maravilhoso, foi um grande prodígio da SS.<sup>ma</sup> Virgem querer demonstrar o seu poder! Cada vez estou mais satisfeita em ter lá ido — aqui em Torres Novas à mesma hora também se mani-

*festou no sol qualquer coisa, mas pela descrição (sic) que me fazem não se pode comparar...»*

3.º *Leiria.* — No seu número de 8 de Novembro, o «*Mensageiro de Leiria*» insere notável crónica assinada pelo seu Director Rev. Padre José Ferreira de Lacerda (que ainda hoje continua no mesmo posto que desempenha com igual competência e brilho). É dessa crónica o seguinte testemunho: «...Como era possível haver sugestão em pessoas de tão diversas categorias e mais ainda em pessoas que não tendo ido a Fátima presenciaram o facto em Leiria — àquela hora?»

5.º *Alburitel.* — Tem corrido mundo, inserta em diversos livros, uma carta escrita pelo Rev. P.º Inácio Lourenço, missionário actualmente em Goa, natural de Alburitel, Concelho de Vila Nova de Ourém. Frequentava ele ao tempo a escola primária daquela aldeia, sua terra natal. Tinha os seus 10 ou 11 anos. A professora ainda vive — D. Delfina da Assunção Pereira Lopes — com a idade de 86 anos. É minha Mãe. Nesse Outubro tinha eu completado 4 anos. Lembro-me perfeitamente do alvoroço da população nesse dia, do pavor que se apoderou de muita gente, porque o fenómeno foi ali visto de maneira quase tão espectacular como na Cova da Iria. Há uma prova, que considero formidável, a atestar a profecia dos videntes de Fátima. Soube-se antecipadamente que o milagre prometido pela Aparição se daria «nos astros» — como se expressava o povo. Por isso, na manhã de 13 de Outubro de 1917 houve quem, na minha aldeia natal — Alburitel — se ocupasse a foscá-los bocados de vidraça à luz da candeia para poderem olhar o sol sem prejuizo para a vista. E todavia o céu estava carregado de densas nuvens. Este facto é absolutamente verídico. Testemunhei-o eu. Recordo-me dele como se fosse de hoje. Junto-se um grupo de populares e, apesar do mau tempo, foram para um monte de onde se domina vastissimo horizonte, avistando-se, muito longe, os cabeços de Fátima.

Esse grupo esperou lá o meio dia solar. Entre os curiosos encontrava-se o actual Reitor do Santuário de Fátima, Rev. Dr. Joaquim Lourenço, irmão mais velho do referido missionário Rev. Padre Inácio Lourenço, que acompanhava sua Mãe. Sua Rev.<sup>a</sup> recorda-se perfeitamente do que se passou de patético e dramático nesse monte naquela hora. De repente o sol rasgou as nuvens e mostrou-se num vertiginoso movimento de rotação, para logo descer como que num ímpeto, dando a impressão de se desprender do firmamento para os matar a todos. Aquela gente — umas vinte pessoas — puzeram-se a clamar em altos gritos, a pedir socorro a Deus e a Nossa Senhora, julgando que morreriam sem tardar. E quando o sol deu um salto sobre eles, o pânico não podia ser maior. Atiraram-se para a terra e esperaram o esmagamento — segundos que teriam parecido anos! Dizia-me ainda o ano passado o Rev. Dr. Joaquim Lourenço que, atirado para o chão e vendo que a morte tardava, levantou um bocadinho a cabeça e viu que o sol tinha subido e rodopiava lá em cima, imitando, sem ferir a vista, uma luz multicolor, coisa nunca vista. Foi triplo aquele *salto* solar, e de cada vez o povo se atirava para a chão, aos gritos, julgando ser o fim da sua vida. Depois tudo voltou à normalidade, no firmamento. O povo regressou a casa estarrecido. Na povoação espalhou-se também o pânico. O que aconteceu na escola, relata-o o Rev. Padre Inácio Lourenço na referida carta. O povo correu para a Capela do lugar e clamava em altas vozes pela misericórdia de Deus — O facto deixou suspensa toda a aldeia. Não me recordo de ter visto o fenómeno. Mas lembro-me de ver a ansiedade de minha Mãe, depois, esperando quem regressasse de Fátima — pois se chegou a pensar que teria lá morrido tudo. Passa o primeiro peregrino. Era um homem (parece que o estou vendo) numa marcha leve, apressada, absorto, sem se deter em parte alguma, respondendo sem deter a marcha aos que o interrogavam. Não tenho conhecimento de que o milagre solar de 13 de Outubro tivesse sido visto noutra localidade com tal magnitude.

Nota elucidativa: a distância que vai de Fátima à Granja é de cerca de 170 quilómetros. De Torres Novas a Fátima distam 38 quilómetros. São aproximadamente 28 os quilómetros que medeiam entre Leiria e da Cova da Iria (pelas Cortes). E de Fátima a Alburritel são uns 14, a guiar-me pelo mapa da «Socony-Vacuum».

Fátima, 10 de Junho de 1958.

## ÍNDICE POR ARTIGOS

---

|                                                                                                                 | ágs. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| <i>Crónica do Real Mosteiro de Santa Cruz</i> (continuado do vol. 121.º), por D. TIMÓTEO DOS MÁRTIRES . . . . . | 1    |
| <i>Pascal. Pensées choisies</i> , por JOSÉ DE PINA MARTINS . . . . .                                            | 75   |
| <i>O fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917</i> , por DIOGO PACHECO DE AMORIM . . . . .                        | 145  |

THE HISTORY OF THE

... ..

## ÍNDICE POR AUTORES

---

|                                                                                                                | Págs. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| DIOGO PACHECO DE AMORIM — <i>O fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917</i> . . . . .                           | 145   |
| JOSÉ DE PINA MARTINS — <i>Pascal. Pensées choisies</i> . . . . .                                               | 71    |
| TIMÓTEO DOS MÁRTIRES (D.) — <i>Crónica do Real Mosteiro de Santa Cruz</i> (continuado do vol. 121.º) . . . . . | 1     |

